



**DEPARTAMENTO DE LETRAS ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO BACHARELADO EM JORNALISMO**

**PLANTA PROFESSORA:
VÍDEO-DOCUMENTÁRIO SOBRE O IMAGINÁRIO SOCIAL E O ASPECTO
TERAPÊUTICO DA AYAHUASCA EM CONTEXTO RELIGIOSO**

VICTOR VIDIGAL GUIMARÃES REIS

Macapá

2018

VICTOR VIDIGAL GUIMARÃES REIS

PLANTA PROFESSORA:
**VÍDEO-DOCUMENTÁRIO SOBRE O IMAGINÁRIO SOCIAL E O ASPECTO
TERAPÊUTICO DA AYAHUASCA EM CONTEXTO RELIGIOSO**

**Memorial do Projeto Experimental
apresentado à banca examinadora, como
requisito para conclusão do curso de Jornalismo
e obtenção do título de bacharel em jornalismo
pela Universidade Federal do Amapá
(UNIFAP).**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Isabel Regina Augusto

Macapá

2018

SUMÁRIO

Resumo _____	04
Introdução _____	05
Problema da pesquisa _____	11
Justificativa _____	13
Objetivo _____	15
Referencial Teórico _____	16
Metodologia _____	39
Conclusões _____	43
Referencial Bibliográfico _____	46
Apêndices _____	51

RESUMO

Este memorial trata do documentário “*Planta Professora: vídeo-documentário sobre o imaginário social e o aspecto terapêutico da ayahuasca em contexto religioso*”, de 45 minutos de duração, resultado de pesquisa que tem por finalidade registrar o uso do chá *ayahuasca*, em contexto religioso, prática legalizada no Brasil, por órgão regulador, desde 1987 (LABATE; ROSE; SANTOS, 2008, p. 45). Por se tratar de um alucinógeno a bebida ainda carrega um imaginário negativo, ignorando possíveis benefícios que a bebida, eventualmente, pode trazer à saúde mental humana, perspectiva essa demonstrada em pesquisas científicas que vem sendo realizadas desde os anos 90, nas áreas da saúde mental, psiquiatria e biomedicina. Esse é o aspecto da *ayahuasca* que buscamos apresentar no documentário, através da “história” de dois jovens em condições mentais opostas, bem como em depoimentos de colaboradores da psiquiatria, saúde mental, religião, pessoas que fazem parte do universo ayahuasqueiro e público geral. O produto usa da abordagem expositiva, observativa e performática em sua narrativa (Nichols, 2016, p.181).

Palavras-chave: Documentário, Saúde Mental, *Ayahuasca*, Depressão, Imaginário

1 - INTRODUÇÃO

“Planta Professora” é o nome que algumas comunidades usam para se referirem ao chá da *ayahuasca*, o motivo é porque os nativos acreditam que a experiência com o chá possa trazer aprendizados que a *ayahuasca* pode fornecer (ARAÚJO, Dráulio Barros de. Macapá: 2018. Apêndice: p. 89). *Ayahuasca* é o nome que se dá ao chá alucinógeno ou enteógeno¹ produzido da decocção de duas plantas nativas da floresta amazônica: o cipó *Banisteriopsis Caapi* (cipó-mariri) e as folhas das espécies de *Psychotria Viridis* (chacrona). O nome tem origem no dialeto *quíchua*, língua indígena disseminada na América do Sul durante a ascensão do Império Inca, no século XV segundo Zuluaga (2009, p. 132). “É uma macro-língua com diversos seguimentos, tradicionais da região onde, hoje, se encontra países como Peru, Bolívia, Colômbia e Equador” (ANDRADE, Afrânio. Mazagão: 2018. Apêndice: p. 66)². O termo *ayahuasca* pode ser traduzido como “cipó da alma” ou “trepadeira das almas” – fazendo referência ao cipó utilizado como base na preparação do chá, de acordo com Zuluaga (2009, p. 134).

O assunto *ayahuasca* é um mosaico amplo e complexo de contextos que podem ser abordados de diferentes perspectivas que vão desde a antropológica, passando pela religiosa, farmacológica, botânica, entre outras, conforme Labate, Rose e Santos (2008, p. 60). O documentário *Planta Professora* aborda brevemente alguns desses contextos do mosaico da *ayahuasca*, no intuito de contextualizar o “mundo ayahuasqueiro” ao telespectador menos antenado à temática; porém o foco de registro é o aspecto do imaginário social que cerca a bebida, marcado por um estigma negativo relacionado às drogas. Estigma esse que acaba por motivar o esquecimento de outro ponto chave do documentário: a relação deste chá com a saúde mental na contemporaneidade, visto que desde os anos 90 vem sendo retomadas pesquisas científicas e estudos clínicos com *ayahuasca* no sentido de se descobrir os reais efeitos dessa beberagem sob pacientes que apresentam condição de depressão e/ou uso abusivo de psicoativos.

¹O termo enteógeno foi proposto pelos estudiosos estadunidense Gordon Wasson, Carl Ruck e pelo suíço Albert Hoffman com a finalidade de classificar plantas que têm sido usadas como instrumentos sagrados de êxtase. A palavra é derivada do grego antigo, onde *entheos* significa “inspirado ou possuído por um deus” e *geno* refere-se a “geração, produção de algo”. Uma tradução próxima seria algo como “aquilo que produz uma inspiração ou possessão divina”, ou até mesmo “aquilo que leva alguém a ter o divino dentro de si” (LABATE; ROSE; SANTOS, 2008, p. 49).

² ANDRADE, Afrânio Patrocínio. Afrânio Patrocínio Andrade: entrevista [Março 2018]. Entrevistador: Victor Vidigal. Mazagão: Residência do entrevistado, Amapá, 2018. Arquivo em vídeo. Entrevista concedida ao documentário “Planta Professora”.

Pesquisas científicas estudando os potenciais terapêuticos de psicodélicos como *ayahuasca* e psilocibina (princípio ativo dos chamados ‘cogumelos alucinógenos’), retomam a atenção da ciência e da mídia no século XXI (ARAÚJO, Dráulio Barros de. Macapá: 2018. Apêndice: p. 84-85)³, justamente o século marcado por uma fragilizada saúde mental dos sujeitos da sociedade capitalista (HAN, 2015). Exemplo disso são dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) que revelam que 322 milhões de pessoas no mundo vivem com depressão, sendo dessas, 11,5 milhões no Brasil (World Health Organization, 2017). O Relatório Mundial sobre Drogas, do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, aponta o uso de drogas por 250 milhões de pessoas. Dessas, cerca 29,5 milhões apresentaram algum transtorno relacionado ao uso abusivo de drogas, incluindo dependência (United Nations Office on Drugs and Crime, 2017).

O documentário *Planta Professora* representa tal cenário a partir da história de dois jovens de condições mentais opostas, mas que vêm suas vidas se convergirem através da *ayahuasca*. O primeiro é Gabriel Santos (nome fictício usado para preservar a imagem do ator social), 22 anos, estudante de Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá, que apresenta um quadro depressivo moderado e toma remédios antidepressivos desde os 18 anos, e busca na *ayahuasca* uma alternativa aos tratamentos com antidepressivos convencionais. O segundo é Rogério Britto (nome fictício), 25 anos, autônomo, que conta ter conseguido superar a depressão e o uso abusivo de psicoativos através do uso religioso de *ayahuasca* em um grupo *neoayahuasqueiro*⁴.

Como cenário principal do documentário em vídeo temos a cidade de Macapá, capital do Amapá, local bastante sugestivo para se tratar de *ayahuasca* e saúde mental. Primeiro, por ser uma cidade no extremo norte do Brasil, cercada pela floresta amazônica, lugar onde a cultura ayahuasqueira está enraizada desde os primórdios. Segundo, por ser a cidade com um dos maiores índices de suicídios no Brasil (BITTENCOURT, Marina Noli. UNIFAP: 2018. Apêndice: p. 73)⁵, o que demonstra a fragilidade da saúde mental na capital amapaense.

³ ARAÚJO, Dráulio Barros de. Dráulio Barros de Araújo: entrevista [Julho 2018]. Entrevistador: Victor Vidigal. Vídeo chamada: Santa Bárbara, Califórnia, 2018. Arquivo em vídeo. Entrevista concedida ao documentário “Planta Professora”.

⁴ O termo foi determinado por Labate (2009, p. 255) ao referir-se a grupos ayahuasqueiros urbanos derivados das matrizes religiosas do universo ayahuasqueiro brasileiro (Santo daime, União do Vegetal e Barquinha). Segundo a autora, esses grupos fabricam novos rituais e conjuntos de referências doutrinárias, ao mesmo tempo que buscam legitimidade através da relação histórica e simbólica com as religiões mencionadas.

⁵BITTENCOURT, Marina Noli. Marina Noli Bittencourt: entrevista [Abril 2018]. Entrevistador: Victor Vidigal. Macapá: UNIFAP-AP, 2018. Arquivo em vídeo. Entrevista concedida ao documentário “Planta Professora”.

A vivência dos dois personagens com *ayahuasca* aconteceu no grupo *neoayahuasqueiro* Escola da Corte Celestial⁶ que trabalha com o chá de forma ritualizada no sentido de buscar a “concentração mental, equilíbrio emocional e o desenvolvimento espiritual” (ANDRADE, Afrânio. Mazagão: 2018. Apêndice: p. 71) . Atualmente a sede do grupo se localiza no município de Mazagão, no Amapá.

Vale frisar que desde 1987 a *ayahuasca* é legalizada no Brasil para fins religiosos (LABATE; ROSE; SANTOS, 2008, p. 45). Em 2010, a resolução 01/10, de 25 de janeiro estabeleceu um código deontológico a ser aplicado ao uso religioso e ritual da *ayahuasca* (REGINATO, 2010, p. 65), levando em consideração uma série de fatores, como: o direito constitucional ao culto e à liberdade individual, a implementação de estudo e pesquisa sobre o uso terapêutico da *ayahuasca* em caráter experimental, além do entendimento de que o controle administrativo e social do uso religioso da *ayahuasca* só poderia ser estruturado com o saber detido pelas comunidades ayahuasqueiras (CONAD, 2010).

Segundo Pereira e Brito (2002, p. 2) ainda não se sabe de fato aonde a tradição da *ayahuasca* (também conhecida como *hoasca*, *yagé*, *caapi*, *kamarampi*, *natema*, *ambiwaska*, *daime*, *vegetal*, dependendo da cultura) se originou. Segundo hipóteses, osurgimento teria sido ainda na pré-história, a região mais provável para o nascimento da tradição seria o piemonte amazônico, com as tribos indígenas que ali habitavam, como informa Zuluaga (2009, p. 132). Registros arqueológicos – vasos de cerâmicas, estatuetas antropomórficas – datados de 400 e 700 a.C. indicam o uso desses artefatos em rituais xamânicos com *ayahuasca*, praticados pelos indígenas. (NARANJO apud. ANDRADE, 1995, p. 83).

De acordo com No contexto brasileiro, há cerca de cinquenta anos atrás, a *ayahuasca* era conhecida apenas por rituais “exóticos” na floresta amazônica e tomada por uma atmosfera misteriosa. A partir dos anos de 1970, iniciou-se um processo de “descoberta” das religiões ayahuasqueiras tradicionais brasileiras (Santo Daime, União do Vegetal e Barquinha) por parte de intelectuais, artistas, *hippies*, curiosos e pessoas em busca de cura (LABATE; ROSE; SANTOS, 2008, p. 24).

⁶(ANDRADE, Afrânio. Mazagão: 2018. Apêndice: p. 71) A Escola da Corte Celestial é um grupo *neoayahuasqueiro* que trabalha pela evolução do ser humano no sentido de seu desenvolvimento emocional, mental e espiritual. Ela existe desde 2014 em Porto Velho (RO), e desde 2016 no Amapá, com sede no município de Mazagão. Os rituais são realizadas em âmbito interno, em forma de aulas, meditações e celebrações religiosas. As vivências são dirigidas pelo professor titular, uma espécie de coordenador dos rituais, quem atualmente ocupa o cargo é Afrânio Patrocínio Andrade.

Labate, Rose e Santos (2008, p. 24) falam que esse processo de “descoberta” favoreceu para que, nos anos de 1980, parcelas da classe média dos grandes centros urbanos brasileiros adotassem essas religiões para a vida, e que houvesse a expansão das mesmas ao exterior no final desta década. Nesta mesma época, o interesse da grande mídia em relação ao tema se manifestou, o que “ocasionou matérias jornalísticas abordando os grupos religiosos pelo viés sensacionalista” (MACRAE, 1992, p. 15).

Esta bebida provoca controvérsias muito por conta de seus efeitos alucinógenos, advindos da decoção de duas plantas: as folhas de *Psychotria Viridis*, conhecida popularmente como Chacrona, que apresenta o alucinógeno N, N-dimetiltriptamina (DMT) e do cipó da *Banisteriopsis Caapi*, conhecido popularmente de Cipó-Mariri, que tem em sua composição os alcaloides com estrutura β -carbolina harmina, harmalina e a tetrahydroharmina (THH). “A combinação dessas substância ao organismo humano causa uma série de efeitos, sendo alguns deles constatados, como: estado alterado de consciência, modificação de processos cognitivos, perceptivo-sensoriais e afetivos” (CALLAWAY et al., 1999; RIBA et al., 2003 apud AMARAL, 2013, p. 4).

Segundo Labate, De Rose e Dos Santos (2008, p. 60), no começo dos anos de 1990, pesquisas controladas que buscavam se aprofundar a respeito dos efeitos bioquímicos, fisiológicos, neurológicos, psiquiátricos e psicológicos da *ayahuasca* em seres humanos começaram a ser realizadas. Entre essas pesquisas o *Projeto Farmacologia Humana da Hoasca* (GROB et al., 2009) obteve destaque no meio científico nacional e internacional. A pesquisa, realizada com a parceria de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, tem sua importância pois apresenta indícios de que o chá, quando usado em contexto religioso, possa reduzir sintomas do uso abusivo de drogas, não comprometendo a saúde mental e a cognição de adultos (LABATE; ROSE; SANTOS, 2008, p. 67)

Mais recentemente, pesquisas vêm estudando o efeito da *ayahuasca* sobre a depressão. Exemplo disso é o estudo publicado em 2017, pela Revista Brasileira de Psiquiatria e desenvolvido por cientistas brasileiros e estrangeiros da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto. O estudo aplicado em laboratório, observou que o chá *ayahuasca* promoveu a mesma ação dos antidepressivos, porém, os efeitos foram observados de maneira mais rápida e permaneceram significativos durante duas a três semanas nos participantes (OSÓRIO et al., 2015, p. 17).

Bem como, a pesquisa “*Rapid antidepressant effects of the psychedelic ayahuasca in treatment-resistant depression: a randomized placebo-controlled trial*”, ligado ao Instituto

do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob coordenação de Araújo *et al.* (2018, p. 6) em que após um grupo de controle de 15 pacientes com depressão terem sido submetidos a uma única dose de *ayahuasca* foram detectados uma redução significativa dos efeitos depressivos, até sete dias após a experiência com o chá. Em entrevista realizada com o pesquisador para o documentário “Planta Professora”, o neurocientista Dráulio Barros de Araújo ressaltou que a *ayahuasca* não pode ser entendida como algo que vai funcionar para todas as pessoas:

O que a gente tem como próximos passos é seguir o caminho da ciência, que significa o que. Nesse segundo trabalho a gente submeteu 35 pacientes ao tratamento; é muito pouco. E nem todo mundo respondeu. Então uma coisa que a gente percebe muito claramente é que a *ayahuasca* não é uma “bala de prata”. O que a gente precisa identificar agora é detectar quais condições a gente otimiza o efeito e naturalmente aumentar o número de indivíduos que participam desse tipo de terapia pra que a gente consiga identificar em quais indivíduos você tem uma melhor resposta e sob quais condições você obtém uma melhor resposta (ARAÚJO, Dráulio. Macapá: 2018. Apêndice: p. 80).

As pesquisas citadas acima, são observadas com cautela por se tratarem de estudos incipientes, com número reduzidos de participantes e uma série de variáveis (gênero, idade, interferências culturais e semânticas, tempo de uso do chá, metodologias não tão rigorosas) que não permitem comprovar de forma objetiva e científica o grau de benefício que a *ayahuasca* pode vir a trazer a saúde mental. Mas deixam em aberto um campo de estudo a ser aprofundado com métodos mais rigorosos, pela psiquiatria, biomedicina e outros ramos das ciências da saúde, de acordo com Labate, Rose e Santos (2008, p. 92).

O trabalho não busca entender a *ayahuasca* como a cura de nada e nem como substituta de remédios, mas sim como uma ferramenta que pode vir a ser auxiliadora e facilitadora para tratamento de depressão e/ou dependência química.

O objetivo principal é a produção de um curta documentário, sobre o uso religioso da *ayahuasca* e o aspecto terapêutico deste chá em indivíduos em condição de depressão e/ou uso abusivo de psicoativos. Para isso, busca-se imprimir na estética do documentário os modos *expositivo, observativo e performático*, de acordo com Nichols (2016).

Deste modo, abordar histórias de vida de pessoas que se relacionam com o tema, além de realizar entrevistas com colaboradores das áreas de saúde mental, psiquiatria, religião e farmacologia são objetivos deste trabalho. Neste contexto, busca-se o seguinte questionamento: a *ayahuasca* pode vir a ser uma alternativa aos tratamentos convencionais a pacientes em condição de depressão e/ou uso abusivo de psicoativos, mesmo com o imaginário negativo que a cerca?

2 - PROBLEMA DA PESQUISA:

A ideia de fazer um produto jornalístico que abordasse a temática da saúde mental nasce em 2015, após a leitura da obra *Sociedade do Cansaço*, do filósofo sul-coreano erradicado na Alemanha, Byung-Chul Han. Na obra, Han (2015, p. 23-31) apresenta sua visão de que não estamos mais na sociedade disciplinar de Foucault, marcada por hospitais, quartéis e fábricas; e sim, na sociedade do cansaço marcada por academias *fitness*, *shopping centers*, laboratórios de genéticas e conexão *wi-fi*. Porém, para Han, a principal característica desse novo modo de vida é a “violência neuronal” (HAN, 2015, p.17). Doenças como depressão, déficit de atenção, ansiedade, transtorno de personalidade limítrofe (TPL) e síndrome de burnout caracterizam a “paisagem patológica do começo do século XXI” (HAN, 2015, p. 7-8).

A leitura instigou-me a pesquisar mais sobre assuntos relacionados a saúde mental na contemporaneidade. Após pesquisas na internet, tive contato com dados da Organização Mundial da Saúde revelando que 322 milhões de pessoas no mundo vivem com depressão, sendo dessas, 11,5 milhões no Brasil (WHO, 2017). Outros dados encontrados foram do Relatório Mundial sobre Drogas, do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, que apontam o uso de drogas por 250 milhões de pessoas. Dessas, cerca 29,5 milhões apresentaram algum transtorno relacionado ao uso abusivo de drogas, incluindo dependência (UNODC, 2017), como visto anteriormente.

Também durante esse período tive contato com pesquisas científicas⁷, reportagens em revistas⁸ e documentários⁹ que abordam o aspecto terapêutico da ayahuasca. Observa-se que são pesquisas incipientes, mas que vem ganhando certo espaço na mídia muito por conta da “paisagem patológica do começo do século XXI”, citada acima.

⁷ Um colaborador importante na divulgação de pesquisas sobre psicoativos é o site do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre psicoativos: <http://neip.info/>

⁸ ROMERO, Simon. **Presos de Rondônia encontram redenção na ayahuasca**. The New York Times, São Paulo, 04 de abr. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/04/1612238-presos-de-rondonia-encontram-redencao-na-ayahuasca.shtml>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

NOGUEIRA, Pablo. **Ayahuasca: Da Magia à Possível Cura para Alcoolismo e Depressão**. Motherboard, 17 de ago. 2015. Disponível em: <https://motherboard.vice.com/pt_br/article/kbge5e/ayahuasca-contralcoolismo-e-depressao>. Acesso em: 11 ago. 2018.

FERNANDES, Nathan. **Como a ayahuasca e outros psicodélicos estão revolucionando a psiquiatria**. Galileu, 27 de jul. 2018. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/noticia/2018/07/como-ayahuasca-e-outros-psicodelicos-estao-revolucionando-psiquiatria.html>> Acesso em: 11 ago. 2018.

⁹ **Ayahuasca: o chicote da alma**. Direção: Bruno Veiga Valentim. Produção: Rick Nogueira. Canal Futura; Ideias Ideais; Brasil Raiz Cine 1. 2017. (13min). Disponível em:<<http://www.futuraplay.org/video/ayahuasca/399777/>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

No entanto, por se tratar de bebida alucinógena, *ayahuasca* ainda carrega um imaginário social negativo. Um dos espaços onde esse imaginário se manifesta é na mídia (jornais, televisão, sites) segundo Labate, Rose e Santos (2008, p. 24) e MacRae (1992, p. 15).

Neste contexto surge a inquietação pessoal em relacionar *ayahuasca* e saúde mental através de um produto jornalístico, usando-se do audiovisual para isso. Portanto, o documentário tem como problemática fundamental o seguinte questionamento: a *ayahuasca* pode vir a ser uma alternativa aos tratamentos convencionais a pacientes em condição de depressão e/ou uso abusivo de psicoativos, mesmo com o imaginário negativo que a cerca?

3 - JUSTIFICATIVA:

A vontade em realizar este projeto experimental surge a princípio motivada pela obra *Sociedade do Cansaço*, do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Na obra, o pensador apresenta sua visão da sociedade do século XXI, marcada por um contexto de patologias “neurais”, como depressão, transtornos de déficit de atenção, hiperatividade e síndrome de burnout (HAN, 2015, p. 7), como já foi citado. Relacionado a isso, pesquisas da Organização Mundial da Saúde também revelam que 322 milhões de pessoas no mundo vivem com depressão; dessas, 11,5 milhões em território brasileiro (WHO, 2017). Soma-se a isso o Relatório Mundial sobre Drogas, que aponta o uso de drogas por 250 milhões de pessoas no mundo, com 29,5 milhões apresentando algum transtorno referente ao uso abusivo de substâncias químicas (UNODC, 2017).

Esse panorama “epidemiológico” da depressão e dependência química no mundo acontece ao mesmo tempo em que se tem uma retomada de estudos sobre o aspecto terapêutico da *ayahuasca* sobre essas doenças, provocando maiores estudos por parte de cientistas. Exemplos são as pesquisas de Osório et al. (2015) e Araújo et al. (2018). Essa conjuntura é um motivador para realização deste projeto.

Com isso, o tema mostra-se pertinente de ser abordado por seu aspecto de atualidade, se tratando de um assunto que vem gerando debates e reflexões nas áreas relacionadas a saúde mental, biomédica, ciências sociais, etc., com pesquisadores estudando as propriedades terapêuticas de substâncias como *ayahuasca* e psilocibina¹⁰.

Esse aspecto terapêutico da *ayahuasca* – que move pesquisa e comércio em torno do psicoativo¹¹ – é muitas vezes ignorado pelo grande público por conta do imaginário negativo em torno da bebida como dizem Labate, Rose e Santos (2008, p. 24), MacRae (1992, p. 15) e Benedito (2017, p. 171). Além de se tratar de uma beberagem de contexto original da cultura ameríndia, a *ayahuasca* desponta como um assunto tanto de interesse local, quanto global, como aborda o artigo de Labate e Goulart (2017, p. 1-2), sobre II Conferência Mundial da Ayahuasca, ocorrida em Rio Branco, no Acre.

¹⁰ARAÚJO, Dráulio Barros de. Dráulio Barros de Araújo: entrevista [Julho 2018]. Entrevistador: Victor Vidigal. Macapá, 2018. Arquivo em vídeo. Entrevista concedida ao documentário “Planta Professora”.

¹¹SZALAVITZ, Maia. **O sobrevivente do Holocausto que financia a revolução psicodélica**. Vice, 29 de ago. 2017. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/kzzxdy/sobrevivente-holocausto-revolucao-psicodelica>. Acesso em: 11 ago. 2018.

Favorece a execução do projeto o contexto geográfico. A equipe de produção está localizada na região amazônica brasileira (Macapá-AP) - um dos berços da cultura ayahuasqueira na América do Sul. Além disso, o Brasil é um dos principais polos de pesquisa com *ayahuasca* no mundo. Esses fatores auxiliam no momento de coletar imagens e entrevistas.

Este projeto experimental busca se legitimar como um trabalho do campo da Comunicação, mesmo tratando de temas externos às disciplinas da área. Através de um produto audiovisual (documentário), trabalhar esta interdisciplinaridade no sentido de informar, conscientizar e causar reflexão no espectador.

4 - OBJETIVOS:

4.1 Geral:

A produção de um documentário, de 45 minutos de duração, sobre o uso religioso da *ayahuasca* e os estudos sobre o aspecto terapêutico em indivíduos em condição de depressão e/ou uso abusivo de psicoativos.

4.2 Específicos:

Mostrar a relação do uso religioso de *ayahuasca* com a saúde mental, as pesquisas científicas que vem estudando a eficácia da beberagem sob pacientes com depressão e outras doenças psicológicas. A visão da psiquiatria tradicional à respeito da *ayahuasca* e pesquisas em seu entorno.

Contar histórias de vida de pessoas que sofrem com depressão e de pessoas que através do uso religioso de *ayahuasca* conseguiram um auxiliador para alcançar uma condição mental melhor.

Refletir e poder sensibilizar outras pessoas sobre o estado da saúde mental de jovens e adultos na contemporaneidade, tendo como recorte geográfico a cidade de Macapá, no Amapá, através do audiovisual, aproveitando o potencial dessa linguagem para tais objetivos.

5 - REFERENCIAL TEÓRICO:

5.1 - Documentário: origem e conceito

Este trabalho é um projeto experimental que visa a construção de um vídeo-documentário. Isto posto, devemos, como princípio da discussão teórica deste trabalho, buscar compreender o que é este produto o qual procuro arquitetar. Qual a origem do documentário? Quais as características primordiais de um produto audiovisual para ser considerado documentário? Existe um pensamento que possa conceituar de forma objetiva o que seja um documentário, levando em consideração todas as suas variáveis? Em primazia, são estas as indagações que busco examinar neste tópico. Nesta viagem por entre a história e conceito do gênero documentário, trabalho essencialmente com o livro *Introdução ao documentário* de Bill Nichols (2016) com a finalidade de me auxiliar a clarear este caminho.

Para entender a origem do cinema documentário deve-se, primeiro, ter a compreensão do que se trata um documentário. Assim como a ficção, o documentário trabalha com a estrutura de histórias. Entretanto, diferente dos filmes ficcionais em que as histórias se passam em mundos produzidos unicamente para tal produção, as narrativas documentais são baseadas no mundo histórico que compartilhamos, e contam histórias reais, de forma não alegórica, sem acrescentar fatos não comprováveis, segundo Nichols (2016, p. 25).

É errado dizer classificar o documentário como uma mera reprodução da realidade. A reprodução é julgada por sua fidelidade ao original e pela finalidade de servir como prova para algo que requeira uma reprodução exata, como radiografias médicas, câmeras de seguranças e etc. O documentário vai além disso, ele é muito mais próximo de uma representação da realidade, pelo valor técnico, estético e político que carrega consigo. Nichols esclarece isso quando escreve:

Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas seriam bem menos importantes. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de alguma coisa já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. [...] O documentário representa uma determinada visão de mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos nos deparado antes, mesmo que os aspectos fatuais desse mundo nos sejam familiares (NICHOLS, 2016, .36).

Nichols (2016, p. 30), também contesta o conceito de documentário como sendo um “tratamento criativo da realidade”, proposto por John Grierson, em 1930. Segundo o autor, a definição deixa explícito o conflito entre “tratamento criativo” e “realidade”. O primeiro, faz referência a liberdade que a ficção propõe, enquanto o segundo nos lembra da responsabilidade jornalística e histórica embutida no documentário.

Uma característica primordial do documentário é de que eles trabalham com pessoas reais. Nesse tipo de material, as pessoas apresentam o que Nichols (2016, p. 32) denomina de *self*. A *self*, nada mais é do que “os traços da personalidade do ator social representado no documentário, seu caráter e tudo que venha a passar ao espectador uma ideia de como é a identidade individual daquele personagem retratado” (NICHOLS, 2016, p. 32).

A partir desta característica, Bill Nichols chega a uma definição mais completa do que seria o documentário. A definição busca fugir de conceitos rasos como “documentários tratam da realidade” ou “documentários lidam com pessoas reais sendo elas mesmas”. Mesmo não conseguindo abarcar toda as variáveis de modos do documentário, essa é a definição que melhor representa toda a complexidade deste gênero, por isso esse trabalho irá usar ela como base no decorrer da discussão teórica:

O documentário fala de situações e acontecimentos que envolvem pessoas reais (atores sociais) que se apresentam para nós como elas mesmas em histórias que transmitem uma proposta, ou ponto de vista, plausível sobre as vidas, as situações e os acontecimentos representados. O ponto de vista particular do cineasta molda essa história numa maneira de ver o mundo histórico diretamente, e não numa alegoria fictícia (NICHOLS, 2016, p. 37).

Sabendo, agora, que documentário não é simplesmente algo que trata de pessoas reais, de uma realidade, muito menos que seja a reprodução desta realidade, podemos entender melhor como se deu a origem deste gênero.

A origem do documentário se dá por meio da convergência de múltiplos fatores. O primeiro deles é a realização das obras *A saída dos operários da fábrica Lumière*, *A chegada de um trem à estação*, *O regador regado* e *O almoço do bebê* (todos de 1895). Esses pequenos filmes reproduziam cenas do cotidiano dos irmãos Lumière, e trouxeram consigo a característica indicial da imagem, e com isso “a capacidade de fornecer uma documentação rigorosa do que aparece diante da câmera” (Nichols, 2016, p. 137).

Mas essa característica é pouco para esses registros serem entendidos como documentários, pois como vimos, documentários não são meras reproduções da realidade. Ainda faltava algo para os registros cinematográficos do mundo histórico pudessem ser considerados documentários, de fato. Esse algo era uma voz própria, como explica Nichols:

O documentário floresce quando adquire voz própria. A produção acurada de documentos ou provas visuais não dá a ele essa voz. Na verdade, pode desviá-lo dela. O primeiro cinema de Lumière e outros, assim como o da ciência, ainda não tinha a voz que viria a caracterizar o documentário. O documentário não depende da característica indicial da imagem para ter identidade (NICHOLS, 2016, p. 137).

Os outros fatores que influenciaram para o documentário ganhar uma voz própria foram a experimentação poética, característica que teve como influência o cinema de

vanguarda francês da primeira parte do século XX; a narração de histórias, fortemente influenciada pelos neorrealistas italianos e a oratória retórica, característica que se sobressai no documentário mas compartilhada com o construtivismo soviético dos anos de 1920 de acordo com o que explica Nichols (2016, p. 141-152).

A história convencional do documentário nos mostra que o início do gênero se deu com a realização de *Nanook, o esquimó* (1922), de Robert Flaherty, e a base institucional estabelecida por John Grierson, na Grã-Bretanha, nos anos de 1930. Porém, os elementos da imagem indicial, da exibição de atrações, da experimentação poética, da narração de histórias e a da oratória retórica já haviam sido reunidos em outro espaço e tempo, na parte oriental do planeta, por nomes do construtivismo soviético, como: Sergei Eisenstein e Esfir Shub. Nichols apresenta essa tese de origem do documentário quando escreve:

Esses elementos foram reunidos pela primeira vez na União Soviética dos anos 1920, quando o desafio de construir uma sociedade nova assumiu primazia em todas as artes. Essa combinação especial de elementos enraizou-se em outros países no fim dos anos 1920 e começo dos anos 1930, quando outros governos, graças a defensores como John Grierson, reconheceram o valor do uso do filme para promover a ideia de cidadania participativa e apoiar a ação do governo no enfrentamento das questões mais difíceis da época, como inflação, pobreza e a Grande Depressão de 1929 (NICHOLS, 2016, p. 152).

Estas foram as bases para o surgimento do documentarismo na história do cinema. Mas é impossível chegar a uma definição final do que seja o documentário, visto que o gênero passa por transformação ininterrupta ao longo do tempo e culturas. “O que realmente vale como documentário continua vago, aberto a um debate que passa por instituições, cineastas, públicos e pelos próprios filmes” (NICHOLS, 2016, p. 154).

5.2 – Modos do documentário

Neste tópico o objetivo é discutir os modos e modelos que Nichols (2016, p. 153-219) observa nos documentários. Dando maior atenção aos modos que embasam este projeto experimental (*expositivo, observativo, e performático*).

Os modos são parte essencial na construção do produto documental. Eles moldam a voz do documentário em suas características formais e cinematográficas com escreve Nichols (2016, p. 166). A voz do documentário “é a maneira especial de cada filme expressar sua maneira de ver o mundo. O mesmo assunto ou a mesma perspectiva sobre ele podem ser expressos de maneiras diferentes” (NICHOLS, 2016, p. 86).

O filme fala não só pela retórica, mas através de todas as ferramentas que compõe a estética, como a cor, a música, os movimentos e angulações de câmera, montagem e etc., diz Nichols (2016, p. 85). Neste contexto os modos tem total relevância. Pois cada modo determina como essas ferramentas serão utilizadas.

O documentário pode não se restringir a um único modo em sua construção narrativa. Uma característica dos documentários são seus limites fluídos e indistintos, o que faz com que sejam uma arte adaptável e instigante, de acordo com Nichols (2016, p. 164). Dos seis modos apresentados por Nichols (2016, p. 153-219) (*expositivo, poético, observativo, participativo, performático e reflexivo*), este projeto experimental busca aplicar em sua construção narrativa os modos *expositivo, observativo e performático*. Sobre essa mistura de modos, Nichols escreve:

Essa prática de misturar modos é verdadeira em muitos filmes. Isso não significa que as categorias sejam inadequadas, apenas que os cineastas frequentemente adotam um enfoque fluído, pragmático do material, misturando modelos e modos diferentes para obter um resultado distinto (NICHOLS, 2016, p. 164).

O modo *expositivo* é o com maior predominância no universo documentário. Ele está vinculado a origem da tradição documentária. Como o próprio nome diz, sua principal característica é expor uma ideia, um ponto de vista, sem se envolver profundamente com os atores sociais ou mesmo com a temática que está sendo exposta. Para isso, é comum os documentários expositivos fazerem uso de uma fonte unificadora e de voz *over*, por facilitar a compreensão do tema por parte do espectador, segundo Nichols (2016, p. 176-177). Esse modo é usado no documentário no momento de exposição de informações necessárias como aspecto histórico, farmacológico e terapêutico da *ayahuasca* e aspectos da depressão e dependência química.

Os modos *observativo* e *performático* funcionam de forma distinta ao expositivo. Nestes modos presa-se pela interação entre diretor e personagem. Neste sentido, a *self* do ator social tem grande relevância nestes estilos de documentários, por transmitir maior envolvimento ao espectador, como esclarece Nichols:

A relação entre cineasta e a pessoa filmada torna-se mais direta, pessoal e complexa. O espectador percebe que a imagem não é apenas uma representação indicial de uma parte do mundo histórico, é também um registro indicial do encontro real entre cineasta e personagem. [...] A individualidade de atores sociais específicos, de pessoas, importa muito. O cineasta entra no mundo do ator social pelas entrevistas, pela conversa, pela provocação ou por outras formas de encontro e tem o poder de alterar esse mundo (NICHOLS, 2016, p. 165-166).

Nos anos de 1960, com a chegada no mercado de câmeras portáteis leves e de gravadores Nagra, surgiu a possibilidade de simultaneamente filmar e usar som direto, relata Nichols (2016, p. 51). Esse advento revolucionou os documentários. Agora, os cineastas

tinham muito mais mobilidade, “o que lhes permitiam acompanhar os atores sociais em seu cotidiano” (NICHOLS, 2016, p. 51). Isso causou o nascimento do documentário observativo, na década de 1960. Esse tipo de documentário quebra o ritmo dramático e montagem apressada característica do modo expositivo, dando uma ideia da duração de acontecimentos reais, ressalta Nichols (2016, p. 184). O modo observativo está presente em “Planta Professora” através das sequências que acompanham Miller e Matheus nas atividades cotidianas como esperando ônibus (Matheus) e cozinhando (Miller).

O documentário performático tem um viés mais afetivo e subjetivo sobre o tema com qual trabalha. Nesse modo é sublinhado a complexidade do mundo pela ênfase de algum ator social específico. Nichols (2016, p. 208) explica que nesse tipo de documentário o cineasta tem o objetivo de adentrar no mundo desse ator, em busca de entender sua personalidade, seus sentimentos e ideias relacionadas a temática que está sendo exposta. O modo performático se faz presente no documentário por meio das entrevistas com os dois atores sociais do filme. Os depoimentos de Miller e Matheus entender seus históricos de vida, bem como os sentimentos e pontos de vista dos colaboradores.

Com isso, pode-se dizer que este projeto experimental tem a característica de ter um enfoque fluído entre os modos *expositivo*, *performático* e *observativo*; com a predominância do primeiro.

5.3 – A entrevista

A entrevista é parte fundamental do documentário contemporâneo brasileiro. Um nome que trabalhava com a entrevista de maneira única era Eduardo Coutinho. Os documentários de Coutinho baseavam-se em entrevistas que buscavam adentrar na subjetividade do entrevistado através de uma relação amigável, casual e improvisada. Esse modo singular de conduzir as entrevistas na forma de verdadeiras conversas desprentensiosas, marcaram o estilo de Eduardo Coutinho como o “cinema de conversa” (LABAKI, 2006, p. 78-79).

O “cinema de conversa” de Eduardo Coutinho, influenciou a transformação da entrevista em um “cacoete” do documentário contemporâneo brasileiro, o que resulta na predominância verbal, fraca capacidade de observação, prejuízo de outras interações com pessoas filmadas, além de simplificar a produção e diminuir os custos (BERNARDET apud LABAKI, 2006, p. 80). Nichols (2016, p. 86), chama essa forma de documentário de *talking heads*, ou cabeças falantes, em português.

“Documentários excessivamente retóricos, ou verborrágicos, tendem a minimizar, ou mesmo excluir, qualquer possibilidade de desenvolvimento de uma ação dramática” (PUCCINI, 2009, p. 38). Essa afirmação de Puccini (2009), influencia este projeto experimental em buscar novas interações com os atores sociais presentes no vídeo-documentário. Essas interações são eventos que possam desenvolver uma ação dramática desempenhada pelos personagens. De acordo com Puccini (2009), ações dramáticas no roteiro de documentário auxiliam para a construção de uma narrativa durante o vídeo.

Mas é inegável a importância do momento da entrevista para interação, construção e revelação do personagem em uma exposição oral, “que pode descrever ações de uma narrativa ou simplesmente exteriorizar comentários” (PUCCINI, 2009, p. 42).

O projeto experimental segue o modelo de entrevista em profundidade exposto por Duarte (2012). “Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema” (DUARTE, 2012, p. 63). O autor conceitual a entrevista em profundidade da seguinte forma:

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. [...] Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada (DUARTE, 2012, p. 62-63).

Esse tipo de entrevista é dividida em três tipos: “*aberta, semi-aberta e fechada*” (SELLTIZ et al., apud. DUARTE, 2012, p. 65). Para este projeto foi escolhido trabalhar com a entrevista em profundidade semi-aberta caracterizada por se basear em um roteiro de perguntas construído previamente, que pode ser alterado e adaptado com o decorrer da entrevista, segundo Duarte (2012).

Neste trabalho optei por seguir a metodologia de entrevista de História Oral, com a modalidade “história de vida”. Segundo Augusto (2012, p. 36), uma das vantagens desse método é a maior abertura do entrevistador com sua fonte, que busca fazer com que o(a) colaborador(a) fique a vontade para falar sobre o objeto de estudo e sua realidade de vida.

5.4 Documentário e jornalismo: relação intrínseca

O documentário não deixa de ser uma produção jornalística por se tratar de um gênero originário da cinematografia. O vídeo-documentário dá uma dimensão de reportagem ao acontecimento (tema) que é tratado na produção. Reportagens televisivas não deixam de

ser documentários e vice-versa. Ambos tratam sobre “a vida de um personagem, um acontecimento histórico, uma realização artística, costumes, animais, exercício de uma profissão, etc.” (LAGE, 1990, p. 30).

Ainda sobre a relação documentário e jornalismo é importante lembrar que vem aumentando o interesse do público por imagens reais, de cunho documental. Gêneros ficcionais e televisivos, exploram, cada vez com mais frequência, essa predileção do público. Isso explica, por exemplo, o sucesso dos *reality shows* e de filmes como *A Bruxa de Blair* (1999) e *Atividade Paranormal* (2009).

O jornalismo não fica atrás. Atualmente, telejornais utilizam com frequência práticas de filmagens oriundas dos documentários. É o que explicam Consuelo Lins e Cláudia Mesquita, no livro “Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo”:

Os telejornais e programas de variedades não se limitam mais às imagens estáveis e bem enquadradas, utilizando em muitas coberturas planos-sequências tremidos e imagens de baixa qualidade registradas por microcâmeras, câmeras de vigilância, amadoras e de telefones celulares, buscando imprimir – ainda que de maneira limitada e “domesticada” – um “efeito de realidade” à assepsia estética que imperava no telejornalismo até os o início dos anos 90 (LINS; MESQUITA, 2008, p. 8).

Nichols (2016), exemplifica a relação do jornalismo e documentário com o programa *60 minutes*. Segundo o autor o programa poderia facilmente ser considerado um documentário se não fosse pela estrutura institucional que o legitima como um jornal televisivo:

Os segmentos que compõem o noticiário *60 minutes* (1968-) da rede CBS, por exemplo, são em geral considerados, primeiramente, exemplos de relato jornalístico, simplesmente porque *60 minutes* é um programa jornalístico. Supomos que os segmentos se refiram a pessoas e acontecimentos reais, que os padrões de cada história será divertida e informativa, e que quaisquer alegações sejam sustentadas por uma exposição verossímil de provas. Exibidos em outro cenário, esses episódios poderiam se parecer mais com melodramas ou docudramas, dada a intensidade emocional que atingem e o grau elevado de elaboração dos conflitos que se apresentam, mas essas alternativas ficam obscurecidas quando toda a estrutura institucional entra em ação para assegurar que elas são, de fato, matéria jornalística (NICHOLS, 2016, p. 39).

5.5 Caráter interdisciplinar da comunicação

Visto que este projeto experimental trata de temas externos ao campo da comunicação, como saúde mental, religião e biomedicina, entende-se que é importante tratar da natureza interdisciplinar e plural que o campo comunicacional carrega desde sua origem, o que é explicitado por Barros (2002, p. 2-7).

Esta natureza interdisciplinar surge com as primeiras teorias que examinam os processos comunicativos, partindo de estudiosos da área da Psicologia e Sociologia curiosos

em descobrir os efeitos e impactos da comunicação na sociedade. Mais tarde estudiosos da Linguística se debruçaram em estudar os efeitos da mensagem deste processo comunicacional, de acordo com Barros (2002, p. 2). Estes estudos constituíram teorias embrionárias relacionadas aos processos comunicacionais que não são consideradas teorias da comunicação, mas sim, teorias sociais (WOLF, 1995 apud BARROS, 2002, p. 2).

Quanto à interdisciplinaridade, é importante ressaltar que, tanto no passado como no presente, a mesma constituiu e constitui um fator constante, tanto do ponto de vista teórico, como metodológico e prático. E isso, a nosso ver, não deve ser encarado como algo negativo. Até porque tanto o estudiosos como o profissional de qualquer área de Comunicação lidam com um objeto multifacetado por natureza (BARROS, 2002, p. 04).

Além da natureza interdisciplinar da Comunicação é importante destacar o caráter interdisciplinar do novo modo de produção de conhecimento, explicitado por Gibbons et al. (1994 apud BARROS, 2002, p. 9). O autor elenca sete pontos que caracterizam esse novo modo de produção de conhecimento, entre eles: interdisciplinaridade, valorização do saber reflexivo e ênfase à responsabilidade social da ciência. “Este novo cenário de saberes não corresponde mais à ideia de conhecimento monodisciplinar, produzido e legitimado apenas dentro dos limites e fronteiras de cada campo de saber isoladamente” (BARROS, 2002, p.8).

Com base nestes discursos, este projeto experimental busca se legitimar como um trabalho do campo da Comunicação, mesmo tratando de temas externos às disciplinas da área. Através de um produto audiovisual (documentário), trabalhar esta interdisciplinaridade no sentido de informar, conscientizar e causar reflexão no espectador.

5.6 *Ayahuasca*: origem no xamanismo indígena

Zuluaga (2009, p. 132-134) explica que o nome *ayahuasca* é originário da língua quíchua, a mais difundida pelos missionários durante o período de colonização espanhola da região da América do Sul. O termo se refere ao chá produzido a partir do *Banisteriopsis Caapi*, um cipó natural da região da amazônia, podendo ser traduzido como “cipó da alma” ou “cipó dos mortos”. A *ayahuasca* também é conhecida por *daime*, *vegetal*, *natema*, *yagé*, *kamarampi*, *ambiwaska*, de acordo com a cultura de cada comunidade que a utiliza.

Muito se discute com relação a origem da *ayahuasca*, mas pouco se sabe sobre esta questão. As pesquisas em torno deste assunto revelam “indícios de uso milenar da bebida por povos indígenas em rituais xamânicos, entre os anos de 400 e 700 a.C.” (NARANJO apud. ANDRADE, 1995, p. 83).

Zuluaga (2009, p. 132) nos leva até o pleistoceno do tempo geológico para remontar a história do chá *ayahuasca*. Naquele tempo, o clima altamente glacial exterminou boa parte da vegetação terrestre, sobrando pequenas áreas de fauna e flora na superfície, conhecidas como *hot-points* ou refúgios. Na América do Sul, identificaram-se nove “*hot-points*” (CÉRON apud. ZULUAGA, 2009, p. 132), um em especial está localizado na região do rio Napo, na região da Amazônia equatoriana. Zuluaga (2009, p. 132), escreve que este ponto foi fundamental para a ascendência do ecossistema do piemonte amazônico, conseqüentemente, às plantas utilizadas pelos indígenas desta região, como o *yagé* - denominação que o pesquisador utiliza para tratar da *ayahuasca*:

O refúgio do Napo deu origem aos ecossistemas do piemonte amazônico que se estendem desde o norte do Peru até o sul da Colômbia. O *yagé* (*Banisteriopsis sp.*) e outras plantas utilizadas pelos grupos indígenas para sua práticas xamânicas, tem pois o centro e difusão este refúgio (ZULUAGA, 2009, p.132).

Uma breve introdução do xamanismo se faz necessária. O xamanismo é definido como “as técnicas arcaicas do êxtase” pelo antropólogo Mircea Eliade (1975 apud ZULUAGA, 2009, p. 129) e considerado a primeira forma de conhecimento utilizada pelos povos da antiguidade do mundo inteiro, segundo Zuluaga (2009, p. 129). Na história, inúmeras culturas primitivas do planeta empregaram rituais xamânicos com plantas de caráter psicotrópico. Zuluaga, (2009, p. 130-132) cita alguns exemplos, como a *Amanita muscaria* na Ásia e América do Norte, o peiote no México, o *yopo* na região das selvas da Guiana, a coca na região andina, o ópio no extremo Oriente, a iboga na África, o cogumelo *Claviceps purpúrea* na antiga Grécia, a *marijuana* na antiga Pérsia e etc. Zuluaga entende esse movimento de consumo de plantas na antiguidade, estando ligado a uma busca inerente do ser humano pelo contato com o espiritual:

Não obstante, desde tempos imemoriais e em todas as culturas o ser humano tem explorado de diversas maneiras a possibilidade de produzir alterações de consciência. A busca do transe parece ser uma constante do chamado *Homo sapiens*. É próprio das diferentes tradições religiosas promover o transe através de mecanismos endógenos: orações, mantras, meditação, jejuns, vigília, mortificação, exercícios corporais, respiração, entre outros. Essas práticas ascéticas buscam, em todos os casos, uma comunicação com a realidade espiritual, outra realidade, e uma alteração de consciência para perceber de modo diferente a realidade material (ZULUAGA, 2009, p. 130).

Neste contexto, conforme os autores citados, durante a antiguidade a selva amazônica também foi palco de rituais xamânicos com plantas. Neste caso, os indígenas da região amazônica utilizavam o chá *ayahuasca* como forma de se conectar às suas divindades. Para Zuluaga (2009, p. 142-143) o grande mistério, ainda sem explicação, está em como os índios puderam descobrir a combinação perfeita entre o *Banisteriopsis Caapi* e a *Psychotria Viridis*

(e suas variações) que resulta-se no efeito de transe quando ingerido pelo ser humano, não tendo acesso a nenhuma tecnologia refinada para tal.

Inclusive, a cultura da *ayahuasca*, tem papel fundamental na identidade social e cultural dos povos ameríndios. Segundo Goulart (2016, p. 3), estima-se que 70 grupos indígenas façam uso de ritualístico de *ayahuasca*, em toda a Amazônia. É comum nestes grupos o entendimento da *ayahuasca* como sendo uma planta professora, no sentido de servir como uma fonte conhecimento para aprimorar o aspecto moral, a conduta social, a forma de relacionar-se com os outros membros da sociedade, com o meio-ambiente, bem como com o mundo espiritual. Além da crença nos efeitos medicinais da planta, sendo ela a que diagnostica e cura inúmeros males, a partir de seu uso no contexto xamânico, segundo Luz (2009, p. 63).

5.7 *Ayahuasca*: contexto religioso

Na cultura moderna, novas formas de utilização da bebida tradicional dos ameríndios configuram-se a partir da aproximação, ao meio urbano, da cultura ayahuasqueira. Algumas dessas novas formas de utilização do chá são marcadas por grupos de caráter eclético, geralmente mantendo em seus rituais certas características das cerimoniais xamânicas tradicionais dos ameríndios, porém mesclando elementos de outras religiões ou filosofias a partir do contexto cultural onde se encontram. Exemplo dessas novas formas, os curandeiros tradicionais das regiões camponesas de países como Peru e Colômbia, incorporam à cultura dos indígenas técnicas e conceitos do espiritismo, esoterismo ou medicinas alternativas, como diz Zuluaga (2009, p. 135-136).

Um das dessas novas formas se desenvolveu originalmente no Brasil, são as chamadas religiões ayahuasqueiras: *Santo Daime* (conhecida também por *Alto Santo*), foi fundada em 1930 em Rio Branco (AC), por Raimundo Irineu Serra é considerada a progenitora das outras religiões ayahuasqueiras; também em Rio Branco nasce a *Barquinha*, fundada em 1945, por Daniel Pereira Mattos e em 1960, forma-se a União do Vegetal em Porto Velho (RO), através de José Gabriel da Costa. Na década de 1970, surge o *Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra* (CEFLURIS), uma nova vertente do *Santo Daime*, idealizada por Sebastião Mota de Melo. Labate discorre sobre o caráter eclético desse fenômeno religioso genuinamente brasileiro:

[...] curiosamente é somente no Brasil que se desenvolvem religiões de populações não-indígenas que fazem uso desta bebida. Estas religiões, a exemplo dos casos da religião do Buiti no Gabão, que utiliza a iboga, e da *Native American Church* no México e nos EUA, que faz uso do peiote, reelaboram antigas tradições dos sistemas locais a partir de uma

leitura influenciada pelo cristianismo. Tal releitura no caso brasileiro, é formulada a partir da herança de consumo da *ayahuasca* pelos sistemas de curandeirismo amazônicos, bem como de outras fontes: a tradição afro-brasileira, o espiritismo kardecista e o esoterismo de origem europeia, sobretudo via o *Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento e a Ordem Rosa Cruz* (LABATE, 2009, p. 233).

Essas religiões ganharam força no Brasil, começaram a se expandir para os grandes centros urbanos do país e exterior (Estados Unidos, Espanha, Holanda e Japão, são alguns exemplos) segundo Labate (2009, p. 234). Segundo dados de 2007, “a União do Vegetal é a maior religião das três, com cerca de 15 mil membros, seguida da CEFLURIS com aproximadamente 4 mil adeptos” (LABATE; ROSE; SANTOS, 2008, p. 27). A barquinha é a com caráter menos expansionista (ainda concentrada muito na cidade de Rio Branco) e com menor número de participantes: aproximadamente quinhentos de acordo com Goulart (2004 apud LABATE; ROSE; SANTOS, 2008, p. 27).

Em 1985, a *ayahuasca* foi incluída na lista de substâncias entorpecentes proibidas pela Divisão Médica (Dimed), por conter o alcaloide N,N-dimetiltriptamina (DMT). Segundo Labate, Rose e Santos (2008, p. 45) a união das três vertentes religiosas foi fundamental para que em 1987 a *ayahuasca* fosse excluída da lista de produtos proibidos pela Dimed e autorizada para uso em rituais religiosos pelo Confen (Conselho Federal de Entorpecentes), na época o órgão responsável pela regulação de entorpecentes, no Brasil. Atualmente, esse papel é exercido pelo Conad (Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas), que em 2010 publicou um “código deontológico sobre o uso autorizado da *ayahuasca*” (REGINATO, 2010, p. 66). Neste código foi levado em consideração uma série de fatores, desde o direito constitucional ao culto e à liberdade individual, até a implementação de estudo e pesquisa sobre o uso terapêutico da *ayahuasca* em caráter experimental (CONAD, 2010).

Atualmente, com o que Soares (1994, p. 2) denomina de *nova consciência religiosa*, que seria um tipo de experimentalismo cultural e religioso e um revival de práticas religiosas consideradas alternativas comparadas às religiões tradicionais da sociedade brasileira, vem ganhando força o surgimento de novas modalidades de consumo da *ayahuasca* no meio urbano. Labate (2009, p. 255) denomina esses novos grupos de *neoayahuasqueiros*. Tais grupos tem como característica interna um conflito simbólico entre rejeitar as tradições e manter o respeito pelo chá, como explica Labate:

Tais sujeitos vivem uma tensão entre, por um lado, rejeitar os modelos religiosos tradicionais das matrizes ayahuasqueiras disponíveis e, por outro, não cair no uso representado como profano de drogas. São então fabricados novos tipos de rituais e elaborados discursiva e simbolicamente referenciais filosóficos, existenciais, terapêuticos e mesmo religiosos, que introduzem rupturas significativas no universo de consumo da *ayahuasca* no Brasil (LABATE, 2009, p. 255).

No Amapá, neste contexto *neoayahuasqueiro*, existe o grupo Escola da Corte Celestial, que segundo seu estatuto “trabalha pela evolução do ser humano no sentido de seu desenvolvimento emocional, mental e espiritual”. O responsável pelo grupo é o professor Afrânio Patrocínio de Andrade, pós-doutor em Ciências da Religião e especialista em *ayahuasca* (ele comunga do chá há 32 anos). O grupo auxiliou na realização deste projeto experimental servindo de locação onde os personagens Matheus Ferreira e Miller Souza tiveram a experiência com *ayahuasca*.

5.8 A construção do imaginário negativo da *ayahuasca* na mídia

É inegável o poder que a mídia tem em mãos. Diariamente, milhares de pessoas do mundo todo ligam seus aparelhos televisivos, radiofônicos e acessam os portais das principais empresas jornalísticas com objetivo de se atualizarem sobre o que está na pauta da agenda midiática. Essa realidade, oferece às instituições de comunicação o poder de influenciar o discurso, saberes e a realidade da maioria da população mundial – seja de qual credo, ideologia ou classe social pertençam – e, conseqüentemente, produzir imaginários sociais sobre os mais variados assuntos da “ordem do dia”, como explica Barros (2002, p. 12).

Neste contexto é importante discutir como a *ayahuasca* é representada pelas empresas de comunicação hegemônicas, aquelas que tem um maior alcance de público, e pensar como os discursos dessas representações podem influenciar em um imaginário negativo por parte da sociedade, sobre o que o uso ritualístico/religioso do chá pode proporcionar à saúde mental.

Segundo a versão online do dicionário Houaiss, imaginário é aquilo “que se imagina como tal”, ou a “reunião de elementos pertencentes ou característicos do folclore, da vida etc. de um grupo de pessoas, um povo, uma nação etc.”

Imaginário já foi conceituado como o “conjunto das atitudes imaginativas que resultam na produção e reprodução de símbolos, imagens, mitos e arquétipos pelo ser humano” (ANAZ; AGUIAR; LEMOS; FREIRE; COSTA, 2014, p. 2).

Os autores também apresentam a visão de Michel Maffesoli sobre imaginário. De acordo com o autor o termo é caracterizado “como uma força e, ao mesmo tempo, como um patrimônio de grupo (tribal); uma fonte comum de emoções, de lembranças, de afetos e de estilos de vida” (MAFFESOLI, 2001, apud ANAZ; AGUIAR; LEMOS; FREIRE; COSTA, 2014, p. 9).

A partir dos anos de 1980, inicia o processo de expansão e popularização das religiões ayahuasqueiras para além do contexto amazônico, ao qual “o uso ritual da beberagem já compõe parte da cultura e identidade da região, sem maior aura de exotividade” (BENEDITO, 2017, p. 173). Com esse processo expansionista, o interesse acadêmico e midiático pelas doutrinas ayahuasqueiras aumenta, ampliando o número de trabalhos acadêmicos em diferentes disciplinas da ciência, ao mesmo tempo, é possível observar uma série de reportagens sensacionalistas sendo veiculadas por empresas jornalísticas segundo Labate, Rose e Santos (2008, p. 24) MacRae (1992, p. 15).

Dois fatos reacenderam interesse midiático sobre a proibição do uso de *ayahuasca*, no Brasil: a publicação, pelo CONAD, da resolução 01/10, de 25 de janeiro de 2010, que estabelece uma deontologia e regula as obrigações e direitos morais concernente ao uso religioso da *ayahuasca* e a trágica morte do cartunista brasileiro Glauco Vilas Boas, que também exercia a função de líder religioso de uma igreja do Santo Daime, em São Paulo (LABATE; ALVES JR.; ROSE, 2010). Glauco e seu filho foram assassinados por uma jovem de classe média, frequentador da igreja daimista, após um surto psicótico. Este último fato chocou o Brasil, e uma série de discursos proibicionistas com relação a *ayahuasca* foram expostos na internet e em veículos jornalísticos tradicionais.

Reginato (2010, p. 67), analisa reportagens publicadas nas revistas *Veja* e *Isto é*, duas das mais importantes revistas semanais do Brasil, durante período posterior a publicação da resolução que regula o uso religioso da *ayahuasca* em território nacional. As reportagens *Liberado, Alucinação Perigosa*, da revista *Veja* e *As Encruzilhadas do Daime* (GOMES, 2010) publicada na revista *Isto É*, adotam um discurso contrário à legalização da beberagem de origem indígena. Segundo a autora, os discursos expostos nas reportagens demonizam a *ayahuasca* com as seguintes justificativas:

- [De que] a ayahuasca é uma bebida perigosa, com propriedades psicoativas e que causa vômito, diarreia e alucinações;
- [De que] a ancestralidade da ayahuasca não muda sua composição química;
- [De que] a ayahuasca possui DMT, substância proibida pelo International Narcotics Control Board –INCB
- [De que] a liberdade de culto religioso é uma “desculpa” para ocultar o uso de drogas ilícitas;
- [De que] determinadas ramificações usam também maconha (chamada de erva de Santa Maria) nos cultos;
- [De que] a permissão concedida pelo governo abre um precedente perigoso;
- [De que] não há estudos científicos suficientes sobre a ayahuasca; não se sabe se há interações medicamentosas, nem quais os efeitos do chá em pessoas com problemas psíquicos;
- [De que] pessoas que precisam de ajuda médica podem ser enganadas;
- [De que] intelectuais e artistas mitificam a ayahuasca porque a crença veio de gente simples da floresta. É uma moda “new age”.
- [De que] permitir que crianças e mulheres grávidas consumam a ayahuasca é inaceitável;
- [De que] não há provas dos efeitos terapêuticos da ayahuasca;

- [De que] grupos que usam a ayahuasca são inconsistentes, mesclando elementos de várias outras religiões e até da psicanálise. São seitas e não grupos religiosos;
- [De que] as práticas religiosas devem depender de fé e não de química;
- [De que] o uso da ayahuasca traz riscos, é uma questão pública, de saúde e segurança públicas;
- [De que] o consumo da ayahuasca está associado a duas mortes recentes [de Raoni e de Glauco];
- [De que] há tráfico de ayahuasca no país ignorado pelo governo brasileiro;
- [De que] a ayahuasca é utilizada para ‘ficar viajandão’(sic) e tem sido vendida livremente pela internet. (REGINATO, 2010, p. 67-68).

Em resposta a essas justificativas, o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP), publicou uma nota repudiando as informações das reportagens das revistas *Isto É e Veja*, com o apoio de mais de 100 pesquisadores. A nota demonstra um ponto de vista de pessoas que não entendem a *ayahuasca* como sendo um malefício:

- O direito à liberdade religiosa e ao pluralismo religioso estão previstos na Constituição Federal do Brasil”;
- o Santo Daime, a Barquinha e a União do Vegetal constituem-se como expressão legítima da cultura e religiosidade brasileiras;
- os grupos ayahuasqueiros têm sido sistematicamente perseguidos e é preciso combater a estigmatização de minorias religiosas;
- o processo de regulamentação do uso da ayahuasca no Brasil é produto de um extenso diálogo, envolvendo governo, religiosos e estudiosos;
- a estratégia normativa utilizada pelo Brasil para regular a questão é pioneira, influenciando outras legislações;
- não há evidências científicas nem empíricas de que o uso de ayahuasca por gestantes e crianças seja perigoso;
- não há evidências científicas nem empíricas de que a ayahuasca cause dependência ou morte;
- “o consumo de substâncias psicoativas faz parte da história humana”. Deve-se abandonar o modelo de debate público pautado unicamente na sua demonização (NEIP, 2010, p.1)

Em 2015, uma nova reportagem, agora na televisão, causou polêmica no universo ayahuasqueiro: *Presos tomam chá alucinógeno em projeto social polêmico em Rondônia* veiculada pelo programa televisivo *Fantástico* da Rede Globo. De acordo com Benedito (2017, p. 168), a finalidade da reportagem era mostrar o trabalho da ONG rondoniense Associação Cultural e de Desenvolvimento do Apenado e Egresso (ACUDA), que trabalha na ressocialização de detentos dos regimes fechado e semiaberto de três presídios de Porto Velho. Na ONG, os detentos realizam trabalhos de cerâmica, marcenaria, mecânica e jardinagem, e ainda são oferecidos práticas terapêuticas como reiki, a meditação, a massagem ayurveda, banho de lama, além da prática de maior destaque: o uso do chá *ayahuasca*.

Benedito (2017, p. 168- 173), observa um viés pejorativo na escolha de imagens, depoimentos e palavras, pela reportagem. Como quando se escolhe a denominação de “daime” ao invés de *ayahuasca*, o que remete a uma passagem retratada com polêmica pela mídia: o assassinato do cartunista Glauco Villas Boas e seu filho Raoni, durante o culto de

uma igreja do Santo Daime, em março de 2010. Na época, reportagens colocaram o uso da bebida como supostamente a causa do crime. Ou como quando se escolhe usar o termo “alucinógeno” ao referir-se ao chá, o que evidencia a construção de uma imagem associativa da *ayahuasca* a um narcótico perigoso, colocando em cheque sua efetividade terapêutico em um ambiente ritual e não-clínico. A reportagem ainda coloca em contraste a melhora de vida dos detentos, diante do sofrimento das famílias que tiveram entes queridos assassinados por detentos auxiliados pela ONG. Estes foram alguns pontos observados pela autora.

Segundo Benedito (2017, p.1), a reportagem reverbera um discurso que desvaloriza e deslegitima a prática ritual da *ayahuasca*, “através da hierarquização entre o saber médico e o saber nativo e do uso discursos sobre degeneração” (BENEDITO, 2017, p. 173) além de construir discursos de exclusão e sofrimentos para presidiários.

Esses exemplos nos mostram como ainda existe a construção de discurso negativo por parte da mídia com relação ao uso de *ayahuasca*. Esses discursos não levam em consideração a tradição cultural e religiosa que existe em torno deste chá pelos povos ameríndios e caboclos da Amazônia, os inúmeros estudos multidisciplinares feitos no sentido regulamentar o uso no Brasil. Legislação essa que, no exterior, é considerada um exemplo de regulamentação da *ayahuasca* (NEIP, 2010, p. 1).

Os discursos contrários ao uso de *ayahuasca* observados por Reginato (2010, p. 67-63), se fazem presentes no cotidiano de adeptas e adeptos de religiões ayahuasqueiras, quando se privam de exporem suas crenças no ambiente de trabalho ou familiar, “por medo de represálias, estigmas ou críticas” (BENEDITO, 2017, p. 171). Oferecendo uma abertura, até mesmo, para o debate da intolerância religiosa no contexto ayahuasqueiro.

5.9 Ayahuasca e seus efeitos psicológicos

Diversas são as plantas alucinógenas utilizadas por populações indígenas da bacia Amazônica, entre essas se destaca a *ayahuasca* pela complexidade botânica, química e etnográfica que a bebida alucinógena apresenta. Sua posição de relevância na etnomedicina de povos tradicionais da América do Sul, o aspecto químico dos seus componentes ativos e o modo com que é empregada, fazem da *ayahuasca* um objeto de estudo relevante às áreas da psiquiatria (BRITO, 2009, p. 628).

A bebida é preparada através da fervura da casca e do tronco da *Banisteriopsis caapi* juntamente com as folhas do gênero *Psychotria*. Geralmente, as mais utilizadas são a “*Psychotria viridis*, *Psychotria carthagenensis* e *Psychotria leiocarpa*” (BRITO, 2009, p. 628). As folhas do gênero *Psychotria*, contém o alucinógeno N,N-dimetiltriptamina (DMT)

enquanto a *Banisteriopsis caapi* apresenta em sua composição alcaloides de Beta-carbolina, que são potentes inibidores MAO-A (enzima responsável por inibir o DMT do organismo humano). Ao ingerir *ayahuasca*, tanto o alucinógeno DMT quanto os alcaloides de Beta-carbolina se fazem ativos no organismo humano. Com a inibição da MAO-A pelos alcaloides presentes no *Banisteriopsis*, o organismo humano fica sem inibições para sentir os efeitos da DMT. Essa interação entre os componentes das duas plantas (*Banisteriopsis caapi* e *Psychotria*) são a base da ação alucinógena da *ayahuasca* explica Brito (2009, p. 624).

Segundo Brito (2009, p. 630), os alucinógenos são agentes psicofarmacológicos capazes de causar profundas mudanças no pensamento, no humor, na emoção e na percepção. Com relação ao chá *ayahuasca* os efeitos são considerados subjetivos, dependendo muito do estado emocional e físico de quem o toma, além da influência do ambiente que está sendo realizado o ritual. Brito (2009), cita alguns efeitos comuns nas experiências de pessoas com o chá:

Os efeitos subjetivos da hoasca incluem alucinações hipnagógicas, fantasias como um sonho, e um sentimento de clareza e estimulação. [...] Em alguns indivíduos, náuseas passageiras e episódios de vômito ocorrem, ao passo que outros raramente relatam distúrbios desta natureza. Quando o chá hoasca é ingerido no contexto ritual em um grupo, estes efeitos são considerados como parte normal da experiência (BRITO, 2009, p. 631)

Por conta desses estímulos que substâncias alucinógenas atraem o interesse de pesquisadores de áreas da neurologia, biomedicina, psicologia e psiquiatria, no intuito de examinar os efeitos dessas substâncias sobre a saúde mental dos seres humanos, “em casos de abuso de drogas, alcoolismo, depressão e outros distúrbios psiquiátricos” (LABATAE et al., 2008, p. 60). As pesquisas em torno de substâncias alucinógenas passaram por um período de esquecimento durante mais de trinta de anos, em virtude da epidemia do uso de alucinógenos na década de 60 (principalmente em algumas regiões do Estados Unidos), o que resultou numa forte rejeição de vários segmentos da sociedade e, conseqüentemente, numa “maior rigidez de políticas públicas sobre estas substâncias junto com o abandono científico das pesquisas relacionadas” (ESCOBAR; ROAZZI, 2010, p. 4).

A partir dos anos de 1990, se iniciou a retomada de estudos biomédicos com substâncias psicodélicas, através de estudos do Dr. Rick Strassman (University of New México, EUA) com o DMT (princípio ativo da *ayahuasca*) e do Dr. Franz Vollenweider (Psychiatric University Hospital Zürich, Suíça) com a psilocibina (ESCOBAR; ROAZZI, 2010, p. 4). No Brasil, essa década também marcou o início de pesquisas científicas com o chá *ayahuasca*. A primeira delas foi o *Projeto Farmacologia Humana da Hoasca*, estudo realizado no contexto da União do Vegetal (UDV) de Manaus (AM) que examinou os

aspectos botânicos, químicos, toxicológicos, farmacológicos, neuroendócrinos, clínicos e psiquiátricos. A ideia de realizar uma pesquisa abrangente da *ayahuasca* no contexto da UDV nasceu no 1º Congresso em Saúde da instituição religiosa, após a proposta do etnofarmacólogo Dennis McKenna. A investigação iniciou em 1993, e teve seus resultados publicados em 1995. Ao todo, nove centros de pesquisas participaram do trabalho, envolvendo mais de trinta pesquisadores de países como Brasil, Estados Unidos e Finlândia (LABATE; ROSE; SANTOS, 2008, p. 64-65).

O *Projeto Farmacologia Humana da Hoasca* contou com a participação de 15 membros (todos do sexo masculino) da igreja sincrética UDV de Manaus (AM), com mais de dez anos de participação em rituais religiosos da instituição, onde se utiliza ayahuasca. Também foram recrutadas 15 pessoas (do sexo masculino) que nunca tinham experimentado ayahuasca, para compor o grupo de controle da pesquisa. Aos participantes da pesquisa foram aplicadas entrevistas estruturadas de diagnóstico psiquiátrico (*Composite Internacional Diagnostic Interview*), teste de personalidade, teste neuropsicológico e entrevista de histórias de vida, no intuito de examinar os níveis no passado e atuais das funções psicológicas dos participantes (GROB et al., 2009, p. 654-655). Os resultados da pesquisa foram apresentados na 1ª Conferência Internacional dos Estudos da Hoasca, ocorrida no Rio de Janeiro, em 1995. De acordo com os pesquisadores:

[...] os resultados do *Projeto Hoasca* relataram ausência, nos indivíduos da UDV, de danos orgânicos (hepáticos, renais, circulatórios, etc.), de danos agudos ao Sistema Nervoso Central e de distúrbios psiquiátricos, inclusive os que caracterizam dependência química, como síndrome de abstinência, tolerância, comportamento de abuso ou perda social. Quando comparados a indivíduos que nunca consumiram ayahuasca (grupo de controle), os resultados também evidenciaram, na análise da personalidade, que os indivíduos da UDV se mostraram mais confiantes, otimistas, descontraídos, despreocupados, desinibidos, dispostos e energéticos, de temperamento calmo, alegre e confiantes. [...] Dos quinze sócios pesquisados, onze haviam sido dependentes de álcool, cinco destes em caráter severo; dois apresentaram histórico de depressão e três de ansiedade fóbica – todos esses distúrbios desapareceram após ingresso no grupo (LABATE et al., 2008, p. 66-67).

O *Projeto Farmacologia Humana da Hoasca* tem a importância e relevância de ser a primeira pesquisa científica a estudar a ayahuasca pelo enfoque biomédico, em um momento onde as pesquisas científicas com alucinógenos ainda enfrentavam certa relutância no meio acadêmico. Porém, seus resultados devem ser visto com cautela, como bem explica Labate, Rose e Santos :

Ainda que tenha apresentado resultados positivos em relação a aspectos psicológicos e psiquiátricos do consumo crônico da ayahuasca, uma vez que não foram encontradas quaisquer evidências de efeitos deletérios provenientes desse consumo, os achados, devem ser observados com cautela, pois o número de participantes era reduzido, o sexo dos mesmos era exclusivamente o masculino e o teste neuropsicológico utilizado não recebeu os cuidados necessários para se evitar ao máximo interferências culturais, semânticas e metodológicas (LABATE; ROSE; SANTOS, 2008, p. 67).

Outro estudo relevante na área da saúde mental é a dissertação *“Psiquiatria cultural do uso ritualizado de um alucinógeno no contexto urbano: uma Investigação dos estados de*

consciência induzidos pela ingestão da ayahuasca no Santo Daime e União do Vegetal em moradores de São Paulo” do psiquiatra Paulo Cesar Ribeiro Barbosa (2001), que examinou os estados de consciência induzidos pela ingestão ritual de *ayahuasca* na primeira experiência de uma pessoa. A pesquisa foi realizada no âmbito das religiões Santo Daime e União do Vegetal, e contou com a participação de 28 pessoas originárias do contexto urbano, sem nenhuma experiência prévia com *ayahuasca*.

Todos os participantes foram acompanhados durante sete dias antes e sete dias após a experiência, sendo avaliados a partir de entrevistas clínicas, de perfil sócio demográfico e qualitativas. O pesquisador constatou uma maior carga de “serenidade” e “poder” aos participantes da pesquisa após a ingestão ritual de *ayahuasca*:

Constatou-se nos EACs (Estados Alterados de Consciência) induzidos pela ingestão ritual da ayahuasca dois grandes padrões vivenciais: a “serenidade” e o “poder”. A “serenidade” caracteriza-se por um silenciamento, tranquilização, suavização e mitigação de padrões litigiosos. O “poder” caracteriza-se por um tônus marcado pelo “numinoso”, pelo senso de contato com uma instância ascendente. Combinações entre os dois padrões afiguram-se em constelações vivenciais únicas segundo as taxonomias correntes de estados de consciência. Uma importante consequência disso é a possibilidade da ocorrência de qualidades experienciais de que se aproximam de diversas tradições místicas e de quadros “psicóticos” (BARBOSA, 2001, p. 256).

Portanto, isto sugere que indivíduos predispostos a quadros psicóticos não devem ingerir *ayahuasca*. Esta recomendação é tomada no âmbito das religiões ayahuasqueiras tradicionais (Santo Daime, União do Vegetal e Barquinha), que realizam entrevistas prévias “no sentido de examinar se o indivíduo disposto a tomar o chá tem histórico de transtornos psicóticos” (LABATE; ROSE; SANTOS, 2008, p. 76).

A pesquisa de Barbosa (2001), também demonstrou uma drástica queda dos sintomas psiquiátricos, melhora geral no estado emocional dos participantes, atitudes mais assertivas e passivas dos indivíduos. Entretanto, essas mudanças decaíram com o decorrer dos sete dias após a experiência com *ayahuasca*, o que foi caracterizado pelo pesquisador como “resquícios da experiência e não como mudanças permanentes” (BARBOSA, 2001, p. 258).

Esta afirmação corrobora com a opinião de Andrade (2018, Apêndice p. 64-65), quando este diz que o chá não deve ser visto como panaceia, mas sim, como um auxiliador na busca de um maior equilíbrio emocional. “Não basta apenas beber o chá e esperar mudanças permanentes. A partir da experiência com *ayahuasca* é importante o indivíduo fazer um trabalho consigo mesmo na busca de solucionar os problemas interiores” (ANDRADE, 2018, p. 65)

Outras pesquisas são importantes de serem citadas como a de Labigalini Jr. (1998) e Santos (2006). O primeiro realizou sua dissertação de mestrado em psiquiatria onde estudou

quatro indivíduos que apresentavam abuso severo de álcool e que abandonaram tal comportamento após começaram a frequentar os rituais da União do Vegetal. O segundo, apresentou sua dissertação de mestrado onde estudou a relação da ayahuasca e estados de pânico, depressão e ansiedade em nove membros do Santo Daime que consumiam a bebida por mais de dez anos, onde observou resultados no qual interpretou como sinais de diminuição de sintomas de pânico e desesperança.

Na década de 2010, estudos clínicos a respeito dos efeitos do chá *ayahuasca* sobre pacientes que apresentam depressão vem ganhando destaque em periódicos nacionais e internacionais, dando maior visibilidade ao tema. É o caso do estudo preliminar realizado por Osório *et al.* (2015), denominado *Antidepressant effects of a single dose of ayahuasca in patients with recurrent depression: a preliminary report*, que foi publicado na Revista Brasileira de Psiquiatria e na conceituada Revista Nature (NOGUEIRA, 2015).

A pesquisa de Osório *et al.* (2015) procedeu da seguinte maneira: seis voluntários (quatro mulheres e dois homens, com média de idade entre 44 e 55 anos) com diagnóstico de Transtorno Depressivo Maior (TDM) participaram do estudo. Dois dos participantes estavam experimentando um episódio depressivo leve, três estavam experimentando um episódio depressivo moderado e um estava experimentando um episódio depressivo grave. Nenhum dos voluntários estava utilizando psicofármacos no momento da realização do estudo, todos tinham como característica serem pacientes nos quais a medicação mais recente para depressão não obtinha resposta terapêutica e já estavam prontos para a mudança de medicação. Os seis voluntários foram internados em uma unidade de internação psiquiátrica por um período de 2 semanas antes da experiência com *ayahuasca*, nesse tempo eles não fizeram uso de nenhum psicofármaco, nem drogas recreativas. Cada voluntário participou da sessão com *ayahuasca*, individualmente. Com duração média de 4 horas, foi ministrado a cada indivíduo cerca de 120-200 ml de *ayahuasca*, após a ingestão do chá os voluntários foram submetidos as escalas psicométricas *Brief Psychiatric Rating Scale* (BPRS), *Young Mania Rating Scale* (YMRS), *Hamilton Rating Scale for Depression* (HAM-D) e *Montgomery-Åsberg Depression Rating Scale* (MADRS), com o objetivo de examinar as funções psicológicas dos voluntários, segundo informa Osório *et al.* (2015, p.14-15).

Ainda de acordo com Osório *et al.* (2015, p.19-20), após o experimento foi possível observar as reduções nas pontuações nas escalas HAM-D e MADRS (a primeira escala tem o objetivo de quantificar sintomas depressivos em pacientes com transtorno de humor, a segunda foi utilizada para identificar a gravidade dos sintomas depressivos), o que foi caracterizado pelos pesquisadores como a redução dos sintomas depressivos dos voluntários,

demonstrando, assim, os efeitos antidepressivos da *ayahuasca*. Ainda segundo a pesquisa, o chá ayahuasca pode proporcionar reduções mais rápidas e duradoras dos efeitos depressivos, do que os antidepressivos convencionais. Porém, os pesquisadores reconhecem que os resultados devem ser vistos com cuidado, por conta das limitações que a pesquisa apresenta:

The findings of this preliminary study demonstrate the potential antidepressant and anxiolytic effects of AYA, effects that, importantly, have an earlier onset of action when compared to traditional antidepressants. These findings suggest that AYA may represent a powerful new substance for the treatment of depressive and anxiety symptoms. However, these results deserve careful analysis, given the inherent limitations of an uncontrolled, open-label study with a small sample size. Other studies are needed to replicate these preliminary observations and to test, for example, the most effective dose (or doses) of AYA and the safety, tolerability, and effectiveness of AYA administration over a longer period of time (OSÓRIO et al., 2015, p.19).

Mais recentemente, um novo estudo se debruçou em examinar os efeitos antidepressivos da ayahuasca em pacientes com depressão recorrente. O estudo de Araújo *et al.* (2018) é um ensaio randomizado com controle de placebo, o que ainda não havia sido feito se tratando de ensaios clínicos sobre *ayahuasca*. A pesquisa contou com a participação de 29 pessoas (21 mulheres e 8 homens). Destes, 15 tomaram *ayahuasca* e 14 a substância placebo. Foram utilizadas as escalas de HAM-D e MADRS, no dia anterior a experiência e no primeiro, segundo e sétimo dia após, para ter acesso à gravidade da depressão de cada voluntário. Todos os procedimentos da pesquisa foram realizados no Hospital Universitário Onofre Lopes (Natal – RN), os pacientes foram acomodados em ambientes tranquilos e confortáveis, com cama, poltrona reclinável, temperatura regular e luz esmaecida, onde receberam uma dose de 1ml/kg de placebo ou ayahuasca, de acordo com Araújo *et al.* (2018, p. 2-3).

A pesquisa encontrou indícios de efeitos antidepressivos após uma única dose de ayahuasca quando comparada com o placebo, nos pacientes voluntários. “De acordo com as escalas de sintomas psiquiátricos, os pacientes do grupo da ayahuasca tiveram uma redução significativa dos efeitos depressivos, até sete dias após a experiência com o chá” (ARAÚJO et al., 2018, p. 6). No entanto, os pesquisadores pregam cautela nas avaliações dos resultados, por conta de uma série de variáveis que limitam os resultados alcançados:

Although promising, this study has some caveats and limitations worth mentioning. The number of participants is modest, and therefore randomized trials in larger populations are necessary. The study was limited to patients with treatment-resistant depression, with a long course of illness, and high comorbid personality disorder, which altogether precludes a simple extension of these results to other classes of depression (ARAÚJO et al., 2018, p. 7).

A pesquisa foi publicada na revista *Psychological Medicine*, da editora da Universidade de Cambridge (Reino Unido), após ser recusada em outras 12 revistas científicas. Segundo Araújo, o número elevado de rejeições se deu por diferentes motivos,

entre eles por “tratar de uma pesquisa com substância alucinógeno, natural da América do Sul, de uso tradicional de povos indígenas e, portanto, impatenteável” (LEITE, 2018).

É importante ressaltar que as pesquisas citadas não comprovam a eficácia terapêutica do chá *ayahuasca*, pelo fato de serem estudos com metodologias limitadas, onde não são estudados todas as possibilidades e variáveis de reações deste chá em pacientes que sofrem de depressão e abuso de drogas. Mas são estudos com resultados promissores, que deixam em aberto um potencial deste chá para com a saúde mental à ser estudado, como informa Labate, Rose e Santos (2008, p. 94).

5.10 Depressão e dependência química no século XXI

Para discutir o aspecto da saúde mental na contemporaneidade este trabalho parte do discurso de Byung-Chul Han (2015), na obra *Sociedade do Cansaço*. A partir de uma conversa com autores como Friedrich Nietzsche, Michel Foucault, Hannah Arendt, Jean Baudrillard, Alain Ehrenberg, etc., o filósofo sul-coreano, erradicado na Alemanha, sugere que a sociedade do século XXI tem como característica patológica primordial doenças que o autor denomina de *neurônais*: depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade, transtorno de personalidade limítrofe, síndrome de burnout, etc.

Segundo Han (2015), o aparecimento, cada vez mais frequente, destas doenças é reflexo de um excesso de *positividade* na sociedade pós-moderna, resultado da *superprodução*, *superdesempenho* ou *supercomunicação*, que o próprio sujeito impõe a si mesmo, o que se reflete em sentimentos de exaustão e saturação mental, produzindo verdadeiros *infartos psíquicos*.

Apesar do medo imenso que temos hoje de uma pandemia gripal, não vivemos numa época viral. Graças à técnica imunológica, já deixamos para trás essa época. Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológica nem viral, mas neuronal. Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas enfartos, provocados não pela *negatividade* de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de *positividade* (HAN, 2015, p. 7-8).

Esse contexto patológico do século XXI descrito por Han (2015), se faz presente nas pesquisas da Organização Mundial da Saúde (OMS) e Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), ambas de 2017. Os números revelam que 322 milhões pessoas no mundo vivem com depressão, sendo, 11,5 milhões no Brasil (OMS, 2017). Com relação ao uso de drogas, os números são de 250 milhões de pessoas no mundo, com 29,5 milhões apresentando algum transtorno referente ao uso abusivo de substâncias química (UNODC, 2017).

Para Bittencourt (2018), especialista em saúde mental, ela acredita também que casos de depressão e dependência química estão intimamente ligados as fragilidades sociais da contemporaneidade:

O que está muito relacionado com a depressão e a dependência química são as questões sociais. A gente percebe uma tendência mundial de uma queda de direitos sociais, a gente percebe que o capitalismo tem demandado uma pressão enorme, e a pessoa as vezes não consegue lidar com essa pressão. A gente percebe desde a formação a competitividade, um estímulo a competitividade muito grande. E isso faz com que a pessoa fique triste, isso pode fazer com que a pessoa procure a droga para aliviar essa pressão do dia a dia. Então eu acho que essas questões que envolvem o meio social, esse meio econômico que a gente vive, isso tem muita influência no uso da droga e da depressão (BITTENCOURT, 2018, p.71).

6 - METODOLOGIA:

A metodologia do documentário buscou seguir as três etapas de produção apresentadas por Puccini (2011): pré-produção, produção e pós-produção. No decorrer deste tópico irei discorrer sobre cada uma dessas etapas no trabalho, com a finalidade de relatar as atividades que foram realizadas no processo de construção do material.

6.1 Pré-produção

A pré-produção do documentário iniciou com o estudo bibliográfica de artigos científicos que abordam o objeto de pesquisa, no meu caso, o chá *ayahuasca*. Essa etapa durou 3 meses, mas ela perpassou toda a produção, pois sempre busca auxílio nos livros sobre qualquer dúvida relaciona ao objeto de estudo. Priorizei artigos que examinam a *ayahuasca* a partir do aspecto da saúde mental, por ser o foco do documentário *Planta Professora*. No entanto, com objetivo de me aprofundar ao máximo no tema “*ayahuasca*”, busquei entender melhor o universo ayahuasqueiro a partir de leituras que tratam de diferentes aspectos do chá: xamânico, religioso, antropológico, biomédico, botânico e fisiológico. Obtive acesso a maioria dos artigos científicos relacionados a *ayahuasca* através do portal¹² do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP), um grupo formado por pesquisadores acadêmicos da área de psicoativos.

Com relação ao processo criativo do documentário, tive como referências bibliográficas o já citado Puccini (2011), o manual didático oficina de formatação de projeto linha de produção de conteúdos destinados às TVs públicas, da Agência Nacional de Cinema (Ancine), além de Nichols (2016). Este último de extrema importância, pois apresentou as bases teóricas para selecionar quais modos de documentário seriam mais adequados ao tema que abordo em *Planta Professora*.

No âmbito do imaginário social em torno da *ayahuasca*, autores como Reginato (2010), Benedito (2017), Labate, Rose e Santos (2008) e MacRae (1992), serviram como referências no intuito de compreender melhor as representações que a mídia faz da bebida, o que me auxiliou a observar com maior clareza o imaginário que cerca o chá.

Por fim, a partir da pesquisa bibliográfica foi decidido quais vozes deveriam estar presentes na narrativa documental. Após contato com profissionais da saúde, estudiosos da

¹² <http://neip.info/>

ayahuasca e pessoas ligadas ao universo ayahuasqueiro, chegou-se aos seguintes nomes de colaboradores:

- **Matheus Carvalho:** tem 22 anos, estuda relações internacionais na Universidade Federal do Amapá. Há três anos faz uso de antidepressivos. Já teve uma experiência com *Ayahuasca* há aproximadamente um ano, segundo seu relato não teve uma experiência positiva, não sentiu nada de transcendente, muito por conta do ambiente que não era favorável. Tem vontade de ter de novo a experiência, agora em um ambiente mais próximo da floresta, para saber se o chá *Ayahuasca* pode ter um efeito positivo em sua saúde mental.
- **Miller Souza:** tem 25 anos. É formado em ciências ambientais pela na Universidade Federal do Amapá. Faz uso ritualístico religioso do chá *Ayahuasca* há dois anos. Conta que antes de conhecer o chá era dependente de álcool, maconha e pasta base de cocaína. Diz-se atualmente livre dos vícios, muito por conta do trabalho espiritual que fez com *Ayahuasca*. Faz parte do grupo neoayahuasqueira Escola da Corte Celestial e tem como objetivos na vida fazer outra graduação, passar em um concurso público e contribuir no crescimento do grupo no qual faz parte. Atualmente mora em Macapá, capital do Amapá.
- **Afrânio Patrocínio Andrade:** tem 59 anos. É Pós-doutor em Teologia. Estuda a *ayahuasca* há 32 anos e atua como professor de filosofia da UNIFAP. Já tomou o chá *ayahuasca* em todos os três principais seguimentos religiosos do Brasil (Daime, União do Vegetal e Barquinha). Atualmente é participante da comunidade neoayahuasqueira Escola da Corte Celestial, onde participa como professor titular, cargo exercido por quem dirige as vivências com *ayahuasca*.
- **Marina Noli Bittencourt:** tem 30 anos. Estuda a área de saúde mental há 10 anos. É Doutora em Ciências da Saúde. Atualmente, é professora no colegiado de Enfermagem da UNIFAP. Sua área de pesquisa é a saúde mental. Irá falar a respeito do contexto das doenças mentais na contemporaneidade.
- **Madson Ralide Fonseca Gomes:** tem 39 anos. É professor do colegiado de farmácia da UNIFAP. É especialista em farmacologia, Mestre em Química e Doutor em Ciências Farmacêuticas, além de possuir pós-doutorado a área de medicamentos

fitoterápicos. Atua a área da farmácia e bioquímica há 18 anos. Irá falar sobre a farmacodinâmica e farmacocinética da *ayahuasca*.

- **Dráulio Barros de Araújo:** Tem 46 anos. É professor do instituto do cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) atua na área de neurociências, com ênfase na utilização da imagem funcional por ressonância magnética e eletroencefalografia na avaliação das bases neurais dos estados alterados de consciência induzidos pelo psicodélico ayahuasca, bem como na exploração do seu potencial antidepressivo.

6.2 – Produção

Nesta etapa, que durou cerca de 6 meses, foram realizadas as entrevistas com os colaboradores. As locações para as gravações foram escolhidas buscando retratar o ambiente habitual de cada colaborador. Sendo assim, as entrevistas com professores foram realizadas na Universidade Federal do Amapá, exceto a com o professor Dráulio Barros de Araújo, sendo esta realizada por meio de vídeo chamada.

As entrevistas com membros da comunidade *neoayahuasqueira* Escola da Corte Celestial (ECC) foram realizadas na atual sede, que fica em Mazagão, município a 37 quilômetros de Macapá. A ECC é um grupo neoayahuasqueiro que existe desde 2014, no município de Porto Velho, em Rondônia. No Amapá, o grupo existe desde 2016. Os seus trabalhos com ayahuasca consiste da seleção de elementos das religiões ayahuasqueiras tradicionais (Santo Daime, União do Vegetal e Barquinha) organizados em um outro contexto ritualístico próprio da ECC.

Os depoimentos de Matheus Carvalho foram captados na casa do colaborador e na Universidade Federal do Amapá. Algumas imagens de apoio foram feitas em gravações externas pelo bairro do Trem, zona Central de Macapá.

Depoimentos de populares falando sobre *ayahuasca* foram feitos em gravações externas pelo Centro Comercial de Macapá. Nessa locação também foram captadas imagens de apoio.

Psiquiatras da cidade de Macapá foram procurados para prestarem depoimento sobre o tema da pesquisa, porém, observou-se que os profissionais não tinham uma opinião

formada com relação ao uso do alucinógeno em pacientes com sintomas depressivos e/ou uso abusivo de drogas.

Com relação ao equipamentos utilizados na captação das entrevistas, uma câmera Canon Eos Rebel T5i e as objetivas Canon Ef-s 18-55mm e Canon Ef 50mm foram usadas na captação das imagens. Na captação de áudio foi usado um gravador sony, um microfone lapela e um microfone Røde Stereo Videomic Pro.

6.3 - Pós-produção

Predomina no documentário a montagem de evidência ou comprobatória, aquela que, segundo Nichols (2016, p. 176) é a mais comum do modo expositivo, baseada em cortes que argumentem uma ideia de forma única, coerente e lógica.

Também foi usada em algumas partes a *montagem expressiva* que busca trabalhar a justaposição de planos com a finalidade de “expressar por si mesma um sentido ou ideia” (MARTIN, 1990, pp. 131-134 apud PUCCINI, 2011, p. 96).

E não foi descartado o uso de *montagem narrativa*, típica de filmes de ficção, onde interessa a continuidade da ação que se desenvolve em determinada sequência, como diz Puccini (2011, p. 117). A *montagem narrativa* foi usada ao acompanhar a rotina dos dois atores sociais.

7 - CONCLUSÕES:

O projeto experimental “Planta Professora: vídeo-documentário sobre o imaginário social e o aspecto terapêutico da ayahuasca em contexto religioso surgiu com objetivo de apresentar a relação entre *ayahuasca* e saúde mental. Assunto esse que ainda incipiente nos meios de comunicação e em pesquisas científicas, mas aparentemente com um futuro promissor nesta última, segundo Labate, Rose e Santos (2008, p. 92).

Na fase de pré-produção do documentário psiquiatras da cidade de Macapá foram procurados para falarem sobre o tema da pesquisa, porém, observou-se que os profissionais ainda não têm uma opinião formada sobre o uso do alucinógeno em pacientes com sintomas depressivos e/ou uso abusivo de drogas.

O fato corroborou para a conclusão que os estudos clínicos examinando os efeitos da ayahuasca em pacientes com depressão e/ou dependência química ainda é algo muito pouco conhecido na sociedade. Através das histórias dos dois atores sociais, Gabriel e Rogério, o tema pôde ser apresentado ao público, um dos objetivos desse trabalho

Outro ponto que o documentário buscou abordar foi o imaginário negativo que cerca o chá alucinógeno. Depoimentos de pessoas pelas ruas do bairro Central de Macapá relacionaram a beberagem com as drogas (de maneira pejorativa) e com assuntos “demoníacos”. Observou-se que ainda existe um preconceito, por parte do grande público, com a *ayahuasca*.

Um ponto interessante que pôde ser observado foi que os próprios pesquisadores e usuários da ayahuasca tem a opinião de que ela não pode ser encarada como um remédio que irá substituir os fármacos convencionais, e sim, que ela pode vir a ser uma via alternativa de tratamento:

Os tratamentos que a gente tem disponíveis hoje para depressão eles tem efeitos colaterais significativos, só que por outro lado a gente tem que ter a clareza de a *ayahuasca* não seja para todo mundo. Não é todo mundo que gosta de montanha russa. Tem pessoas que vão responder melhor a um antidepressivo comercial do *ayahuasca*. O que eu diria que nesse momento a gente tem é uma esperança para um tratamento que talvez seja mais eficiente do que os tratamentos que a gente tem hoje comercialmente disponíveis. Hoje a gente ainda não sabe se é mais eficiente se é menos eficiente (ARAÚJO, 2018, p. 87).

Outro foco deste Projeto Experimental era tocar na questão da saúde mental na contemporaneidade, partindo da tese de Han (2015), de que a sociedade do século XXI é marcada por uma “perspectiva patológica neuronal” (HAN, 2015, p. 7).

Para Bittencourt (2018), uma das colaboradoras entrevistadas no documentário, os casos de depressão e dependência química estão ligados as fragilidades sociais, como a desigualdade:

O que está muito relacionado com a depressão e a dependência química são as questões sociais. A gente percebe uma tendência mundial de uma queda de direitos sociais, a gente percebe que o capitalismo tem demandado uma pressão enorme, e a pessoa as vezes não consegue lidar com essa pressão. A gente percebe desde a formação a competitividade, um estímulo a competitividade muito grande. E isso faz com que a pessoa fique triste, isso pode fazer com que a pessoa procure a droga para aliviar essa pressão do dia a dia. Então eu acho que essas questões que envolvem o meio social, esse meio econômico que a gente vive, isso tem muita influência no uso da droga e da depressão (BITTENCOURT, 2018, p.71).

O documentário foi gravado em dois municípios do Amapá, na capital Macapá e a cidade de Mazagão. Um dos objetivos do projeto também era refletir e poder sensibilizar outras pessoas sobre o estado da saúde mental de jovens e adultos na contemporaneidade, em especial dos jovens amapaense, estado com um dos maiores índices de suicídios do Brasil, como ressalta Bittencourt:

O Amapá é um dos estados com maior taxa de suicídio e inclusive é um dos estados mais pobres do Brasil. É o estado que tem a pior cidade para se viver, que é Tartarugalzinho. É um estado que tem apenas 10% de esgoto. É o estado que tem a piores taxas de formação educacional. Se a gente for pegar todos esse fatores, a gente tem uma relação muito perfeita. Se a gente tem um problema social grande aqui e de se ver que a depressão vai estar mais presente e o suicídio, também (BITTENCOURT, 2018, p.71).

Como problema fundamental da pesquisa tivemos a pergunta “a *ayahuasca* pode vir a ser uma alternativa aos tratamentos convencionais a pacientes em condição de depressão e/ou uso abusivo de psicoativos, mesmo com o imaginário negativo que a cerca?”.

Podemos observar no decorrer da pesquisa depoimentos de sujeitos que fizeram o uso do alucinógeno e tem relatos positivos sobre os efeitos do chá na saúde mental do individuo. Porém, essas mesmas pessoas destacam que a *ayahuasca* não faz nenhum milagre. É preciso o individuo está disposto a querer se curar da doença:

O chá não deve ser visto como uma panacea. [...] Ele deve ser entendido como um auxiliar, quando a pessoa está querendo buscar resolver um determinado problema interior, [...]E a pessoa quer resolver esse problema, então ela as vezes tem dificuldade então ela precisa de bastante de concentração para poder manter firme o seu pensamento. O chá auxilia nesse sentido. Mas vai da pessoa querer fazer isso. A finalidade é a gente trabalhar as emoções da gente, trabalhar o equilíbrio emocional, trabalhar também uma orientação espiritual (ANDRADE, 2018, p. 68).

De acordo com Dráulio (2018), é muito difícil afirmar que a *ayahuasca* tenha algum efeito positivo sobre pacientes com depressão e/ou dependência química, muito por conta das pesquisas científicas que foram feitas até o momento não utilizarem metodologias tão rigorosas. Segundo o pesquisador, o próximo passo seria realizar pesquisas com um número maior de pessoas.

Se você for em uma igreja que usa *ayahuasca* como sacramento você vai encontrar pessoas que são membros de religiões *ayahuasqueiras* e que tem sintomas de depressão, então isso significa, naturalmente, que a *ayahuasca* não é uma bala de prata, que vai funcionar para todo mundo. O que a gente precisa identificar agora é detectar quais condições a gente otimiza o efeito e naturalmente aumentar o número de indivíduos que participam desse tipo de terapia pra que a gente consiga identificar em quais indivíduos você tem uma melhor resposta e sob quais condições você obtém uma melhor resposta (ARAÚJO, 2018, p. 87).

A partir das entrevistas realizadas e das pesquisas lidas, a pesquisa tira como conclusão de que não há nenhuma confirmação que a *ayahuasca* possa ser considerada um remédio para a depressão e/ou dependência química. O que existe atualmente são apenas indícios de que a bebida alucinógena possa vir a ser usada de forma terapêutica em pacientes com essa condição.

Foi escolhido encerrar o documentário com uma fala de Dráulio (2018), onde o pesquisador ressalta a falta de comprovação do uso da *ayahuasca* para fins terapêuticos, com o objetivo de deixar o tema em aberto para que o público tire suas próprias conclusões.

8 - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA, VIDEOGRAFIA, FILMOGRAFIA, INFOGRAFIA E OUTRAS FONTES DE CONSULTA: obras que realmente foram consultadas, pessoas entrevistadas, documentos consultados, sites da Internet, etc.

AMARAL, William Carvalho do. **Interações do chá de ayahuasca com antidepressivos: estudo bioquímico e comportamental.** Santo André, SP. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal do ABC, 2013. Disponível em:<neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/amaral_ayahuasca_interacao_antidepressivos_2013.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

AGÊNCIA NACIONAL DE CINEMA. **Brasil de todas as telas:** Manual Didático Oficina de Formatação de Projeto Linha de Produção de Conteúdos destinados às TVs Públicas. 2015.

ANDRADE, Afrânio Patrocínio de. **O fenômeno do chá e a religiosidade cabocla: um estudo centrado na União do Vegetal.** São Bernardo do Campo, SP. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Instituto Metodista de Ensino Superior, 1995. Disponível em:<http://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/afranio_01.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

ANDRADE, Afrânio. Afrânio Andrade: entrevista [Março, 2018]. Entrevistador: Victor Vidigal. Mazagão: Residência do colaborador, 2018. Arquivo em vídeo. Entrevista concedida ao documentário “Planta Professora”.

ARAÚJO, Dráulio B.. Dráulio Barros de Araújo: entrevista [Julho, 2018]. Entrevistador: Victor Vidigal. Macapá: 2018. Arquivo em vídeo. Entrevista concedida ao documentário “Planta Professora”.

ARAÚJO, Dráulio. Rapid antidepressant effects of the psychedelic ayahuasca in treatment-resistant depression: a randomized placebo-controlled trial. **Psychological Medicine**, University of Cambridge, 24 abr. 2018. Disponível em:<https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/E67A8A4BBE4F5F14DE8552DB9A0CBC97/S0033291718001356a.pdf/rapid_antidepressant_effects_of_the_psychedellic_ayahuasca_in_treatmentresistant_depression_on_a_randomized_placebocontrolled_trial.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2018.

AUGUSTO, Isabel Regina. Limites e Possibilidades da História Oral. **Revista Ágora** (UFES), v. 15, p. 35-44, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/agora/article/download/4217/3324>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

ANAZ, Sílvio; AGUIAR, Grazyella; LEMOS, Lúcia; FREIRE, Norma; COSTA, Edwaldo. **Noções do Imaginário: Perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin.** Nexi (PUCSP), v. 3, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/nexi/article/download/16760/15660>>. Acesso em: 21 abr. 2018.2014

AYAHUASCA: o chicote da alma. Direção: Bruno Veiga Valentim. Produção: Rick Nogueira. Canal Futura; Idéias Ideais; Brasil Raiz Cine 1. 2017. (13min). Disponível em:<<http://www.futuraplay.org/video/ayahuasca/399777/>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

BARBOSA, P.C. **Psiquiatria Cultural do Uso Ritualizado de Um Alucinógeno No Contexto Urbano**: Uma Investigação dos Estados de Consciência Induzidos pela Ingestão da Ayahuasca no Santo Daime e União do Vegetal em Moradores de São Paulo. Campinas: Unicamp, 2001. Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/paulo_tse/tese_paulo.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2018.

BARROS, A.T. A natureza interdisciplinar da comunicação e o novo cenário da produção de conhecimento. **Ciberlegenda**. Niterói, n. 9, 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/d8cfd498eb9c43df5389452d078dcf0a.PDF>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

BENEDITO, Camila de Pieri. Entre o sacramento e o narcótico: analisando discursos de deslegitimação dos saberes da ayahuasca. **Revista Labirinto Ano XVIII**, Rondônia, v. 26, n. 1, p. 163-181, jar-mar. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/download/2216/2029>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

BITTENCOURT, Marina Noli. Marina Noli Bittencourt: entrevista [Abril, 2018]. Entrevistador: Victor Vidigal. Macapá: UNIFAP-AP, 2018. Arquivo em vídeo. Entrevista concedida ao documentário “Planta Professora”.

BRITO, Glacus de Souza. Farmacologia Humana: chá preparado de plantas alucinógenas usado em contexto ritual no Brasil. In: LABATE, B.C.; ARAÚJO, W.S. (Orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2ª ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, pp. 623-653.

CONSELHO NACIONAL ANTIDROGAS. Resolução nº 1, de 25 de janeiro de 2010. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 26 jan. 2010. Seção 1, p. 57.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. – São Paulo: Atlas, 2012.

ELIADE, Mircea. El xamanismo y las técnicas arcaicas del extasis. México, Fondo de Cultura Económica, 1975.

ESCOBAR; J. A. C.; ROAZZI, A. **Substâncias Psicodélicas e Psilocibina**. Recife: UFPE, 2010. Disponível em: <https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/escobarroazzi_substancias.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2018.

FERNANDES, Nathan. **Como a ayahuasca e outros psicodélicos estão revolucionando a psiquiatria**. Galileu, 27 de jul. 2018. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/noticia/2018/07/como-ayahuasca-e-outros-psicodelicos-estao-revolucionando-psiquiatria.html>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

GOMES, Hélio. **A encruzilhada do Daime**. Isto É, 05 de fev. 2001. Disponível em: <https://istoe.com.br/48304_A+ENCRUZILHADA+DO+DAIME+PARTE+1/>. Acesso em: 11 ago. 2018.

GOULART, Sandra Lucia. **Religião, Política e Cultura: o uso da ayahuasca como patrimônio cultural.** Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP), 2016. Disponível em: < https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2016/07/Goulart_Labate_Patrimonio_Ayahuasca_ABA_Joao-Pessoa_2016.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2018.

GROB, C.S.; MCKENNA, D.J.; CALLAWAY, J.C.; BRITO, G.S.; NEVES, E.S. OBERLENDER, G.; SAIDE, O.L.; LABIGALINI, E.; TACLA, C.; MIRANDA, C.T.; STRASSMAN, R.J.; BOONE, K.B.; NEVES, E.S. Farmacologia humana da hoasca, planta alucinógena usada em contexto ritual no Brasil: efeitos psicológicos. In: LABATE, B.C.; ARAÚJO, W.S. (Orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca.** 2ª ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, pp. 653-669. (tradução do artigo Grob *et. al.* 1996 para o português) [Resultados do *Projeto Hoasca: farmacologia humana da Ayahuasca*]

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Tradução Enio Paulo Giachini. 1ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LABAKI, Amir. **Rose e Santos ao Documentário Brasileiro.** 1ª ed. - São Paulo: Francis, 2006.

LABATE, Beatriz Caiuby; Santos, R.G.; Anderson, B.; Mercante, M.; Barbosa, P.C.R. **Considerações sobre o tratamento da dependência por meio da ayahuasca.** Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP), 2009. Disponível em: <neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/labate_et_all_tratamento_dependencia_ayahuasca_final.pdf> Acesso em: 16 fev. 2017.

LABATE, Beatriz Caiuby; ALVES JR., Antonio Marques, ROSE, ISABEL SANTANA DE. **A outra face de Glauco Vilas Boas, líder religioso do Santo Daime.** Folha de São Paulo, 21 de mar. 2010. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2010/03/709924-a-outra-face-de-glauco-vilas-boas-lider-religioso-do-santo-daime.shtml> >. Acesso em: 11 ago. 2018.

LABATE, Beatriz Caiuby. A literatura brasileira sobre religiões ayahuasqueiras. In: LABATE, B.C.; ARAÚJO, W.S. (Orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca.** 2ª ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, pp. 231-277.

LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lúcia. **Da Amazônia ao Norte Global e de Volta: As Várias Ayahuascas da II Conferência Mundial da Ayahuasca.** Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP), 2017. Disponível em: <neip.info/novo/wp-content/uploads/2017/07/Goulart_Labate_Amazonia_ao_Norte_Global_ALA_2017.pdf> Acesso em: 21 mar. 2018.

LABATE, Beatriz Caiuby; ROSE, Isabel Santana de; SANTOS, Rafael Guimarães dos. **Religiões Ayahuasqueiras: um balanço bibliográfico.** – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

LABIGALINI JR., E. **O uso de Ayahuasca em um contexto religioso por ex-dependentes de álcool:** um estudo qualitativo. Mestrado em Saúde Mental, Unifesp/EPM. [Resultados de pesquisa com quatro (ex-) dependentes de álcool na União do Vegetal. Araçariquama (SP),

1998]. Disponível em: < https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/labigalini_jr_udv_tratamento_alcool_1998.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2018.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

LEITE, Marcelo. Ayahuasca diminui sintomas de depressão em pesquisa brasileira. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 jun. 2018. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2018/06/ayahuasca-diminui-sintomas-de-depressao-em-pesquisa-brasileira.shtml>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LUNA, Luiz Eduardo. “Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural”. In: LABATE, Beatriz; ARAÚJO, Wladmy (Orgs.) **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: FAPESP, Mercado das Letras, 2009.

LUZ, Pedro. O uso ameríndio do caapi. In: LABATE, B.C.; ARAÚJO, W.S. (Orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2ª ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, pp. 37-68.

MACRAE, E. **Guiado pela lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. Disponível em: < http://www.neip.info/downloads/!!!temp_09_07/12.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2018.

MARTINI, Andréa. **Conhecimento indígena e a patrimonialização da ayahuasca**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP), 2014. Disponível em: < https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/martini_conhecimento_indigena_patrimonializacao_ayahuasca_2014.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2018.

NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE PSICOATIVOS (NEIP). **Nota de repúdio às notícias veiculadas pelas Revistas Veja e Isto É sobre a Ayahuasca**, 2010. Disponível em: < neip.info/evento/nota-de-repudio-as-noticias-veiculadas-pelas-revistas-veja-e-isto-e-sobre-a-ayahuasca/>. Acesso em: 27 mai. 2018.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. 6ª ed. - Campinas, SP: Papirus, 2016.

NOGUEIRA, Pablo. **Ayahuasca: Da Magia à Possível Cura para Alcoolismo e Depressão**. Motherboard, 17 de ago. 2015. Disponível em: < https://motherboard.vice.com/pt_br/article/kbge5e/ayahuasca-contra-alcoolismo-e-depressao>. Acesso em: 11 ago. 2018.

OSÓRIO, Flávia de L. et al. Antidepressant effects of a single dose of ayahuasca in patients with recurrent depression: a preliminary report. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 37, n. 1, Jan./Mar. 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462015000100013>. Acesso em: 21 abr. 2018.

PEREIRA, Otávio Castello de Campos; BRITO, Glacus de Souza. **Considerações a respeito do Parecer Ayahuasca, da Associação Brasileira de Psiquiatria / Associação Brasileira de Estudos em Álcool e Drogas (ABP/ABEAD)**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP), 2002. Disponível em: <<https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/consideracoes-demec-parecer-da-abead-ayahuasca-ago02.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. 3ª ed. - Campinas, SP: Papirus, 2009.

REGINATO, A. D. A. Regulamentação do uso de substância psicoativa para fins religiosos: o caso da ayahuasca. **Tomo** (UFS), v. 17, p. 57-78, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/508>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

ROMERO, Simon. **Presos de Rondônia encontram redenção na ayahuasca**. The New York Times, São Paulo, 04 de abr. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/04/1612238-presos-de-rondonia-encontram-redencao-na-ayahuasca.shtml>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

SOARES, Luiz Eduardo. **O Santo Daime no Contexto da Nova Consciência Religiosa**. In: SANTOS, Eduardo Soares. **O Rigor da Indisciplina**. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 1994.

SANTOS, Rafael Guimarães. **Efeitos da ingestão de ayahuasca em estados psicométricos relacionados ao pânico, ansiedade e depressão em membros do culto do santo daime**. Brasília: UnB, 2006.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **World Drug Report**. 2017. Disponível em:<http://www.unodc.org/wdr2017/field/WDR_2017_presentation_lauch_version.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates. 2017. Disponível em:<<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/254610/1/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf?ua=1>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

ZULUAGA, Germán. A cultura do yagé, um caminho de índios. In: LABATE, B.C.; ARAÚJO, W.S. (Orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2ª ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, pp. 129-145.

9 - APÊNDICES: cronograma e orçamento, transcrição de entrevistas (fitas e e-mail, por exemplo), plano de comunicação, projeto editorial e projeto gráfico.

9.1 PROJETO/BRIEFING

Público alvo

O projeto busca atingir o público interessado em conhecimentos sobre a cultura da Amazônia. Também tem por finalidade alcançar o espectador que tem interesse em assuntos relacionados a espiritualidade.

Duração

45'

Sinopse

O documentário aborda a potencialidade terapêutica da *ayahuasca* quando utilizada em contexto ritualístico religioso. Para isso, acompanha duas pessoas em diferentes etapas da vida. Gabriel Santos (nome fictício) é um jovem estudante que sofre de depressão e tem pouca afinidade com espiritualidade. Rogério Britto (nome fictício) tem 25 anos, através da espiritualidade vem superando problemas com drogas e depressão. Em comum, eles tem em seus caminhos a *ayahuasca*. O primeiro, busca a *ayahuasca* para descobrir seus efeitos sobre sua saúde mental. O segundo, tem o chá como parte de sua vida.

Visão original

Há dois anos, li um livro do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han intitulado Sociedade do Cansaço. Na obra, o pensador discute, a partir de um diálogo com Hannah Arendt, Jean Baudrillard, Maurice Blanchot e Nietzsche, entre outros, a transição de uma sociedade que, no século passado, sofria de patologias bacteriológicas ou virais para uma sociedade que, no século XXI, sofre de patologias neuronais, como depressão, transtornos de déficit de atenção, hiperatividade e Síndrome de Burnout. (HAN, 2015)

A leitura me causou reflexão sobre o quanto a saúde mental na sociedade contemporânea anda debilitada: pesquisas na mídia revelando o aumento desse tipo de doença no mundo todo, notícias de grandes celebridades do show business sofrendo com uso de remédio psiquiátrico, compartilhamento de conteúdo relacionado nas redes sociais.

Durante esse tempo também acompanhava notícias e pesquisas relacionadas a *ayahuasca*, e o potencial terapêutico deste chá utilizado a milhares de anos por povos indígenas. Entendendo a *ayahuasca* como algo cultural da região norte e um auxiliador para melhor

equilíbrio emocional, desenvolvimento espiritual e concentração mental, pude ter minhas primeiras experiências com o chá, em contexto ritualístico religioso. Tive experiências boas, que me trouxeram aprendizados, lições, insights, que pude aplicar nos contextos em que vivo para melhorar meu estilo de vida. Experiências como essa se repetem em vários dos grupos ayahuasqueiros existentes no Brasil.

Abordar histórias de vidas de sujeitos que tiveram na *ayahuasca* uma porta para superarem problemas de depressão e dependência química, questionando assim o potencial terapêutico e o imaginário social que a cerca, é uma forma levar mais conhecimento ao espectador sobre esta prática religiosa/cultural que acontece em vários países da América do Sul. Deixando a tona a pergunta: o quanto a *ayahuasca* pode vir a complementar a saúde mental tradicional, nos tratamentos de depressão e dependência química mesmo sendo cercada por um imaginário negativo? Essas são questões que este documentário busca levantar.

Tom

A obra busca ter um tom híbrido. Não se pautar apenas no didatismo do modo *expositivo*, mas também trabalhar com o tom descritivo do modo *observativo*, o tom pessoal, emotivo do modo *performático*. (NICHOLS, 2016).

Conceito unificador

O conceito unificador surge da ideia de despertar o espectador para o contexto das doenças mentais na contemporaneidade, mostrando histórias de pessoas que sofrem ou sofreram com isso. Ao mesmo tempo em que levanta o debate sobre a possibilidade dos benefícios da *ayahuasca* sobre a depressão e a dependência química. Para isso, busca-se adentrar o íntimo dos personagens, através de entrevistas de história de vida e de uma fotografia que preza planos detalhes como forma de passar essa intimidade ao espectador.

Eleição de objetos

- Colaboradores

- **Matheus Carvalho:** tem 22 anos, estuda relações internacionais na Universidade Federal do Amapá. Há três anos faz uso de antidepressivos. Já teve uma experiência com *Ayahuasca* há aproximadamente um ano, segundo seu relato não teve uma experiência positiva, não sentiu nada de transcendente, muito por conta do ambiente que não era favorável. Tem vontade de ter de novo a experiência, agora em um

ambiente mais próximo da floresta, para saber se o chá *Ayahuasca* pode ter um efeito positivo em sua saúde mental.

- **Miller Souza:** tem 25 anos. É formado em ciências ambientais pela na Universidade Federal do Amapá. Faz uso ritualístico religioso do chá *Ayahuasca* há dois anos. Conta que antes de conhecer o chá era dependente de álcool, maconha e pasta base de cocaína. Diz-se atualmente livre dos vícios, muito por conta do trabalho espiritual que fez com *Ayahuasca*. Faz parte do grupo religioso Escola da Corte Celestial e tem como objetivos na vida fazer outra graduação, passar em um concurso público e contribuir no crescimento do grupo no qual faz parte. Atualmente mora em Mazagão, o estado do Amapá.
- **Afrânio Patrocínio Andrade:** tem 59 anos. É Pós-doutor em Teologia. Estuda a *ayahuasca* há 32 anos e atua como professor de filosofia da UNIFAP. Já tomou o chá *ayahuasca* em todos os três principais seguimentos religiosos do Brasil (Daime, União do Vegetal e Barquinha).
- **Marina Noli Bittencourt:** tem 30 anos. Estuda a área de saúde mental há 10 anos. É Doutora em Ciências da Saúde. Atualmente, é professora no colegiado de Enfermagem da UNIFAP. Sua área de pesquisa é a saúde mental. Irá falar a respeito do contexto das doenças mentais na contemporaneidade.
- **Madson Ralide Fonseca Gomes:** tem 39 anos. É professor do colegiado de farmácia da UNIFAP. É especialista em farmacologia, Mestre em Química e Doutor em Ciências Farmacêuticas, além de possuir pós-doutorado a área de medicamentos fitoterápicos. Atua a área da farmácia e bioquímica há 18 anos. Irá falar sobre a farmacodinâmica e farmacocinética da *ayahuasca*.
- **Dráulio Barros de Araújo:** Tem 46 anos. É professor do instituto do cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) atua na área de neurociências, com ênfase na utilização da imagem funcional por ressonância magnética e eletroencefalografia na avaliação das bases neurais dos estados alterados de consciência induzidos pelo psicodélico *ayahuasca*, bem como na exploração do seu potencial antidepressivo.

- **Christiano Jean-jacques:** tem 38 anos, é amigo de Gabriel Santos, estuda relações internacionais na Unifap. Já foi membro da União do Vegetal por oito anos.
- **Rafael Pitt:** tem 38 anos, é professor do colegiado de Filosofia da Unifap e amigo de Rogério Britto. Ele já frequentou o mesmo grupo *neoayahuasqueiro* que Rogério faz parte.

- Eventos

O almoço de Rogério Britto com os amigos; o encontro de Rogério Britto e Gabriel Santos antes da experiência com *ayahuasca*.

- Locais onde serão feitas as entrevistas para eventos

- **Campus Marco Zero do Equador da Universidade Federal do Amapá:** nessa locação foi realizado a captação de entrevistas com Gabriel Santos e captação de planos de passagem do cotidiano do estudante.
- **Laboratório de enfermagem da UNIFAP:** nessa locação foi realizado a captação entrevista com a professora do curso de enfermagem Marina Nolli, especialista em Saúde Mental.
- **Laboratório de Farmácia da UNIFAP:** nessa locação foi realizado a captação de entrevista com a professor do curso de farmácia Madson, onde explicará a farmacocinética e farmacodinâmica da *ayahuasca*.
- **Centro comercial de Macapá:** captação entrevistas estilo “o povo fala”, buscando descobrir com o imaginário do cidadão médio a respeito de *ayahuasca*.
- **Casa de Gabriel Santos:** captação imagens de Gabriel se preparando para ir a universidade e entrevista com o mesmo.
- **Bairro Trem:** captação planos de cobertura de Gabriel Santos na parada de ônibus.

- **Sede da Escola da Corte Celestial:** que fica no município de Mazagão, a 32 km de Macapá, foi realizada captação de entrevista com professor Afrânio Andrade, captação de entrevista com Rogério Britto, captação de planos de cobertura e imagens de momentos antes do ritual com *ayahuasca*.

Estratégia de abordagem

- Procedimentos narrativos

Será usado entrevistas na linha narrativa do documentário. As entrevistas com fontes especialistas (professores, farmacólogos, psiquiatras) terão uma “abordagem de discurso direto, onde o entrevistado fala diretamente com a câmera e o público” (NICHOLS, 2016, p. 93). Essa abordagem é escolhida por se tratarem de entrevistas onde o objetivo é capturar informações mais objetivas, de cunho técnico e científico.

As entrevistas com os atores sociais (Gabriel Santos e Rogério Britto) optam por uma abordagem de discurso indireta, onde a fala do entrevistado não é dirigida diretamente ao público (NICHOLS, 2016, p. 93). Abordar os atores sociais a partir de um discurso indireto dos mesmos, tem o intuito de exprimir no documentário a singularidade dessas pessoas, suas subjetividades, sentimentos e emoções. De uma maneira que o espectador possa sentir o mundo histórico da forma específica dos atores sociais.

Na parte inicial foi escolhido ser utilizado a ferramenta de cartelas buscando orientar o espectador e fazer uma breve apresentação do tema, “tendo em vista a função informativa e poder de síntese da ferramenta” (PUCCINI, 2011, p. 121).

- Presença do narrador e/ou apresentador

Terá presença de Voz Over em apenas 1 sequência do filme. A proposta em não usar Voz Over repetidamente parte do objetivo em evitar as desvantagens que esse procedimento pode acarretar ao documentário, como uma voz em tom de autoridade e superioridade sobre o tema (RABIGER, 1998, pp. 276-277 apud. PUCCINI, 2011, p. 106). Além de evitar que a narrativa do documentário fique tediosa.

Em razão disso optei pelo procedimento apenas no momento em que for ser explicada a historicidade da *ayahuasca*, servindo com a finalidade de sintetizar uma informação de caráter histórico (PUCCINI, 2011, p. 106)

- Som: trilha sonora, sons ambientais

Será usado predominantemente o som direto em situações de filmagem, se originando das entrevistas, nos eventos e situações de locações. Também será usado sons ambientes, adicionados na fase de montagem para ajudar a criar maior ambientação em alguns momentos. Não optei em usar trilha sonora me influenciando em alguns documentários como “Na captura dos Friedmans”, “Noticias de uma guerra particular” e “Corpo político”.

- Videografismos

Será usado videografismo na intenção de ilustrar as falas dos colaboradores, com a finalidade de deixar mais claro ao espectador a farmacodinâmica e a farmacocinética da *ayahuasca*. Também será usado para ilustrar a voz over que explicará o aspecto histórico da *ayahuasca*.

- Composição da equipe (menor ajuda a evitar inibição e interferência)

Roteiro, direção, som direto e produção: Victor Vidigal

Direção de fotografia: Victor Vidigal

Montagem: Victor Vidigal

- Montagem

O documentário busca trabalhar predominantemente com a *montagem de evidência e expressiva*. A *montagem de evidência* é aquela que trabalha os cortes de modo a evidenciar um argumento de forma única, coerente e lógica (NICHOLS, 2016, p. 176). A *montagem expressiva* busca trabalhar a justaposição de planos com a finalidade de “expressar por si mesma um sentido ou ideia” (MARTIN, 1990, pp. 131-134 apud PUCCINI, 2011, p. 96). Mas não descarta-se o uso de *montagem narrativa*, típica de filmes de ficção, onde interessa a continuidade da ação que se desenvolve em determinada sequência, como diz Puccini (2011, p. 117). A *montagem narrativa* será usada ao acompanhar a rotina dos dois atores sociais. É importante ressaltar a linha tênue de separação desses tipos de montagem, levado em consideração que “efeitos de montagem narrativos podem possuir valores expressivos” (MARTIN, 1990, pp. 131-134 apud PUCCINI, 2011, p. 96).

ESTRUTURA (ESCALETA)

ESBOÇO DO ROTEIRO - PROJETO EXPERIMENTAL

CRÉDITOS INICIAIS

- Logo da UNIFAP
- Projeto experimental do curso de jornalismo

FAD IN

SEQUÊNCIA 01 - INT/DIA – CASA MATHEUS

CÂMERA NA MÃO Matheus se olhando no espelho – ele está se arrumando para sair.

Áudio: O personagem se apresenta. Fala seu nome. Idade. Profissão. E de qual tipo de remédio para depressão faz uso.

SEQUÊNCIA 02 – TELA PRETA

Cartela de texto:

- Atualmente mais de 300 milhões pessoas do mundo sofrem com depressão, segundo dados Organização Mundial da Saúde.

SEQUÊNCIA 03 – INT/DIA – CASA MILLER

CÂMERA NA MÃO Miller se arrumando para ir trabalhar.

Áudio: O personagem se apresenta. Fala seu nome. Idade. Profissão. E do seu passado no mundo das drogas

SEQUÊNCIA 04 – TELA PRETA

Cartela de texto:

- E mais 29 milhões sofrem com dependência química, conforme o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

SEQUÊNCIA 05 – INT/DIA – CASA MATHEUS

CÂMERA NA MÃO Matheus na cozinha bebendo um pouco de água, antes de sair de casa

Áudio: Ele fala o que pensa e o que sabe sobre *ayahuasca*

SEQUÊNCIA 06 - TELA PRETA

Cartela de texto:

- Estudos atuais vem pesquisando o potencial da *ayahuasca* – bebida sacramental utilizada a milhares de anos em rituais religiosos de populações tradicionais da América do Sul – em reduzir os sintomas dessas doenças na saúde mental humana.

SEQUÊNCIA 07 - INT/DIA - CASA MILLER

CÂMERA NA MÃO Miller tomando café antes de ir ao trabalho

Áudio: Miller fala o que mudou em sua vida depois que passou a fazer o uso de *ayahuasca* em contexto ritualístico religioso.

SEQUÊNCIA 08 - TELA PRETA

Cartela de texto:

- Seria esta bebida uma via alternativa de tratamento para essas doenças, mesmo com o imaginário negativo que a cerca?

SEQUÊNCIA 09 - TÍTULO DO TRABALHO

FAD IN

SEQUÊNCIA 10 - EXT/DIA - RUA

Plano Geral de Matheus no ponto de ônibus. Corta para plano fechado dele ainda na parada de ônibus – ele está indo para UNIFAP.

Trilha: Som do trânsito

Fad out na trilha

Áudio: entra Matheus falando que já tomou *ayahuasca* uma vez...

SEQUÊNCIA 11 - EXT/DIA - UNIFAP

ENTREVISTA com Matheus Carvalho, estudante, de 22 anos.

Áudio: Ele relata um pouco da experiência que teve nesta primeira vez e o que pode tirar da experiência.

SEQUÊNCIA 12 - EXT/DIA - RUA

CÂMERA NA MÃO Miller Abrindo a lanchonete e arrumando para receber os clientes.

Trilha: Som ambiente

Fad out na trilha

Áudio: Miller contando como conheceu o chá...

SEQUÊNCIA 13- EXT/DIA - MAZAGÃO

ENTREVISTA com Miller Souza, de 25 anos. Ele já sofreu de dependência química em drogas. Há dois anos faz uso do chá *ayahuasca* e se diz livre dos vícios.

Áudio: Miller falando como foi sua primeira experiência com o chá.

SEQUÊNCIA 14 - EXT/DIA - MAZAGÃO

PLANO GERAL sítio do professor Afrânio Andrade.

CÂMERA NA MÃO galinhas andando pelo sítio. Corta para entrevista.

ENTREVISTA com professor Afrânio Andrade Pós-doutor em Teologia, estuda a *ayahuasca* há 30 anos e atua como professor de filosofia da UNIFAP, em seu sítio, localizado em Mazagão.

Ele fala há quanto anos estuda a *ayahuasca*. Da onde surgiu sua curiosidade sobre o tema. E sobre o preconceito em torno do chá

SEQUÊNCIA 15 - EXT/DIA – CENTRO DE MACAPÁ

Plano geral do cruzamento das ruas Candido Mendes e Padre Júlio. Corta para plano detalhe da multidão de pessoas do Centro Comercial de Macapá

Trilha sonora: som ambiente

SEQUÊNCIA 16 - EXT/DIA – CENTRO DE MACAPÁ

PLANO MÉDIO: ENTREVISTA estilo o povo fala. As pessoas falam se conhecem o chá *ayahuasca* e qual pensamento tem sobre ele. Essa parte tem por finalidade demonstrar o imaginário negativo do senso comum em relação a *Ayahuasca*.

FAD OUT**SEQUÊNCIA 17 – VIDEOGRAFISMO OU IMAGENS DE ARQUIVO**

VIDEOGRAFISMO OU IMAGENS DE ARQUIVO ilustrando a historicidade da *Ayahuasca*, desde os tempos de rituais xamânicos de populações tradicionais indígenas da América do Sul, nos anos antes de Cristo, até os tempos atuais com o advindo das religiões ayahuasqueiras, que sincretizam a cultura ayahuasqueira com o catolicismo, espiritismo, religiões afro-brasileiras e o xamanismo indígena.

Em Voz Over: O nome *ayahuasca* vem do dialeto *quéchua*, é a junção das palavras *Aya* e *waska*, e significa cipó da alma. A origem do chá é indefinida. O que se sabe é que pertence a uma tradição indígena milenar. Pesquisas arqueológicas datam os primeiros indícios de rituais indígenas com a bebida, entre os anos de 400 e 700 a.C. na região onde hoje se encontra a Amazônia equatoriana. Muito se passou até Raimundo Irineu Serra ter contato com a *ayahuasca* no Acre, em 1914, através do convívio com indígenas, da região dos seringais. Ele passou alguns anos estudando o chá, até que em 1930, iniciou os trabalhos religiosos do Daime, mesclando as tradições indígenas com o cristianismo. Dando início, assim, a urbanização do uso religioso da *ayahuasca* no Brasil. A partir do Daime, surgiram outras duas religiões: A Barquinha, em 1945 e a União do Vegetal, em 1961. Nos 70, ocorre a descoberta dessas religiões por pessoas de outras regiões do Brasil, como: intelectuais, artistas e pessoas em busca de cura. Nos anos 80, o uso da *ayahuasca* é legalizado em caráter definitivo, para fins religiosos. Nos anos 90, surgem as primeiras pesquisas que estudam as influências da *ayahuasca* em humanos.

Atualmente, com o renascimento das pesquisas sobre psicoativos, a *ayahuasca* se vê mais do que nunca relacionada com a saúde mental, com pesquisas sendo feitas no sentido de descobrir o real potencial do chá sobre a depressão e dependência química.

SEQUÊNCIA 18 - EXT/DIA - MAZAGÃO

ENTREVISTA com professor Afrânio Andrade.

Áudio: Ele fala da recente pesquisa publicada da Revista Brasileira de Psiquiatria, que revelou que o chá age no organismo humano de forma semelhante aos antidepressivos. Porém com efeito mais rápido e duradouro, e sem causar os efeitos colaterais dos medicamentos químicos.

SEQUÊNCIA 19 - INT/DIA - LABORÁTORIO UNIFAP

ENTREVISTA com professora de saúde mental no colegiado de Enfermagem da UNIFAP, Marina Nolli.

Áudio: Ela fala sobre o contexto das doenças mentais na contemporaneidade.

Durante a entrevista é mostrado imagens mostrando a multidão de pessoas no centro da cidade(em plano fechado, focando em seus pés e cabeças) e imagens de remédios antidepressivos.

SEQUÊNCIA 20 - EXT/DIA - UNIFAP

ENTREVISTA com Matheus Carvalho, estudante, de 22 anos.

Áudio: Ele faz uso de remédios para depressão. Ele fala da sua experiência com depressão.

SEQUÊNCIA 21 - EXT/DIA - NA CASA DE MILLER EM MAZAGÃO

ENTREVISTA com Miller Souza, de 25 anos. Ele já sofreu de dependência química em drogas. Há dois anos faz uso do chá *ayahuasca* e se diz livre dos vícios.

Áudio: Ele fala da sua experiência como dependente químico e toda dificuldade que passou nesse tempo

SEQUÊNCIA 22 - INT/DIA – LABORÁTÓRIO UNIFAP

ENTREVISTA com professora de saúde mental no colegiado de Enfermagem da UNIFAP, Marina Nolli.

Áudio: Ela fala dos motivos para os aumentos dos casos de depressão e dependência química na contemporaneidade, principalmente entre a comunidade jovem.

FAD OUT

SEQUÊNCIA 24 - INT/DIA – CONSULTÓRIO PSQUIATRICO

SEQUÊNCIA 25 - EXT/DIA – CENTRO DE MACAPÁ

PLANO MÉDIO: ENTREVISTA estilo o povo fala. As pessoas falam se realmente acreditam que o chá *ayahuasca* possa ter benefícios terapêuticos para a saúde mental.

SEQUÊNCIA 26 - INT/DIA – LABORATÓRIO UNIFAP

ENTREVISTA com farmacólogo.

Áudio: Ele fala como funciona a farmacologia da *ayahuasca*, as substâncias que existem nela e como ela reage ao organismo humano.

Durante a entrevista, por meio de videografismo, a imagem mostra todo o processo que a *ayahuasca* provoca no corpo humano.

SEQUÊNCIA 27 - EXT/DIA – MAZAGÃO

ENTREVISTA com professor Afrânio Andrade.

ÁUDIO: Ele fala do porquê não se recomenda tomar *ayahuasca* pessoas que estejam tomando antidepressivos e quais orientações essas pessoas devem seguir para tomar o chá.

SEQUÊNCIA 28 - EXT/DIA - UNIFAP

ENTREVISTA com Matheus Carvalho.

Áudio: Nesse momento ele explica que irá seguir os procedimentos necessários, vai deixar de utilizar os antidepressivos por duas semanas, pois deseja ter uma segunda experiência com *Ayahuasca*. E irá explicar os motivos que o levam querer isso.

FAD OUT**SEQUÊNCIA 30 - INT/DIA - CASA MATHEUS**

Matheus relata para a câmera como está sendo os seus primeiros 5 dias sem antidepressivo e como tem se preparado para experiência com o chá. Essa parte será feita na forma de um diário. Matheus falará diretamente para a câmera, algo parecido com o que acontece no documentário "Big Size Me".

SEQUÊNCIA 31 - INT/DIA - CASA DE AMIGO DE MILLER

Imagem de Miller na cozinha preparando um almoço. Ele está com alguns amigos que também fazem parte do grupo religioso que ele toma o chá. A imagem mostra Miller servindo a refeição, a interação entre eles na mesa, eles conversam e riem.

Áudio: Miller fala da importância das amizades construídas dentro do grupo e o que isso agregou em sua vida.

SEQUÊNCIA 32 - INT/DIA - CASA DE AMIGO DE MILLER

DEPOIMENTO de amigo de Miller falando da mudança de comportamento que Miller demonstrou após começar fazer o uso de *Ayahuasca*.

O depoimento vai ser coberto por imagens do almoço.

SEQUÊNCIA 33 - EXT/DIA - UNIFAP

Imagem de Matheus conversando com alguns amigos. Ela fala que vai tomar chá *Ayahuasca*. Os amigos dão suas opiniões sobre a atitude dele e o que pensam a respeito do chá. Falam se acreditam ou não no potencial terapêutico do chá.

SEQUÊNCIA 34 - EXT/DIA - UNIFAP

Imagem de Matheus fumando um cigarro, de forma pensativa.

Áudio: sua voz entra no áudio falando da expectativa para a experiência. Quais os sentimentos que passam por ele naquele momento, se está com medo, ansioso ou indiferente com a experiência que vai realizar.

FAD OUT

SEQUÊNCIA 35 - INT/DIA - CASA MILLER

Já é o dia da vivência com *Ayahuasca*. A imagem mostra Miller se arrumando, colocando sua camisa branca, arrumando o cabelo e calçando o sapato.

Áudio: ele fala o que espera para a experiência e como funciona seus preparativos antes de tomar o chá.

SEQUÊNCIA 36 - INT/DIA - CASA MATHEUS

A imagem mostra Matheus se arrumando.

SEQUÊNCIA 37 - EXT/DIA - CASA MATHEUS

A imagem mostra Matheus descendo a escada de seu prédio, até chegar no térreo. Ele entra no carro que o levará até Mazagão, onde ocorrerá a vivência com *Ayahuasca*.

SEQUÊNCIA 38 - INT/DIA - CARRO

A imagem mostra Matheus pensativo no carro. Um dos membros vai dando algumas dicas de como se comportar para ter uma vivência positiva com *Ayahuasca*. Matheus escuta com atenção.

SEQUÊNCIA 39 - EXT/DIA - CARRO

Imagem em travelling mostra a passagem do carro pela ponte do Rio Matapí. Demonstrando a chegada em Mazagão.

SEQUÊNCIA 40 - EXT/DIA - CARRO

A imagem mostra a chegada na sede da Escola da Corte Celestial, centro religioso onde será feita a vivência com *Ayahuasca*.

SEQUÊNCIA 41 – EXT/DIA – MAZAGÃO

A imagem mostra a interação dos membros do grupo com Matheus e com Miller.

SEQUÊNCIA 42 – EXT/DIA – MAZAGÃO

ENTREVISTA com Matheus Ferreira.

Áudio: Ele fala como está se sentindo nesse ultimo momento antes de beber o chá. Após isso ele explica que não temos autorização para filmar o ritual e se despede.

FAD OUT**SEQUÊNCIA 43 – INT/DIA – CASA MILLER**

ENTREVISTA com Miller. Ele faz um balanço da vivência que teve. E fala também dos seus objetivos na vida. O que ele pensa para seu trabalho e estudos.

SEQUÊNCIA 44 – INT/DIA – CASA MATHEUS

No estilo diário, Matheus fala diretamente para a câmera. Ele faz um balanço de sua experiência, o que ele pode constatar, os pontos positivos e negativos. Após isso ele fala o que representou toda essa experiência para ele, o que ele pode tirar de bom de todo o processo do documentário. Após isso ele se despede e desliga a câmera.

CRÉDITOS FINAIS**9.2 ROTEIROS DE ENTREVISTAS**

ENTREVISTA REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2018

LOCAL: CASA DE AFRÂNIO, EM MAZAGÃO-AP

COLABORADOR: AFRÂNIO PATROCÍNIO DE ANDRADE (59 ANOS)

PÓS-DOCTOR EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO/ ESTUDIOSO DA *AYAHUASCA* HÁ 32 ANOS. ATUALMENTE LECIONA NO CURSO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

1 - Há quanto tempo o senhor estuda a *ayahuasca*?

Já há trinta e dois anos que eu estudo esse chá e trabalho com ele.

2 - Da onde surgiu essa curiosidade para fazer esse estudo com o chá?

É que eu antes estudava teologia e depois estudei ciência da religião e eu sempre estive ligado de alguma forma com religião. Então em um determinado momento fiquei sabendo da existência desse chá, do qual já tinha ouvido falar algumas vezes mas não tinha muita proximidade, eu pensei que era assim mas uma coisa de maluco e tal, aí não fui atrás. Aí depois quando ouvi falar disso na academia eu tive interesse de estudar, aí eu fui estudar esse assunto.

3 - Qual a origem da língua quéchua e de qual época?

Essa língua foi falada ali no sul da Colômbia, também Equador, no Peru e também na Bolívia. É daquela região, lá, que teve a predominância de um determinado tipo de cultura. E essa língua, na verdade é uma macro-língua que tem diversos seguimentos. Então hoje são esses territórios aí, mas antigamente isso era um território diferente que não tinha essa configuração atual.

5 - Qual é o primeiro indicio que se tem de uso do chá pelos indígenas da América do Sul?

O chá não é utilizado pelos indígenas sempre com finalidade religiosa. Existem muitas outras finalidades também. E existem finalidades diferentes também de povos para povos. Atualmente a gente já tem catalogados 83 etnias que utilizam esse chá. Então não há uma unanimidade: “todo mundo utilizada para fim religioso”. Não. Mas alguns seguimentos utilizavam também como uma certa ligação com a vida pós-morte, com esse tipo de coisa e isso acabou depois com o contato do civilizado, mais recentemente, acabou se transformando numa adequação com a religião. A gente pode dizer que não há unanimidade quanto a isso, mas em um determinado momento isso foi possível. No caso mais especificamente depois do século XVIII, XIX, em que teve esse contato. Agora o primeiro indicio de uso do chá não necessariamente com finalidade religiosa mas desde quando se conhece esse chá, as pesquisas que foram feitas indicam que é já de quatro mil anos antes de Cristo. E existe também uma pesquisa que diz que seja anterior a isso. Mas a de quatro

mil anos é com relação a resíduos que foram detectados em antigas louças, e aí foi feito pesquisas e identificado esse momento. Então é muito antigo o uso do chá, não necessariamente do mesmo jeito mas com rituais também.

6 - Antes do século XX, houve histórias de pessoas que vieram e contaram sobre *ayahuasca*?

O contato mais antigo que a gente tem é do século XVIII, mais especificamente em 1770, quando dois padres, que eram jesuítas, desceram o Rio Putamayo, que é um que desagua no Rio Negro depois. E nessa descida eles vieram contatando, vieram vendo as coisas que tinham na beira do rio, as culturas e tal. E naquela época eles já verificaram a presença do uso do chá, é a primeira notícia que nós temos assim desse uso religioso. Só que na época eles fizeram uma leitura negativa, que seria uma bebida que teria alguma coisa relacionada com feitiçaria. E feitiçaria naquela época era uma coisa mal vista. Então eles viram com maus olhos aquele uso do chá pelos indígenas, tanto que mandaram acabar.

7 - Como se deu o contato de Raimundo Irineu Serra com o chá?

Dessa gama de indígenas que utilizam o chá, uma boa parte deles viviam ali na região da Amazônia, mais próxima da Cordilheira dos Andes e nesses países do Peru, que continua tendo a tradição, e no Brasil. Nessa parte existiam indígenas que estavam utilizando o chá á muito tempo. Então praticamente assim pode se dizer, antes do contato do Irineu Serra, ouve um outro momento, que houve outro contato, que foi com um pessoal que era da Marinha Mercante e eles subiram o Rio Purus, e pelo Rio Purus eles tiveram contato com algumas tribos e uma delas foi com os índios Axanincas. E lá foi descrita uma prática ritualística e etc. E depois desse contato, houve um outro momento que foi quando veio pra cá uma expedição lá da Inglaterra que estava pesquisando plantas aqui na Amazônia e espécies em geral tanto animais quanto vegetais, mais principalmente vegetal, porque eles estavam querendo ver o que que se adaptava melhor para eles inserirem no mercado, no comércio. E foi nesse momento que eles tomaram conhecimento aqui do uso do açaí, também da seringueira. Isso nós estamos falando aí de 1862 até 1866. Então nesse momento teve um outro contato também com esses índios, aí foi a primeira vez que foi descrito com mais detalhes, inclusive especificando as plantas usadas nesse ritual. Aí passado um tempo teve essa visita do que eu falei do pessoal da marinha, já em 1884, por aí. Portanto uns vinte anos depois. E aí isso ficou meio no esquecimento. Então aí as pessoas que trabalhavam e moravam nos seringais, lá nessa região aí de Cruzeiro do Sul. Que uma região divisória: de um lado é Brasil e do outro lado é o Peru. Nessa região teve um primeiro contato. E as pessoas que tiveram esse primeiro contato começaram um ritual, que foi trazido mais para o

sul, e esse ritual ele estava tendo como base a comunhão do pensamento, que era um outro seguimento. Foi nesse momento que o Irineu entrou em contato com o chá, nós estamos falando aí de 1914. Aí teve um momento lá que o Irineu trabalhou com irmão André, que era o responsável lá por esse trabalho. Mas entre 1916 e 1930, o Irineu não fez esse trabalho lá no interior. Ele veio trazendo o chá para o meio mais civilizado e em 1930 ele implementou o Daime, em Rio Branco. Então trabalhou com o Daime, ritualisticamente, de 1930 até 1971. Portanto 41 anos, já com ritual religioso, tem a tradição indígena, por exemplo maracá, tem a tradição católica, por exemplo a virgem Maria, tem São José, tem Jesus, já tem elementos do cristianismo. E tem alguns elementos que são de umbanda também, mas é bem pouco elemento de umbanda nesse momento. Então foi esse, em linhas gerais, o contato e o trabalho que teve, o primeiro foco que a gente pode dizer aqui no Brasil da introdução ou da urbanização do uso ritual do chá *ayahuasca*.

8 - Como o senhor vê a importância do contexto religioso para quem toma o chá?

Eu vejo assim, com bons olhos é uma coisa importante o ritual. Porque assim, tem, não especificamente nessa região onde o Irineu teve contato com o chá e trabalhou, mas mais para baixo descendo esses rios que vem para juntar-se com outro rio que chega no Rio Madeira e desagua depois no Rio Amazonas, muitos quilômetros depois, naquela região aconteceu o seguinte: que muitos contatos que foram feitos com o chá pelos caboclos, esses contatos foram feitos as vezes assim de uma forma desorientada, sem orientação de como se utilizar o chá. E esses contatos, as vezes, levavam as pessoas a agirem de forma inesperada, por exemplo: usar o chá para brigar, para desenvolver a arte de subir em pau de espinho. Isso aconteceu naquela região, não necessariamente a região em que o mestre Irineu fundou o trabalho com o chá. Mas nessa região era de uma forma desorientada. Então, é importante sim o ritual religioso porque ele cria o ambiente com certo controle, e as pessoas utilizam o chá com uma determinada finalidade. Finalidade essa que é socialmente controlada. Ou seja, beber o chá sozinho não é uma coisa boa, porque o chá ele estimula na gente uma vontade, assim uma alegria, um estado de espírito bom para pessoa falar, conversar, etc., e a pessoa sozinha vai ficar falando com quem. E também porque desse dialogo forma um entendimento, e o entendimento nasce dessa experiência ritualística, com certo controle. Então é importante tanto para o individuo, quanto para o grupo.

9 - A *ayahuasca* resolve todos os problemas da pessoa?

O chá não deve ser visto como uma panaceia. Uma coisa que cura qualquer mal, não, de jeito nenhum. O chá ele deve ser entendido como um auxiliar, quando a pessoa está querendo buscar resolver um determinado problema, problema esse interior, não um

problema matemático, nada disso. Um problema interior. E a pessoa quer resolver esse problema, então ela as vezes tem dificuldade então ela precisa de bastante de concentração para poder manter firme o seu pensamento. O chá auxilia nesse sentido. Mas vai da pessoa querer fazer isso. A finalidade é a gente trabalhar as emoções da gente, trabalhar o equilíbrio emocional, trabalhar também uma orientação espiritual.

10 - O senhor classifica o chá como alucinógeno ou enteógeno?

O termo clássico tradicional é alucinógeno, então as pessoas utilizam esse termo. Só que esse termo ele é ambíguo. A pessoa pode ter uma alucinação boa, legal, pode ter uma alucinação desorientada, por exemplo: eu tô conversando aqui, aí se eu digo que tá passando um elefante amarelo aqui na minha frente é uma alucinação, porque não está passando nada aqui, isso é uma alucinação. Então, o que que é alucinação: é a pessoa ver, sentir, introduzir na própria consciência um elemento que não existe na realidade. Então por isso que as pessoas que utilizam o chá gradativamente a gente vem adotando esse termo enteógeno. Porque é uma palavra que tem uma ligação – alguns falam assim vem do grego enteo, Deus dentro e tal -, mas na língua grega mesmo, não tem esse termo enteógeno. O que tem é uma concepção justaposta com o tempo de conceber Deus interior, dentro da gente. Então a gente usa por respeito ao chá. É a melhor definição que a gente tem. A gente pode dizer assim, tem dois grupos: o grupo dos alucinógenos, que podem utilizar no sentido negativo o uso do chá, e o grupo que como nós também utilizamos, o grupo que fala de enteógeno, que é quem tem uma visão positiva do chá. Com o chá como uma coisa assim como uma experiência profunda que a gente tem e essa experiência profunda conduz com a ligação com a divindade.

11 - As pesquisas em torno dos benefícios da *ayahuasca* para com a depressão tem algo a contribuir para a cultura do chá?

Até onde tem ido a pesquisa é no sentido positivo, que é bem provável que o chá possa ser um elemento que possa contribuir positivamente para a cura da depressão. Acontece o seguinte, não é que o chá vá substituir o medicamento que cura realmente, que trata e etc. Acontece que as vezes a pessoa chegou na depressão, porque ela tina um vazio interior um desequilíbrio emocional. O que o chá faz é recompor esse equilíbrio emocional. Aí com esse equilíbrio a pessoa pode novamente estar curada da depressão. Então existe um futuro bom nesse sentido com o chá. Agora o que eu não recomendo é substituir uma coisa por outra. A pessoa tá com problema tá com problema de depressão ela deve procurar um médico, procurar um psicólogo, para fazer lá o tratamento com o profissional dessa área. Mas se a pessoa está com o problema de desequilíbrio emocional nesse caso é recomendável ela beber

o chá, para ela poder se harmonizar. Porque é a harmonia interior que traz a saúde psicológica, espiritual, mental para a pessoal.

12 - Existe perigos em misturar antidepressivo com *ayahuasca*?

A gente não recomenda essa mistura também. Não que os dois tenha algum problema, uma incompatibilidade, é que há uma somatória, entre um e outro. E essa somatória não é necessariamente como o remédio foi preparado no laboratório para ser atendido. Então por isso quem está tomando um remédio, que seja antidepressivo, a gente recomenda que nesse período, não use o vegetal.

13 - Por que o senhor acha que existe um imaginário negativo em torno da *ayahuasca*?

Se a pessoa falar para qualquer um: “nós vamos beber um chá ali e nós vamo passar por um processo de transformação, de compreensão e tudo mais”. Só de falar isso tem gente que já corre. Porque tem gente que não tá querendo passar por nenhum processo, não tá nada. Esse já é um fator que cria um certo distanciamento. E outro é que existem pessoas que bebem o chá sem orientação e entram em um temporal de borracheira, como a gente fala, e daquele temporal ela sai de lá falando mal do chá. E existem algumas pessoas, principalmente da mídia, que utilizam dessas experiências para jogar contra o chá. Então são esses fatores principais que levam a esse distanciamento.

14 - Pode haver uma conciliação entre ciência e espiritualidade?

Eu penso positivamente. Existe a possibilidade de haver essa conciliação entre ciência e religião. Porque assim, naquele processo racionalista da idade moderna a ideia era o que: “a razão vai salvar o homem”. Salvar é conquistar aqui o mundo e dominar pela ciência. “Esqueça a religião”. A religião, como disse o Kant, vai chegar um momento que vai ficar restrita aos recônditos sombrios da alma; ou seja, só no lugar que estivesse sombrio. Onde estivesse a clareza da razão não haveria mais religião. Mas, a história se encarregou de nos demonstrar, que nós podemos, simultaneamente, ser religiosos e ser cientistas. Nós podemos trabalhar com a ciência e com a religião. Não há uma incongruência entre isso. E na verdade, também, na religião existe um tanto de ciência. E na ciência existe um tanto de religião. Atualmente, sabe-se se tivéssemos uma linha reta, medindo de um lado para o outro do universo isso daria trinta bilhões de anos luz. É uma distância muito longa. Mas nenhum de nós foi lá medir isso, não. Então a gente acredita, isso é crença também. E essas crenças é porque elas são inerentes ao ser humano. Então, não há motivo para dizer que as coisas são muito distantes. O chá ele facilita para gente, abre para gente, a possibilidade da gente refletir melhor sobre as coisas, estudar melhor direitinho e da gente chegar a conclusões que

também são científicas. Eu por exemplo, utilizei o chá para estudar aqui mesmo as coisas do dia a dia. E no futuro o chá vai facilitar bastante o entendimento de diversas coisas.

15 – O que é a Escola da Corte Celestial?

É um grupo *neoayahuasqueiro* fundado em 2014, em Porto Velho (RO). Eu e mais um amigo tivemos a ideia de fundar esse grupo com objetivo de trabalhar pela evolução do ser humano no sentido de seu desenvolvimento emocional, mental e espiritual. Depois que eu vim ser professor aqui no Amapá, resolvi fundar uma sede aqui também, que iniciou em 2016. Nós trabalhamos de forma ritualizada com o chá em âmbito interno, em forma de aulas, meditações e celebrações religiosas. Atualmente o grupo é pequeno, menos de 20 pessoas. Os rituais ou vivências, como nós chamamos, são dirigidos pelo professor titular que no momento sou eu.

ENTREVISTA REALIZADA NO DIA 06 DE ABRIL DE 2018

LOCAL: SALA DE AULA NO BLOCO DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIFAP

COLABORADORA: MARINA NOLI BITTENCOURT (30 ANOS)

DOUTORA EM CIÊNCIAS DA SAÚDE. ESTUDA SAÚDE MENTAL HÁ 10 ANOS

1 - Qual o conceito de depressão para a Saúde Mental?

Bom, a depressão tem diferentes conceitos que diferem de acordo com os manuais de diagnósticos. Mas geral, a depressão é a perda do prazer, do interesse que a pessoa tem pela vida dela. Ela passa a não se interessar mais pela vida, pela família, pelo trabalho, pelo dia a dia dela e isso pode gerar que ela tenha um desejo de morte, um desejo de se matar, suicídio. É algo muito complexo.

2 - Qual o conceito de dependência química para a Saúde Mental?

A dependência química também tem vários conceitos, mas conforme os manuais de diagnósticos quando a gente vai estudar um pouquinho, realmente é uma doença crônica, é uma doença que se caracteriza pelo uso, pelo aquele uso que a pessoa cada vez mais a pessoa aumenta o uso para chegar ao efeito que ele quer. É uma pessoa que abre mão das suas tarefas diárias para usar a droga, então ela começa a ter prejuízo no seu convívio social, o seu convívio de trabalho e começa a ter alterações físicas mesmo. Ela passa a ter um desejo físico e psicológico para o uso da droga. Então também é uma doença complexa.

3 – Pode se dizer que a depressão leva a dependência química ou vice versa?

A gente sempre tem essa discussão: se uma leva a outra. Eu acho que muito complexo. É a mesma coisa que a gente falar quem nasceu primeiro o ovo ou a galinha, tem aquela questão. Eu acho que todas duas podem levar a outra, eu acho que isso é muito dinâmico. A gente não tem evidências que apontem qual que vem primeiro. Mas claro que, a depressão pode fazer com que a pessoa use a droga para aliviar o seu sofrimento, para lhe trazer o prazer que ele não encontra mais na vida. E assim, como a dependência química como ele perder muitas coisas na vida dele, ele começa a ficar triste, porque a droga tirou muitas coisas da vida dele. Então elas são vias de duas mãos uma pode ver a outra.

4 – Quais os fatores que levam a pessoa a ter depressão e dependência química?

São diversos fatores. Eu acho que no que a gente vive hoje no nosso mundo, acho que o que está muito relacionado com a depressão e a dependência química são as questões sociais. A gente percebe uma tendência mundial de uma queda de direitos sociais, a gente percebe que o capitalismo tem demandado muito uma pressão enorme, e a pessoa as vezes não consegue lidar com essa pressão. A gente percebe desde a formação a competitividade, um estímulo a competitividade muito grande. E isso faz com que a pessoa fique triste, isso pode fazer com que a pessoa procure a droga para aliviar essa pressão do dia a dia. Então eu acho que essas questões que envolvem o meio social, esse meio econômico que a gente vive, isso tem muita influência no uso da droga e da depressão. Até mesmo a falta de políticas de proteção ao ser humano, de proteção social, a falta de uma habitação adequada. Acho que a gente tem muita coisa que pode influenciar.

5 – Isso seria uma das razões dos grandes números de casos de depressão e dependência química no mundo?

Acredito que sim. Como eu te disse, claro que a gente tem países que são muito pontuais, que os direitos sociais, que a qualidade de vida ela é muito legal, e a gente percebe que o consumo de droga e a depressão nesses são muitos pequenos. Se a gente for pegar por exemplo a Finlândia, o uso ele tem diminuído porque as políticas sociais deles tem sido muito eficazes. Mas realmente esse neo-liberalismo cada vez mais forte, o capitalismo mais presente, as políticas sociais que tem sido cada vez mais quebradas. E a partir do momento que a gente não tem política social e a gente tem um regime opressor, as pessoas vão buscar uma forma de aliviar, o que a droga é perfeita, e vão ficar tristes, vão se entristecer. Se a gente não tem uma casa adequada, se a gente não tem um emprego legal, é mais do que

normal a gente perder o prazer por uma vida, que não nos dá um prazer mínimo, um saneamento básico que seja. Então, eu acho que sim, as políticas que a gente tem hoje, guerra às drogas, não são políticas que tem se mostrado eficazes. Em vez de parar o uso, os adolescentes tão procurando as drogas.

6 - Existe uma faixa etária de pessoas que mais sofrem com depressão e dependência química?

O que a gente vê em relação a dependência química a gente percebe que o início do uso tem sido cada vez mais precoce, então a gente percebe que crianças já com 11, 9 anos de idade já tem feito a experiência com álcool, que é a droga mais usada hoje no mundo. Em seguida, vem o tabaco e a maconha, e por esse uso ser mais precoce a dependência acaba vindo mais precocemente. A depressão também tem se mostrado cada vez mais precoce, e eu acho que talvez a gente pode até entrar numa discussão sobre as quebras dos direitos, os pais menos presentes em casa para dar suporte emocional para o filho.

7 – Qual a relação do alto índice de suicídio no estado do Amapá com o contexto da Saúde Mental no mundo?

O Amapá é um dos estados com maior taxa de suicídio e inclusive é um dos estados mais pobres do Brasil. É o estado que tem a pior cidade para se viver, que é Tartarugalzinho. É um estado que tem apenas 10% de esgoto. É o estado que tem a piores taxas de formação educacional. Se a gente for pegar todos esse fatores, a gente tem uma relação muito perfeita. Se a gente tem um problema social grande aqui e de se ver que a depressão vai estar mais presente e o suicídio, também. Então, eu acho que mais uma vez eu reforço se o suicídio tá mais presente aqui, quais políticas que não estão sendo feitas para que as crianças e adultos aqui sejam mais felizes e saudáveis?

ENTREVISTA (1ª) REALIZADA NO DIA 15 DE FEVEREIRO DE 2018, (2ª) ENTREVISTA REALIZADA NO DIA 04 DE ABRIL DE 2018, (3ª) ENTREVISTA REALIZADA NO DIA 03 DE JUNHO DE 2018

LOCAL: (1ª) UNIFAP, (2ª) APARTAMENTO DO COLABORADOR, (3ª) CASA DE AMIGO DE GABRIEL

COLABORADOR: GABRIEL SANTOS (NOME FICTÍCIO) (22 ANOS)

ACADÊMICO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNIFAP, UTILIZADA ANTIDEPRESSIVO DESDE OS 18 ANOS

1- Com quantos anos tu começou a fazer uso de remédios para depressão?

Fui diagnosticado quando eu tinha 18 anos, quando fui no psiquiatra a primeira vez e ele falou que eu tinha depressão e a partir daí ele começou a receitar uns remédios antidepressivos que eu comecei a tomar desde então.

2- Tu toma só um remédio ou mais de um?

Bom, no início eu tomava 10mg do escitalopram, mas depois a dose foi evoluindo hoje eu tomo 20 (mg).

3- Qual é os efeitos desse remédio?

Ele me ajuda a conter a depressão. Mas ele tem uns efeitos colaterais que são a queda da libido, que a principal.

4- Qual a diferença da tua depressão para outros tipos de depressão?

No meu caso a depressão ela é crônica, mas ela é leve. Então se eu tomar os remédios regularmente e direitinho ela não se manifesta, mas assim que eu parar de tomar aí volta os sintomas de depressão.

5- Esses remédios custam mais ou menos quanto?

Uma caixa custa em torno de 90, 100 reais.

6- Tu gasta por mês quanto com esses medicamentos?

Eu compro uma caixa por mês. Então gira em torno disso 90 a 100 reais. O genérico. O original mesmo é mais caro.

7- O que que tu vê nessa sociedade atual para tanta pessoa sofrer com depressão?

É o modo de vida capitalista. A vida te promete muitas felicidades e depois a gente vê que não é bem isso e a gente acaba se frustrando. E também eu acho que porque a gente tem uma vida muito frenética e a gente acaba ficando frustrado por não está de acordo com as exigências da sociedade. Que é um padrão tão irreal.

8- Conhece muitas pessoas que sofrem de depressão?

Eu conheço algumas, mas geralmente elas não gostam de falar abertamente sobre isso porque infelizmente a depressão ela é um assunto muito tabu ainda. O que impera nesse assunto é desinformação é a ignorância. As pessoas acham que a depressão é uma tristeza, quando ela é muito mais do que isso, ela não é só tristeza.

9- Pra ti o que é a depressão?

No meu caso a depressão ela é tipo falta de ânimo pra viver. Basicamente isso. Ela não é bem tristeza. Porque tristeza é uma coisa normal na vida do ser humano. Mas a^a depressão é

um desanimo sem explicação. Tu vê a vida em preto e branco. Tu não vê a graça, não vê motivo de sair da cama.

10- Tu pensa em um dia se ver livre da depressão?

Olha, talvez um dia, se eu tomar os remédios regularmente. Ou arranjar outro jeito de vencer essa barreira.

11- O que tu achas de tratamentos alternativos para depressão?

Aqui em Macapá já é difícil achar tratamento tradicional imagine alternativo. Eu sou aberto a tentar essas alternativas, mas o que acontece é que eu ainda não tive oportunidade de testar ainda. As convencionais já não são boas, as alternativas então... pelo menos eu não achei ainda.

12-Como assim elas não são boas?

Para começar o médico para quem não tem plano de saúde, ele é caro. Porque pela rede pública é difícil arranjar um psiquiatra. Então geralmente os psiquiatras atendem pela rede particular, uma consulta gira em torno de no mínimo 200 reais, tem uns que cobram até 400 reais por consulta e como eu já disse, os remédios também são caros. Então é uma coisa que quem não tem condições não consegue ter acesso a esse tratamento. Então isso é um entrave na questão. E as pessoas também não levam a sério, acham que é só uma besteira, uma frescura. Talvez seja por isso que no nosso estado o número de suicido entre jovens seja tão grande.

ENTREVISTA REALIZADA NO DIA 04 DE ABRIL DE 2018

1 – Qual remédio você faz uso?

É o Escitalopram. Caso agora eu tô usado 10mg, mas já cheguei a usar 20mg.

2 – E o que esse remédio causa na tua mente e no teu corpo?

Eu acho que o remédio me ajuda a conviver com a depressão. Porque sem o remédio é muito mais difícil conviver com a depressão. Eu acho que é possível viver sem o remédio, mas eu acho bem mais difícil e demanda um estilo de vida mais saudável. Então dá muito mais trabalho mas eu acho que é possível. Mas no caso o remédio me ajudar a conviver no dia a dia, não deixar que a depressão me vença, tem que ir pra universidade, tem que fazer meus trabalhos, ajudar minha família com as tarefas domésticas. E o remédio me ajuda a viver, simplesmente.

3 – E tem efeitos colaterais?

Comparação com o que tinha antigamente tem pouco. Por exemplo: o efeito colateral mais forte do remédio é a perda da libido. O remédio segura a libido, ele deixa a pessoa frígida.

4 - E como é viver com depressão aqui em Macapá?

Para começo de conversa. O estado do Amapá é um estado que tem um surto de suicídio entre jovens. Inclusive eu conheço pessoas que se suicidaram decorrente da depressão. É uma coisa que as autoridades não veem que tá rolando aqui entre os jovens. E muito disso é decorrente de como tratam a depressão na sociedade brasileira e amapaense. Por aqui os psiquiatras da rede pública são horríveis atendem muitas pessoas, dias limitados, para conseguir uma consulta são meses, uma consulta particular é caríssima, é na faixa de trezentos reais. Ou seja, quase ninguém tem uma quantidade dessa para ir numa consulta de meia hora. Além disso, ainda tem as questões dos remédios que os remédios são caros. E até a ignorância da sociedade que vê com maus olhos as pessoas que vão no psiquiatra, psicólogos, faz com que as pessoas se retraiam, não procurem esse tipo de ajuda médica. E faz com que as pessoas achem que elas podem aguentar por conta própria. E acho que muito disso leva ao agravamento da depressão aqui no estado do Amapá. Tanto as autoridades, os responsáveis pelas políticas públicas quanto a população são responsáveis pela situação daqui de Macapá.

5 – E mais ou menos quanto tu gasta por mês com remédio?

Praticamente todo mês eu tenho que comprar uma caixa de remédio que vem com trinta gira em torno de 90 a 120 reais. Isso o genérico. O original é mais caro ainda. E além disso, ainda tem que pagar o psiquiatra e psicólogo as vezes quando eu vou.

6 – Com qual frequência tu vai no psiquiatra e psicólogo?

No psiquiatra eu vou de quatro em quatro meses. Ele faz um diagnóstico lá, aí ele adapta os meus remédios.

7 – Como tu definiria a depressão?

A depressão é uma coisa difícil de explicar em termos objetivos, acho que se a gente buscar explicar em metáforas é dá pra pegar melhor a ideia.

8- Você sabe que existem pesquisas em torno da ayahuasca que estudam o potencial terapêutico do chá com relação a depressão?

A ayahuasca ela foi descoberta recentemente pela ciência moderna ocidental. Mas ela milenar na cultura dos povos tradicionais da floresta, da Amazônia. E agora que o mundo ocidental tá conhecendo ela. Então, essas pesquisas que eles fazem em laboratório ainda tá começando, mas eu acho que os povos tradicionais da Amazônia e das outras localidades da América Latina, eles já conhecem as propriedades da ayahuasca. E eu usei uma vez só. E eu

pude meditar, fiquei em um estado contemplativo, mas da primeira vez não deu pra ver tudo aquilo que ela tinha a me oferecer. Por essa questão talvez eu esteja aberto a usar novamente. Por que ele é uma coisa que auxilia na meditação, no estado contemplativo de si mesmo. Eu lembro que quando eu tomei eu fechei os olhos e fiquei assim meditando, aí teve uma hora que parece que eu estava me observando, como se fosse outra pessoa, um terceiro. Ela ajuda a gente a entender nossa própria natureza e também por extensão toda natureza. E ajuda a compreender as nossas angustias, nossos problemas psicológicos. Então talvez ela deve ter um potencial para ajudar na questão da saúde mental, da ansiedade. As pessoas que eu conheço que são mais ligadas ao chá da ayahuasca, que tomam com regularidade, são pessoas mais serenas, calmas, não são tão ansiosas... Eu acho isso legal.

9 – Dessa primeira vez que tu tomou o que você não gostou, não se sentiu tão a vontade?

Além do gosto, que o gosto não é bom. A questão foi muito do ambiente. Acho que o ambiente não foi muito propício. Eu tava num ambiente fechado quando eu tomei. Por isso que eu acho que muitas vezes a ayahuasca vem acompanhada de um ritual de uso. Eu acho que esse ritual ajuda a tu usar todo o potencial do chá. Usar mais perto da natureza ajuda a sentir mais conectado, contigo mesmo, com a natureza, com os teus companheiros. Eu acho que tem que ter esse ritual. Eu acho que esse ritual eu não segui estritamente.

ENTREVISTA REALIZADA NO DIA 03 DE JUNHO DE 2018

1 – Como foi a tua experiência, ontem? Como você se sentiu?

Foi tipo assim, uma meditação bem profunda que eu tive e eu gostei muito, foi uma experiência muito boa, eu me senti muito bem no local onde eu tava, ajudou bastante o eu me senti a vontade no local, entre as pessoas lá, eram poucas pessoas, era um grupo pequeno, era menor do que da última vez que eu fui, então eu acho que isso ajudou muito na minha experiência, vivência que eles dizem.

2- Hoje, como você tá se sentindo?

Hoje eu tô me sentindo mais leve. Acordei bem. Me sentindo simplesmente mais leve, não tenho como explicar além disso.

3- Tu teve algo experiência, digamos, sobrenatural, mística? Tu viu alguma coisa?

Olha, eu prefiro deixar isso pra mim, essa parte

4- Mas tu teve alguma experiência?

Tive. Eu meditei muito profundamente. Eu acho que foi uma experiência que eu tive e tal, que até agora eu tô tentando compreender exatamente o que foi. Então, eu acho melhor assim não falar sobre.

5- E como tá o teu estado de espírito?

Desde ontem, antes de participar lá da vivência eu tava tentando entrar em um estado reflexivo, não falar muito, até para ir entrando logo no clima. E eu ainda to um pouco nesse estado, bem reflexivo, pensativo. Ainda tô no mesmo estado de espírito desde ontem a tarde antes da vivência.

6- Como foi essa semana que antecedeu a vivência?

Foi uma semana corrida, porque tá quase no final do semestre e também foi uma semana um pouco difícil por conta de eu ter interrompido a medicação, então foi um pouco mais difícil. Acrescesse a isso que tô em final de semestre então tá mais corrido as coisas. Então sem a medicação é mais difícil se concentrar, essas coisas.

7- Quais foram as dificuldades que tu sentiu sem as medicações?

Me concentrar, de conseguir me distrair com algum livro, algum filme, alguma série. Quando eu tô sem a medicação isso se torna mais difícil. E porque a gente sente um estado de falta de prazer. Então é um pouco complicado.

8- Qual é a sua opinião sobre espiritualidade e sobre Deus?

Eu sou um pouco mais cético, Mas eu acredito na existência de um espírito, até porque ontem eu tive uma experiência em que eu senti alguma coisa aqui dentro de mim, algo para além do plano físico. Eu senti algo assim, que eu diria que foi o espírito latejando. Então eu acho que a experiência de ontem foi boa para eu poder refletir e ter esse desenvolvimento espiritual.

9- Você acredita que a ayahuasca possa ter algum potencial terapêutico nessas questões de depressão?

Sim. Como é uma coisa muito recente. Então muitos psiquiatras não conhecem ou veem com maus olhos. Mas eu acredito que de pra conciliar o tratamento da depressão e da ansiedade com o uso terapêutico da ayahuasca. Usar aqueles espaços de meditação mensalmente pra ajudar a meditar a refletir sobre as coisas da tua vida. É um experiência muito construtiva.

10- Tu pensa em ter outra experiência com ayahuasca?

Sim. Eu saí de lá ontem com vontade de voltar. Porque foi uma experiência boa de reflexão e como eu disse é um processo que eu ainda tô começando a viver.

ENTREVISTA REALIZADA NO DIA 05 DE MAIO DE 2018**LOCAL: SEDE ESCOLA DA CORTE CELESTIAL, EM MAZAGÃO-AP****COLABORADOR: ROGÉRIO BRITTO (NOME FICTÍCIO) (26 ANOS)****FORMADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS, MAS POUCO ATUA NA ÁREA. TEVE PROBLEMAS DE DEPRESSÃO E USO ABUSIVO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS. COMEÇOU A TOMAR AYAHUASCA HÁ 2 ANOS, POR MEIO DA COMUNIDADE NEO-AYAHUASQUEIRA ESCOLA DA CORTE CELESTIAL, DESDE ENTÃO DIZ TER CONSEGUIDO SUPERAR OS PROBLEMAS COM DROGAS. ATUALMENTE, SEU OBJETIVO É FAZER UMA NOVA FACULDADE, ELE PENSA NA ÁREA DE LETRAS.****1 - Se apresente fale seu nome, idade e o qual sua ocupação atual?**

Me chamo Miller, tenho 26 anos. Trabalhei um pouco com gestão de projetos de política ambiental. E atualmente sou autônomo.

2 - Quais eram teus hábitos antes de conhecer a ayahuasca?

Antes de eu ter o meu primeiro contato com o chá ayahuasca, que foi aqui na Escola da Corte Celestial, eu tinha uma vida muito desregulada, muito sem norte, vamos dizer assim. Porque eu não tinha bons hábitos, não tinha hábitos saudáveis, não tinha bons costumes, também não era uma pessoa sensível ao se relacionar com outras pessoas. E também era uma pessoa muito problemática comigo mesmo, por passar por um período de depressão, por passar por problemas decorrentes de abuso de substâncias psicoativas e que acabou prejudicando meu relacionamento pessoal com familiares, com pessoas próximas como amigos, professores. E em todo ambiente que eu frequentava eu tinha essa dificuldade por conta desses transtornos de ansiedade e depressão que se manifestaram em mim.

3 – Quais dificuldades que você passou por conta da depressão e do abuso de substâncias psicoativas?

Tinha essa dificuldade de me relacionar com as pessoas, de ser uma pessoa mais mansa, mais amorosa, de ser uma pessoa compreensível com o próximo e comigo mesmo. Não tinha uma afinidade comigo próprio. Não tinha o respeito para mim e com as outras pessoas. Eu era uma pessoa muito complicada ao me relacionar por quere impor certas ideias que eu tinha pra mim como verdades no mundo, que depois tomando consciência fui vendo que eram inverdades que só valiam dentro do contexto patológico que eu estava apresentando, que era de depressão.

4 – Como que você conheceu o chá?

Eu tive contato a primeira vez aqui na Escola da Corte Celestial. Onde eu ouvi falar ainda dentro do meio acadêmico das potencialidades benéficas diante dos problemas que eu vinha enfrentando que eram depressão, ansiedade, abuso de substâncias psicoativas, onde eu queria me ver livre daquilo e sentia dificuldades e isso me angustiava, me deixava depressivo. E quando eu ouvi falar da *ayahuasca* como um potencial de libertar essas pessoas dessas amarras eu busquei conhecer mais afundo e vim participar de uma vivência e estou aqui até hoje.

5 – E o que você já tinha ouvido falar pela mídia sobre ayahuasca?

Bom, a mídia como a gente sabe, as vezes, dá uma opinião totalmente distorcida daquilo que realmente ocorre no âmbito ayahuasqueiro em geral. Então, o que eu sabia na verdade pela mídia, pelos outros meio de comunicação, era aquilo que geralmente todo mundo sabe, ou então pensam que sabe. Que o estereótipo de que ayahuasca é mais um barato, que tá acontecendo, um *boom* de pessoas que tem tido procura buscando na verdade um barato; que na verdade sai muito caro, quando se vem com esse propósito de barato. Mas ao mesmo tempo eu tive a minha curiosidade, minha vontade de vim conhecer mais afundo o que é a realidade com trabalho com ayahuasca.

6 – O que mudou na sua vida depois que você passou a conhecer o chá nesse contexto religioso?

Quando eu passei a frequentar as vivências com o uso da *ayahuasca*, foram experiências muito diferente de tudo que eu havia conhecido na minha vida. Porque eram experiências que cada vez que eu podia vivencia-las eram como se eu tivesse abrindo uma chave dentro de mim de várias portas que eu mesmo havia deixado fechar. Era a porta da felicidade, a porta da tranquilidade, a porta do amor, a porta do bem-estar, a porta da serenidade. E cada vez que eu tinha contato com a ayahuasca eu fui abrindo porta por porta dessa. Foi um trabalho muito gratificante pra mim, muito libertador. E acima de tudo, foi um trabalho que mudou a minha vida de fato.

7 – Você acredita que só é preciso tomar o chá para melhorar, ou é necessário também a pessoa querer melhorar?

O chá ele é uma ferramenta que tem o potencial de curar, de orientar, de libertar as pessoas daquilo que elas próprias se deixaram amarrar, se deixaram prender, se deixaram trancar dentro daquilo. Mas tudo isso passa pela vontade pelo querer. Se eu quero ser curado, se eu quero ser libertado, se eu quero me melhorar, o chá ele dá essa força, ele dá esse horizonte, dá essa luz na consciência, para que nós possamos realizar esse trabalho conosco mesmo, e nos melhorar e nos amansar.

8 – Como foi a tua primeira experiência com o chá?

A minha primeira experiência com o chá foi muito impactante. Porque eu pude ter acesso a um conteúdo que eu não conseguiria ter em lugar nenhum, porque o conteúdo é o meu eu. O meu ser, a minha consciência. E quando eu bebi o chá pela primeira vez o chá não mexeu com a minha pintura. Ele mexeu com a minha estrutura. E mostrou como que eu era. Como eu estava agindo, o que eu estava fazendo ao me relacionar com as pessoas. O que eu estava fazendo comigo mesmo. Então foi uma experiência de muito impacto porque nos não estamos preparados de ver a verdade de como cada um de nós somos. Claramente dentro de nós. Então quando eu tive essa experiência de ter esse encontro tão forte de autoconhecimento comigo mesmo a partir dali abriu uma centelha pra mim de luz, de autoconhecimento que me permitiu continuar buscando essa ferramenta de forma efetiva para que eu pudesse obter uma melhora, que eu pudesse ter a paz que hoje eu tenho na minha vida.

9 - Muitas pessoas que bebem ayahuasca pela primeira vez não sentem tanto o efeito.

Por que você acha que acontece isso?

Geralmente, nós que nunca tivemos contato com o chá quando vamos beber pela primeira vez o chá não temos ainda um elevado estágio de concentração para saber de como o chá reage ao nosso organismo, na nossa consciência, então é uma experiência muito nova. Por nós não estarmos preparados para entender como trabalhar o chá dentro do nosso organismo e reagir a esse organismo, que está trabalhando sobre o efeito do chá, a gente encontra uma dificuldade de se concentrar num determinado assunto, que nós estejamos buscando nos melhorar. E encontramos um pouco de dificuldade em receber logo de cara um grande de conhecimentos que nós só vamos adquirindo com o tempo, com o autoconhecimento, com a afinidade com o chá. Então é importante quando as pessoas venham ter esse trabalho de conhecer o chá e tentar se conhecer, que elas tenham paciência. Paciência para entender como o chá age no organismo de cada um de nós. E como a nossa consciência se trabalha sobre o efeito do chá.

10 – Qual a importância das amizades feitas no da Escola da Corte Celestial?

As amizades que eu fiz no âmbito ayahuasqueiro, na Escola da Corte Celestial, são amizades que tem um papel fundamental na minha melhora, na qualidade de vida que eu tenho hoje. E acredito na qualidade de vida de qualquer pessoa que frequente um segmento ayahuasqueiro. Porque quando você vai por exemplo, a um bar. Você está rodeado que estão em um ambiente, em um energia de recreação, de lazer. Quando você vem beber o chá você vem encontrar com uma gama de pessoas que estão buscando ordem, estão buscando orientação,

equilíbrio emocional, concentração mental. Então você entra na mesma frequência dessas pessoas. Então isso facilita que a pessoa que esteja buscando se melhorar chegue mais facilmente no objetivo que ela esteja buscando. Então isso pra mim continua sendo muito importante. E as amizades que eu fiz no âmbito ayahuasqueiro foram amizades que eu fiz de coração que certamente levarei por toda minha vida.

11 – O que tu esperaras quando vai tomar o chá?

Depois que a gente aprende a se trabalhar com o chá nós aprendemos que para beber o chá, devemos ir bebe-lo com um objetivo. Então a gente vem se preparando ao longo da semana que nós vamos beber o chá, de forma que no dia que chegarmos aqui para ter a vivência saber o que eu estou buscando, o que que eu tô querendo em beber o chá, o que eu tô querendo resolver comigo, em auxílio ao chá e assim a gente vai se trabalhando, ponto por ponto até que a gente consiga ter uma melhora gradual daquilo que está sendo proposto, conscientemente de se trabalhar para que com o tempo, com esse trabalho, você possa chegar a esse objetivo. E assim é comigo, eu me preparo durante a semana, busco ter hábitos saudáveis. Me abdicar de coisas que me desorganizam, que tiram a minha ordem, para que quando eu chegue no dia da vivência eu possa vim beber o chá, ter uma boa experiência, resolver os problemas que eu vim buscar resolver e saia daqui muito mais em paz do que quando eu cheguei.

12 – O que você pensa para o seu futuro?

Os meus objetivos, os meus valores, as minhas ambições, os meus planos de vida, todos eles foram formatados a partir do momento em que eu decidi me trabalhar com o chá. De maneira que eu decidi começar do zero. Do zero a partir dos meus valores profissionais, buscando fazer um outro curso de graduação, de acordo com outros valores éticos que eu adquiri. Buscando outros valores emocionais. Outros valores de convivência social, que até então eu havia deixado adormecido, e que com trabalho com o auxílio do chá eu pude reanima-los. Pude me reconectar de novo comigo mesmo. E assim, planejar novamente a minha vida. Ter harmonia de buscar convivências que sejam produtivas, de buscar relacionamentos que sejam harmoniosos. Para mim, para minha família e para as pessoas que vivem ao meu redor. E buscar também ter um equilíbrio emocional. De buscar trabalhar com aquilo que me deixa, que me faz feliz. Aquilo que eu possa desenvolver de maneira essencial, de maneira profunda a me satisfazer e ser feliz comigo mesmo, profissionalmente, emocionalmente e em minhas relações sociais que eu busquei desenvolver a partir deste trabalho.

13 – Pensa em seguir tomando ayahuasca por muito tempo?

Quando eu comecei fazendo esse trabalho de tomar ayahuasca e de buscar essa reconexão com o poder superior, comigo mesmo, com a natureza e com os irmãos, eu não tinha a dimensão do potencial que isso teria para a minha vida. A partir do momento que eu entendi esse potencial eu comecei a me trabalhar e hoje eu sigo nesse trabalho e eu irei continuar nesse trabalho. E é um trabalho que até hoje só me trouxe coisas boas, só tive boas aspirações e ainda tenho boas aspirações com ele. Então o trabalho com ayahuasca é um trabalho que eu terei até o fim dos meus dias.

ENTREVISTA REALIZADA NO DIA 09 DE JULHO DE 2018

LOCAL: REALIZADA VIA SKYPE, O ENTREVISTADO ESTAVA EM SANTA BÁRBARA, NA CALIFÓRNIA.

COLABORADOR: DRÁULIO BARROS DE ARAÚJO (46 ANOS)

É PROFESSOR DO INSTITUTO DO CÉREBRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN) ATUA NA ÁREA DE NEUROCIÊNCIAS, COM ÊNFASE NA UTILIZAÇÃO DA IMAGEM FUNCIONAL POR RESSONÂNCIA MAGNÉTICA E ELETROCENFALOGRAFIA NA AVALIAÇÃO DAS BASES NEURAIIS DOS ESTADOS ALTERADOS DE CONSCIÊNCIA INDUZIDOS PELO PSICODÉLICO AYAHUASCA, BEM COMO NA EXPLORAÇÃO DO SEU POTENCIAL ANTIDEPRESSIVO

1 – Porque o senhor acha que desde os anos 90 as pesquisas com psicodélicos vem sendo retomadas por pesquisadores de diferentes partes do mundo?

Esse tipo de substâncias psicodélicas elas vem sendo estudadas pela ciência desde os anos 50. Então nos anos 50 e 60 houve vários projetos de pesquisas, particularmente na Europa e nos Estados Unidos na tentativa de avaliar o potencial terapêutico desse tipo de substância. Na época a principal substância que era estudada era o LSD, embora tivesse alguns grupos de pesquisas que viessem trabalhando com a psilocibina também. O que aconteceu é que no final dos anos 60, por conjunto de motivos, essas substâncias foram proibidas, e ganharam dentro do departamento americano que regula o controle dessas substâncias, ele proibiu substâncias psicodélicas e deu a ele o que é conhecido como um ranking, que ranqueou esse tipo de substâncias como sendo squad one. Esse tipo de substância é conhecido como não tendo nenhum benefício terapêutico e que tem riscos bastante significativos a vida do individuo. Essas substâncias foram enquadradas nessas categorias por uma série de motivos e esses motivos são bastantes complexos da gente discutir agora, mas o que a gente percebe

é que existia uma onda de exagero nos anos 60 e essa onda de exagero acabou culminando na proibição de uma forma muito irracional proibindo o acesso a esse tipo de substância. É quando eu digo que é irracional porque o que acabou acontecendo depois dos anos 60 é que a ciência também passou a ter um acesso restrito a esse tipo de substância, então a ciência não podia mais fazer projetos científicos que usassem esse tipo substância. Isso ficou desse jeito por quase 30 anos, e no início dos anos 2000 a ciência novamente começou a colocar o foco nesse tipo de perspectiva, que é utilizar a substância psicodélica como uma ferramenta terapêutica particularmente em condições humanas que estão ligadas a psiquiatria. Então o uso abusivo de substâncias como álcool, tabaco, cocaína, também a depressão, o transtorno depressivo compulsivo, o transtorno do estresse pós-traumático, todas essas são perspectivas que esse tipo de substância se enquadra perfeitamente. Ou seja, que tem um potencial aparentemente importante no tratamento dessas condições. Nos anos 90, 2000, passou haver uma retomada desse tipo de pesquisa e eu diria que em parte essa retomada se deu pelo fato por exemplo da gente ter uma condição no Brasil de legalidade da *ayahuasca* para fins rituais. Então a ayahuasca não é uma substância que é regulamentada no brasil para fins terapêuticos, mas é uma substância no Brasil que é regulamentada pra uso ritual. E isso abre então uma avenida interessante porque abre a perspectiva da ciência poder investigar um pouco melhor os efeitos da ayahuasca, inclusive um dos efeitos terapêuticos. E aí foi com essas perspectiva que alguns grupos incluindo o nosso grupo no Brasil, então grupos nos Estados Unidos, grupos na Europa passaram a propor projetos de pesquisa que tivessem alguma relação com a investigação dos efeitos desse tipo de substância. Então hoje a gente vê no mundo alguns grupos de pesquisa, não são muitos, uma vez que trabalhar com esse tipo de substância não é trivial, tem dificuldades adicionais quando comparadas a outros projetos de pesquisas, mas então há alguns grupos de pesquisa, hoje, trabalhando com algumas dessas substâncias, então grupos trabalhando com a investigação do potencial terapêutico da psilocibina, grupos trabalhando com a investigação do potencial terapêutico da *ayahuasca* e alguns grupos iniciando a perspectiva de reavaliar uma perspectiva de voltar a usar o potencial terapêutico do LSD, por exemplo. Que dentre todas essas substâncias é a que sofreu o maior retrocesso na pesquisa.

2 – Você acha que no exterior há uma maior valorização dessas pesquisas do que no Brasil?

Não. Eu acho que o que há com relação a essas pesquisas é um certo grau de desconfiança naturalmente, tendo em vista todo o estigma em torno dessas substâncias, a proibição, enfim, tudo que aconteceu nos anos 70. Então existe um estigma natural de trabalhar com esse tipo

de substância e eu diria que esse estigma como qualquer outro estigma, ele acaba atrapalhando e fazendo com que a valorização desse tipo de pesquisa seja reduzida aí no Brasil ou em qualquer outro lugar do mundo.

3 – Seria uma dessas das dificuldades de se trabalhar com esse tipo de pesquisa?

Eu acho que a gente tem uma relação razoável com *ayahuasca* no Brasil, quando eu comparo com a relação aqui nos Estados Unidos ou Europa, com psilocibina, que seriam substâncias análogas a ayahuasca. E eu diria que no Brasil pelo fato da gente ter grupos organizados fazendo uso responsável da *ayahuasca* isso traz um reflexo muito positivo no final das contas. Porque o que a gente observa no Brasil é que embora haja um grupo significativo de pessoas usando ayahuasca como sacramento nas religiões ayahuasqueiras, aparentemente não há um efeito nocivo significativo, ou seja, a gente tem pessoas usando isto de forma responsável e a gente não vê casos de efeitos adversos aparecendo com frequência, se é que há algum caso diretamente relacionado ao uso. Por exemplo, hoje em dia a gente não tem nenhum caso reportado de que o efeito da *ayahuasca* em si ele levou a algum tipo de efeito deletério significativo nesse indivíduo. Então eu diria que no fundo o fato da ayahuasca ser realizada no Brasil faz com que as pessoas naturalmente vão conquistando um pouco mais de maturidade na maneira de encarar esse assunto e na maneira de pensar esse assunto. Porque como ela é uma substância que já foi proibida, uma substância que tem características psicodélicas, a desinformação e preconceito em torno desse tipo de substâncias ainda existem, mas eu diria que no Brasil, comparado com outros lugares no mundo, a gente tá bem.

4 – Como o senhor acha que a mídia representa o chá?

Eu acho que tem de tudo. A ayahuasca é substância que ela congrega vários dos tabus humanos. Ela é enquadrada dentro de um tema de drogas, ela é enquadrada dentro de um tema de raças. Naturalmente que vão aparecer notícias que vão ser divulgadas pela imprensa carregando muitas vezes um pouco desses estigmas, um pouco desses tabus. Agora se você observar o que a imprensa brasileira faz com trabalhos da ciência, com pesquisas que estão sendo feitas com *ayahuasca* o tom é sempre muito positivo, eu diria. E sempre um tom de esperança, que eu acho que é tom que a gente precisa ter mesmo. Considerar que talvez a gente esteja começando a reexplorar substâncias que podem trazer um benefício terapêutico para condições que a gente não tem tipo muito sucesso ultimamente, como as condições de transtornos mentais. Então eu acho que realmente a gente tem que olhar para o nosso trabalho com esperança nesse sentido da gente continuar o trabalho, continuar realizando o nosso trabalho de forma madura, bem feito, de forma ética, de forma séria. E tal maneira

entender que esse tipo de substância carrega a esperança para pacientes que hoje não respondem para terapias convencionais.

5 – Como se deu a metodologia da pesquisa que o senhor é autor e o que ela tem de diferente de outras pesquisas que abordam o mesmo tema?

Acho que vale a pena te contar um pouco da história do projeto para você saber em qual etapa a gente tá. Quando a gente começou a fazer pesquisa científica com *ayahuasca* em 2005, 2006 a gente naquela época começou a ter uma relação de cooperação com uma igreja do santo daime em Ribeirão Preto que serviu para a gente sob vários aspectos. Serviu para avaliar segurança do tipo de projeto que a gente tava interessado em realizar, ouvir a opinião de pessoas que tem experiência com *ayahuasca* sobre os projetos que a gente tava interessado em realizar, ouvir um pouco melhor como que *ayahuasca* é utilizada dentro de um contexto ritual. Então a gente estabeleceu uma relação muito interessante com uma igreja do Santo Daime lá em Ribeirão Preto que é liderada ainda pelo Pelicano e a dona Jacinta, que é um casal que mantém essa igreja do Santo Daime lá em Ribeirão Preto já há bastante tempo. Em 2005 a gente procurou essa igreja para ser aconselhado pelo tipo de projeto que a gente tava interessado em fazer. E aí começamos essa parceria com a igreja de tal maneira que em um desses projetos de pesquisa a gente recrutou voluntários experientes que são pessoas que já eram membros dessa igreja do Santo Daime a vários anos, para participar de um projeto de pesquisa dentro de um hospital lá em Ribeirão Preto ainda. Um projeto de pesquisa que não tinha nada a ver com depressão, era um projeto de pesquisa de neurociência. Nessa época a gente passou a ter contato com as pessoas do daime, e esse contato fez com que a gente entrasse em contato com a literatura científica que já tinha sido publicada até aquela época. E o contato direto com os membros do daime fez a gente entender que talvez a *ayahuasca* tivesse benefício terapêutico em algumas condições. As condições mais claras que a gente identificou na época foi claramente o uso abusivo de substâncias, pessoas que tavam lá na igreja e declaravam espontaneamente que tinham melhorado do uso abusivo de álcool, do uso abusivo de crack, do uso abusivo de tabaco e assim por diante, e que essa melhora se deu pelo uso da *ayahuasca*, foi um fator significativo na melhora desses comportamentos. E a gente observou que algumas pessoas que estavam lá também relatavam espontaneamente que tinham melhorados do sintomas de depressão, alguns deles dizendo que pararam de tomar antidepressivos depois que passaram a fazer uso do chá. Já tinha uma literatura na época, particularmente a literatura em campo de pessoas aqui dos Estados Unidos como Charles Grob, no Brasil Luís Eduardo Luna, o James Callaway, o próprio Rick Strassman, o McKenna, então algumas pessoas dos anos 90 já

estavam mostrando que em trabalhos de campo que as pessoas melhoram do abuso de substâncias, que as pessoas melhoravam da ansiedade e depressão. Bom, com isso em mente então a gente passou a pensar em como a gente poderia propor um projeto clínico, em que nesse projeto clínico a gente avaliaria os efeitos antidepressivos da ayahuasca. E como é que você avalia os efeitos antidepressivos de qualquer substância? Digamos que você tem uma substância qualquer que você quer avaliara se aquela substância tem algum benefício terapêutico, pra depressão a principio. Primeiro passo você tem que garantir que o paciente ele consegue, os efeitos terapêuticos são superiores aos efeitos adversos aquela substância. Então o que a gente fez numa primeira fase foi recrutar 17 pacientes que não tavam respondendo a terapia convencional com antidepressivos. Esses dezessetes pacientes a gente deu uma única dose de ayahuasca a eles e monitorou os sintomas de depressão desses pacientes ao longo de 21 dias usando escalas clínicas para depressão. O que a gente fez basicamente foi avaliar os sintomas de depressão em 17 pacientes depois de uma única dose de ayahuasca e o que a gente observou foi que depois da ayahuasca nos primeiros minutos depois da dose a gente já observou uma redução significativa dos sintomas de depressão. Essa redução depois de uma única dose de ayahuasca ela permaneceu significativa durante 21 dias. Ou seja, o individuo tomou uma única dose de ayahuasca e reduziu os sintomas que ele tava sentindo por pelo menos 21 dias. Esse trabalho tem um problema, esse é o que a gente chama de ensaio aberto, e aí ele tem uma questão mais importante por traz dele que o seguinte, nesse trabalho a gente não controlou pelo efeito placebo e o efeito placebo em depressão é um efeito muito significativo, ele chega a beneficiar 60% das pessoas. Então 60% das pessoas que participam de um trabalho clínico para depressão elas melhoram com uma substância placebo. Então o que a gente fez na segunda fase do trabalho, que a fase que a gente tá agora, foi selecionar um outro grupo de pacientes em que metade dos pacientes iam se submeter a uma sessão com *ayahuasca* e a outra metade ia se submeter a uma sessão idêntica só que com a substância placebo. O que a gente observou dessa vez foi que existe, mesmo que a gente compare com uma sessão placebo, existe um efeito significativo de uma única sessão com ayahuasca 1 dia depois da sessão que nesse caso permaneceu por 7 dias, mesmo comparado ao placebo.

6 – O que ainda falta para se chegar a comprovação de que o chá pode ser usado para fins terapêuticos?

Essa é uma pergunta difícil de responder, porque na ciência biomédica é muito difícil a gente usar a palavra “comprovado”, para qualquer condição humana principalmente. Então, por exemplo, vamo pensar numa condição humana mais simples da gente tratar como a

diabetes. Não é todo tipo de diabetes que tem tratamento para ela, então mesmo que numa condição tão simples como a diabetes a gente não tem um tratamento que é comprovado, em outras palavras a gente não tem um tratamento que funcione em todo mundo. E assim é o caso da *ayahuasca*, a gente não espera ter um tratamento que funcione para todo mundo para que a gente no final das contas tenha algo que seja comprovado. O que a gente tem como próximos passos é seguir o caminho da ciência, que significa o que. Nesse segundo trabalho a gente submeteu 35 pacientes ao tratamento; é muito pouco. E nem todo mundo respondeu, então uma coisa que a gente percebe muito claramente é que a *ayahuasca* não é uma “bala de prata”. Se você for em uma igreja que usa *ayahuasca* como sacramento você vai encontrar pessoas que são membros de religiões ayahuasqueiras e que tem sintomas de depressão, então isso significa naturalmente que a *ayahuasca* não é uma bala de prata, que vai funcionar para todo mundo. O que a gente precisa identificar agora é detectar quais condições a gente otimiza o efeito e naturalmente aumentar o número de indivíduos que participam desse tipo de terapia pra que a gente consiga identificar em quais indivíduos você tem uma melhor resposta e sob quais condições você obtém uma melhor resposta. Diria que esses são os próximos passos naturais.

7 – Qual a importância dessa base científica em torno da pesquisa biomédica com ayahuasca?

Eu acho que você tá certíssimo os tratamentos que a gente tem disponíveis hoje para depressão eles tem efeitos colaterais significativos, só que por outro lado a gente tem que ter a clareza de a *ayahuasca* não seja para todo mundo. Não é todo mundo que gosta de montanha russa. Tem pessoas que vão responder melhor a um antidepressivo comercial do *ayahuasca*. O que eu diria que nesse momento a gente tem é uma esperança para um tratamento que talvez seja mais eficiente do que os tratamentos que a gente tem hoje comercialmente disponíveis. Hoje a gente ainda não sabe se é mais eficiente se é menos eficiente.

8 – O que o senhor acha desse contexto que a saúde mental vive atualmente com muitas pessoas sofrendo de depressão, ansiedade, estresse. Na sua opinião o porquê desse contexto?

O que a gente tenta fazer com a psiquiatria é a mesma coisa que a gente vem fazendo para outras doenças humanas como por exemplo a diabetes. Certamente a diabetes ela é muito mais simples da gente tratar do que a depressão. E ela é muito mais simples da gente tratar do que a depressão porque a diabetes acontece de maneira mais homogênea em diferentes pessoas. Por exemplo, eu consigo fazer um exame de sangue e detectar quantitativamente se

aquela pessoa tem diabetes ou não. Isso já revela a dificuldade de comparação entre diabetes e depressão. Eu não tenho nenhum teste diagnóstico que tá associado a um quadro de depressão. Então nosso conhecimento com relação a diabetes é muito maior do que o nosso conhecimento sobre depressão. Isso acontece basicamente porque a gente trata diabetes pela média das pessoas. Então em média as pessoas respondem bem a certos tratamentos. No caso da depressão ou de transtornos mentais, todos os transtornos são muito individuais. Se você conversa com dois pacientes que tem depressão severa a gente vai observar claramente que os dois quadros são muito diferentes um do outro. É muito difícil a gente encontrar pontos comuns entre dois quadros de depressão. O que os psicodélicos têm um papel importante é porque as experiências com psicodélicos ela é muito única. A ponto de por exemplo a gente saber que algumas substâncias, como por exemplo a *ayahuasca*, a psilocibina são conhecidas pelos indígenas como plantas professoras. Isso aí significa que você sob o efeito da *ayahuasca* você tá trabalhando problemas que estão acontecendo com você exclusivamente com você. Então você tá tratando o indivíduo ao invés de você tratar médias. Ao invés de você tratar grupos de indivíduos, que é o que a gente faz hoje. Então a crise na minha opinião da psiquiatria ela passa pelo fato de que a gente hoje trata transtornos mentais da mesma filosofia que tá por traz do tratamento da diabetes. Isso não funciona tão bem porque a diabetes é muito mais simples do que a depressão.

ENTREVISTA REALIZADA NO DIA 09 DE ABRIL DE 2018

LOCAL: UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

COLABORADOR: MADSON RALIDE FONSECA GOMES (39 ANOS)

É PROFESSOR DO COLEGIADO DE FARMÁCIA DA UNIFAP. É ESPECIALISTA EM FARMACOLOGIA, MESTRE EM QUÍMICA E DOUTOR EM CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS, ALÉM DE POSSUIR PÓS-DOUTORADO A ÁREA DE MEDICAMENTOS FITOTERÁPICOS. ATUA A ÁREA DA FARMÁCIA E BIOQUÍMICA HÁ 18 ANOS. IRÁ FALAR SOBRE A FARMACODINÂMICA E FARMACOCINÉTICA DA *AYAHUASCA*.

Vamos falar um pouquinho hoje sobre o uso do Santo daime, também conhecido como *ayahuasca*. A gente pode perceber que o uso do Santo Daime está relacionado com práticas religiosas. Inclusive no Brasil o seu uso é apenas permitido para esse âmbito. Se for utilizado de outra maneira isso pode repercutir como sendo um crime.

Basicamente o que é usado é uma mistura de duas plantas e que a gente vai conhecer um pouquinho mais a partir de agora. Apenas os locais que fazem uso para fins religiosos estão autorizados a utilizarem o Daime justamente pelo seu potencial alucinógeno, sendo similar a algumas drogas, como por exemplo o LSD.

As plantas utilizadas são basicamente duas. A primeira que nós temos é a *Banisteriopsis Caapi*, que é utilizada as cascas. E essa planta ela é rica em alguns alcaloides chamados harmina, harmalina e a tetrahidorharmina. E elas tem a propriedade de se ligar reversivelmente a uma enzima chamada monoaminaoxidase. Essa monoaminaoxidase, justamente o papel dela é destruir, tirar o excesso de neurotransmissores das fendas sinápticas, como nós estamos vendo nesse esquema aqui. Como que ocorre, o principal neurotransmissor responsável pelos efeitos da ayahuasca é a serotonina, então o que que ocorre, a harmina, esses três componentes da planta eles fazem com que eu tenha um acúmulo dessa serotonina nas fendas sinápticas, inibindo a ação da monoaminaoxidase e não tenho então sua degradação, com isso eu tenho um excesso de serotonina que vai exacerbar os efeitos alucinógenos, por exemplo.

A outra planta é a *Psychotria viridis*, que são usadas aqui as folhas, ela tem como principais componentes a triptamina e a dimetilriptamina, que já se liga de maneira irreversível a monoaminaoxidase. Ou seja, não tem como se desfazer essa ligação. Com isso, da mesma forma, a serotonina que o principal neurotransmissor vai continuar em excesso nas fendas sinápticas, aumentando e mantendo o efeito alucinógeno.

É usado por meio da fervura da casca e folhas, então é uma decocção, isso é feito colocado em uma panela com água e aí é fervido, por um tempo. E aí eu com isso vou ter uma bebida em que eu vou ter os componentes químicos como harmina, tetrahidorharmina, harmalina, a dimetilriptamina. E percebam que a estrutura química de todas as substâncias presentes no Daime, elas tem uma semelhança química muito grande com a serotonina.

Quando a pessoa faz uso dessa bebida, ela pode ter, de acordo com Santos, imagens vistas de olhos fechados, então são realmente alucinações associadas com a prática religiosa, lá as pessoas estão cantando, estão rezando, estão entrando em um estado de integração com Deus, com forças sobrenaturais. E aí elas relatam que elas veem imagens vistas de olhos fechados, estados mentais semelhante ao sonhar, mal estar psicológico e físico que pode também ter vômito, gozo, amorosa serenidade, capacidade de pensar sobre problemas pessoais e metafísicos com uma profundidade enorme, então uma forma de usar a bebida e justamente a pessoa pegar e entrar em contato com as divindades, com os seres do divino, inteligência e intuições em comum, visões da própria morte, sensações de estar planando,

visões do centro geométrico, circular, e também é muito relatado a visão de animais, como tigres, leopardos, jaguares, répteis, serpentes, dragões, dinossauros, inclusive de entidades relacionadas a religião. Então dessa forma, o Daime é utilizado para fins religiosos, as pessoas que fazem o uso naquele momento, estão também associadas a prática religiosa, relatam que ao utilizar da bebida elas podem ter esses tipos de visões relacionadas tanto para o auto conhecimento como também em relação a divindades e do ponto de vista religioso.

ENTREVISTA REALIZADA NO DIA 09 DE ABRIL DE 2018

LOCAL: SEDE ESCOLA DA CORTE CELESTIAL (MAZAGÃO)

COLABORADOR: RAFAEL CÉSAR PITT (38 ANOS)

AMIGO DE ROGÉRIO BRITTO QUE FREQUENTA O MESMO GRUPO AYAHUASQUEIRO QUE O AMIGO.

Quando eu conheci o Miller foi numa sessão de chá e ele me pareceu de um perfil bastante semelhante de muitos outros jovens acadêmicos que eu costumo encontrar, que são aqueles estudantes que talvez não estavam preparados para estudar aprofundadamente alguns conteúdos, que são conteúdos muito fortes do ponto de vista da sua crítica, né. Críticas aos estados nacionais, críticas as formas das instituições democráticas, críticas as leis e aos costumes. Então esse conteúdo as vezes é muito pesado para um jovem que não foi devidamente preparado numa formação. E ele se angústia muito, ele se perturba muito com isso e o Miller era bastante esse perfil: um jovem angustiado, como se o mundo fosse um poço de problemas, como se qualquer atitude positiva tivesse que ser necessariamente contrária ao que está posto aí e angustiado, com pressa, com stress, com raiva, com um monte de sentimentos que na verdade deixavam ele um jovem turbulento. Quando ele falava, ele não conseguia falar no sentido de articular bem, mas sim no sentido propagar a necessidade de uma mudança radical de todas as coisas e esse perfil que eu considero ingênuo ele foi gradualmente tomando consciência de si mesmo, tomando consciência desses conteúdos, que são conteúdos livres, disponibilizados por outras pessoas e com variados propósitos e interpretações. E ele foi também percebendo que o mundo e a realidade como um todo, não é esse poço de problemas. E essa mudança na verdade gerou nele uma pessoa muito mais centrada, equilibrada, mais inteligente porque trabalha com esses conteúdos de uma maneira mais livre e menos ideologizada. E foi muito claramente pela beberagem do chá *ayahuasca*, porque o chá possui uma capacidade terapêutica e também o chá ele, de uma certa maneira, tal como muitos ayahuasqueiros concordam, o chá faz uma limpeza interior dentro da gente. Então essa limpeza ela colocou muita tralha, muito

cacareco, que entupindo o Miller e ele depois disso e ainda hoje é uma pessoa muit mais excelente, muito mais agradável e muito mais produtiva também.

ENTREVISTA REALIZADA NO DIA 01 DE JULHO DE 2018

LOCAL: UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ (MACAPÁ)

COLABORADOR: CHRISTIANO JEAN-JACQUES (38 ANOS)

AMIGO DE GABRIEL SANTOS. ESTUDA RELAÇÕES INTERNACIONAIS NA UNIFAP. JÁ FOI MEMBRO DA UNIÃO DO VEGETAL POR OITO ANOS.

1- Qual seu nome, idade e estuda o que aqui na Unifap?

Meu nome é José Cristiano Jean Jacques, tenho 33 anos, faço o curso de relações internacionais, sou da turma de 2011, tive que dar um tempo por conta de trabalho. Voltei em 2016, aí como a minha turma já não existia mais, comecei a frequentar em outras turmas, então conheci nessas outras turmas conheci o Matheus e mais outros amigos.

2- Tu já teve essa experiência com *ayahuasca*. Queria que tu falasse como foi essa experiência e como o chá te ajudou na tua vida?

A minha experiência com *ayahuasca* começou em meados de 2006. Eu estava vivendo um momento “vida louca”, onde eu estava muito pesado, uso abusivo de drogas de álcool. E muita vagabundagem. E vivia uma vida de andarilho também. E aquilo estava meio que me inquietando também. Na época eu achava que era a ausência de Deus, de sentir um vazio, de não se sentir satisfeito, eu achei de ir procurar uma religião. Só que católico e protestante não atendia a minha compreensão, então foi aí que por meio de um amigo eu conheci na época a União do Vegetal. Aí foi a primeira vez que eu tive um contato com o chá. A primeira vez que eu bebi uma sensação de um *flashback* de todas as coisas que tinham acontecido na minha vida. Até então eu não entendia nada. Estava tudo confuso. A primeira vez foi a pior sensação da minha vida, eu achei que eu ia morrer, porque até então era algo desconhecido. Porém eu tive algo ali que eu nunca senti em outro lugar. Mas depois de um tempo eu comecei a frequentar. Aos poucos eu fui bebendo chá e expandindo minha consciência descobrindo certas coisas e teve uma melhora na minha vida, me auxiliou a me equilibrar e foi legal foi bom, só que por questões religiosas e por questões de dogmas eu preferi não continuar na religião. Só eu entendi que o chá tá muito além de religião. Ele é um veículo de expansão da mente para que a gente possa realmente conhecer.

3 – Tu acha que ainda existe um preconceito com o chá, um imaginário negativo em torno dele?

Com certeza. Ainda tem muito preconceito até hoje. Se com a maconha tem preconceito, se tem todo um estudo, um debate, imagine com o chá. Com o certeza o chá tem um certo preconceito por desconhecimento das pessoas em associarem a drogas. Gera um certo preconceito, muita gente não vê com bons olhos. Só que porém, a gente não pode ter esse senso comum porque o chá é utilizado para uso ritualístico, então a gente não pode ficar no senso comum e achar que é uma droga. Porque se ela tá sendo usado de maneira ritualística foi porque teve todo um processo de estudo pelo CONAD, para que se fosse feito esse uso e liberado na Anvisa. E tem comprovação de que melhora o comportamento, o bem estar de muita gente. Realmente é um encontro contigo mesmo, aí você decide se quer mudar ou não. Não é o chá que vai te obrigar a mudar é você.

4 – O que tu falaria para o Matheus sobre essa experiência que ele vai ter com ayahuasca?

Sim, com certeza. Só que, não depende do chá. Depende da pessoa. O chá te possibilita de fazer esse encontro. Porque muitas coisas do que acontecem, muita depressão, ansiedade, entre outras coisas que todos nós temos, as vezes é fruto da gente controlar mesmo. As vezes a gente não consegue, não tem esse poder. Mas o chá ele mostra nossas inquietudes, a onde a gente precisa melhorar. Mas no fim é agente que decide se quer ou não sanar aquele problema. O chá ele é bom porque ele te proporciona a olhar, mas quem decide é você. Não posso dizer que o chá cura, porque no final quem decide é a gente. Eu recomendo para o Matheus que ele volte lá, se realmente ele queira. É bem legal quando a gente começa a se encontrar com a gente mesmo e resolver consigo mesmo as nossas inquietudes, a gente vai ver que o vegetal melhora outros níveis da nossa vida.

5 – Como tu vê Macapá na questão de lazer e cultura para o adolescente e para o jovem?

Macapá ainda é uma cidade pequena, então ela ainda é fácil de ser administrada. Porém, ainda vivemos meio que atrasados. Macapá não tem muito lazer, a não ser cinema. A gente vai nos bairros periféricos não tem praça para se praticar esportes, não tem desporto, não tem lazer. As únicas praças que se tem são as do Centro. Os lugares que precisam de mais assistência é na periferia também, não é só em determinadas áreas. Se não tem lazer eu vou procurar uma válvula de escape, porque eu sou ser humano, eu tenho o meu batalho do dia a dia. Então o lazer é onde eu vou relaxar, então não tem. E qual é a válvula de escape disso tudo, principalmente para a juventude? As vezes é o shopping, as vezes é o lugar bonito. Só que o shopping é ambiente de consumo nem todo mundo tem dinheiro para acessar o lugar.

E aquele jovem, como é que ele vê? E consumismo estando aí para eu consumir, consumir e eu não tenho dinheiro. E aí eu não tenho válvula de escape, tenho umas e outras festas, tem o álcool, tem a droga, tem o crack, que já chegou aqui em Macapá. Ligado também com a falta de lazer, com a falta de perspectiva no quesito de ter oportunidade para o jovem. É toda uma gama de coisas. A educação que não presta. É toda uma situação que corrobora para que se tenha casos de depressão, falta de perspectiva. Não tem muita perspectiva.

